



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

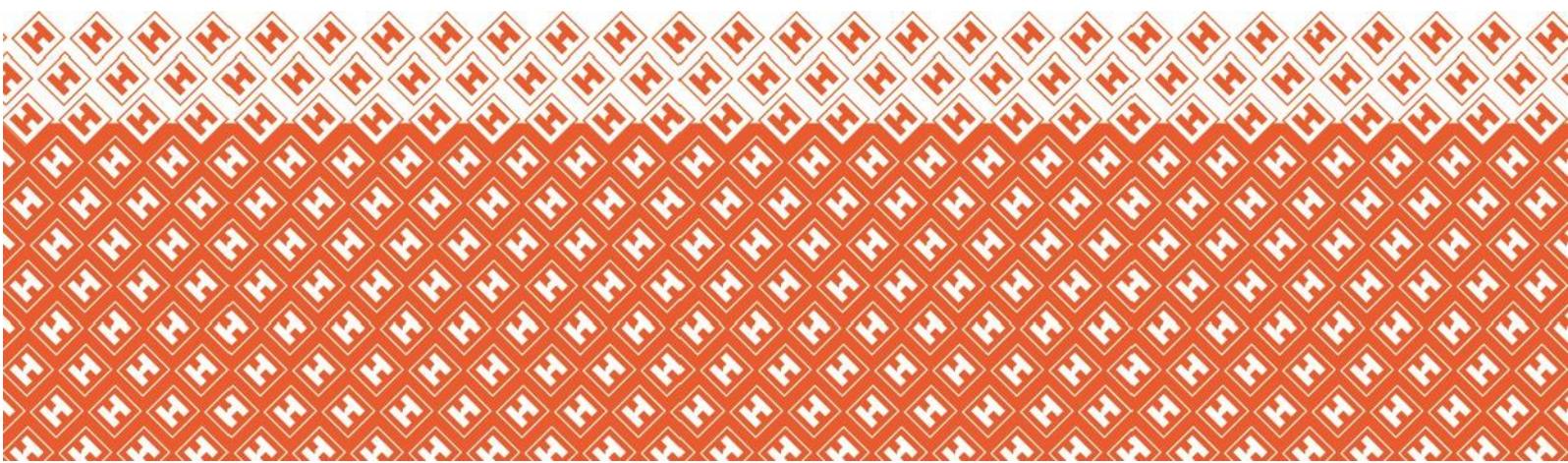
JOÃO PAULO DE OLIVEIRA FARIAS

O USO DE *PODCAST* PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM
DE HISTÓRIA: PRODUÇÃO E DIFUSÃO COM/PARA
ALUNOS DO ENSINO MÉDIO



UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI-URCA

2021



JOÃO PAULO DE OLIVEIRA FARIAS

**O USO DE *PODCAST* PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA:
PRODUÇÃO E DIFUSÃO COM/PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA da Universidade Regional do Cariri com parte da obtenção do título de mestre.

Área de concentração: História/Ensino de História

Linha de Pesquisa: Linguagens e Narrativas Históricas:
Produção e Difusão

Orientadora: Profa. Dra. Sônia Maria de Meneses Silva.

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade Regional do Cariri – URCA
Bibliotecária: Ana Paula Saraiva de Sousa CRB: 3/1000

Farias, João Paulo de Oliveira.

F224u O uso de podcast para o ensino e aprendizagem de história: produção e difusão com/para alunos do ensino médio/ João Paulo de Oliveira Farias. – Crato - CE, 2021

152p.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação de Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA da Universidade Regional do Cariri – URCA.

Orientadora: Prof.^a Dra. Sônia Maria de Meneses Silva.

1. Ensino de história, 2. Metodologias ativas, 3. Tecnologias, 4. Podcast; I. Título.

CDD: 907

JOÃO PAULO DE OLIVEIRA FARIAS
**O USO DE *PODCAST* PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA:
PRODUÇÃO E DIFUSÃO COM/PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

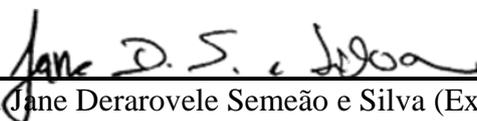
Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História-
PROFHISTÓRIA da Universidade Regional do Cariri-URCA para obtenção do título de Mestre
em História em: 20 de agosto de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Rodrigo de Almeida Ferreira (Examinador Externo)

Universidade Federal Fluminense-UFF/ PROFHISTÓRIA



Profa. Dra. Jane Derarovele Semeão e Silva (Examinador Interno)

Universidade Regional do cariri-URCA



Prof. Dr. Francisco Egberto Melo (Examinador Interno)

Universidade Regional do cariri-URCA



Profa. Dra. Sônia Maria de Meneses Silva (Orientadora)

Universidade Regional do cariri-URCA

Ao meu pai, Sebastião (*in memoriam*) e minha
mãe, Nilza.

À Vanderlene, minha amada e querida esposa e
ao meu filho João Ryan, fruto desse amor.

AGRADECIMENTOS

Para o desenvolvimento deste trabalho tive o apoio efetivo e a colaboração de algumas pessoas durante a caminhada no mestrado. Assim, gostaria de agradecer de modo muito especial:

Primeiramente a Deus, pela dádiva da vida, por todas as bênçãos e por assim conduzir minha trajetória pessoal e profissional.

A minha família, sobretudo ao meu pai, Sebastião (*in memoriam*) e minha mãe Nilza, agricultores que não mediram esforços para eu poder estudar e me desenvolver. Mesmo pouco alfabetizados e em meio a condições financeiras difíceis sempre entenderam a importância da educação e incentivaram eu e meus irmãos a trilharem novos caminhos através do estudo.

Ao meu irmão, Alex e minhas irmãs Gerlandia e Jessica, que acreditam sempre em mim, sendo suportes ao longo da vida e no apoio aos estudos.

Aos meus pequenos e queridos sobrinhos Victor Emanuel, Sebastião e Lucas Davi que crescem, aprendem e ensinam através de momentos cotidianos, sobre a beleza da vida e da simplicidade.

Também ao meu sogro e sogra, aos meus cunhados e cunhada por estarem sempre perto apoiando e auxiliando no que era preciso para que eu pudesse me deslocar e assim cursar essa pós-graduação de forma mais tranquila.

À minha esposa Vanderlene pelo incentivo, companheirismo, carinho e pela paciência a qual acompanhou todas as minhas inquietudes, já que durante o Mestrado tive que ir morar em outra cidade, sendo privado de tantos momentos importantes de convívio familiar. Obrigado pelos intensos diálogos que edificaram este trabalho e por sua presença fundamental na minha caminhada.

Ao meu filho, João Ryan, que durante o processo de escrita desta dissertação também foi gerado, e já traz tantas alegrias e me dar forças para sempre continuar buscando o melhor.

À minha orientadora, Professora Dra. Sônia Meneses, por acreditar no meu projeto de pesquisa e ter aceitado o desafio de orientá-lo, agradeço pelas muitas sugestões desde o início das minhas aulas no Mestrado Profissional de Ensino de História (PROFHISTÓRIA) e ao longo da escrita deste trabalho. Obrigado pela sensibilidade da escuta e das ideias, sem as quais não conseguiria êxito no desenvolvimento de um trabalho tão importante.

Ao professor, Dr. Francisco Egberto Melo, pessoa que admiro e tenho o maior respeito, agradeço pelos conselhos sábios e por toda aprendizagem em suas aulas e principalmente nas contribuições durante a banca de qualificação e defesa.

Ao professor Dr. Rodrigo de Almeida Ferreira, por aceitar o convite de compor a banca examinadora, pelas sugestões de leituras e críticas durante a etapa de qualificação e defesa desta pesquisa.

Igualmente, agradeço a professora Dra. Jane Derarovele Semeão e Silva por compor a banca de defesa e também contribuir na etapa final desta pesquisa.

A todos os professores e professoras do Programa de Pós-graduação do Mestrado Profissional de Ensino de História da Universidade Regional do Cariri-URCA, pelo conhecimento de novas teorias e trocas de aprendizagens nas aulas ofertadas durante nossa formação na pós-graduação.

Aos meus amigos da turma do PROFHISTÓRIA/URCA 2019, pelas conversas, discussões teóricas, apresentações de seminários, aprendizagem conjunta e companheirismo nas horas difíceis e nas horas fáceis. Sentirei falta das nossas pequenas confraternizações ao final de cada período e dos nossos diálogos sobre a sala de aula, a educação brasileira e a política do país.

Por fim, agradeço a todos da Escola Estadual de Educação Profissional Deputado José Maria Melo, Guaraciaba do Norte-CE, principalmente aos alunos e alunas que participaram da minha pesquisa, os quais foram a maior inspiração deste projeto desde o início, e fundamentais para a concretização da mesma.

RESUMO

Nos últimos anos, as transformações ocasionadas pelos novos recursos tecnológicos promoveram mudanças significativas nas formas como interagimos com os diferentes meios, nas construções narrativas e até na nossa percepção de tempo. Em nossas atividades cotidianas, recebemos o auxílio das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) que provocaram intensas mudanças sociais, sendo responsáveis por criar novas formas de convivência e interação. Dentro desse contexto, refletir sobre o ensino de história e os desafios no campo da educação em meio a explosão tecnológica e de comunicação na “Era Digital” e dos novos sujeitos virtuais, se faz de grande importância. Pensar nos desafios que fazem parte do cotidiano do professor de história, relacionado a um mundo cada vez mais conectado e com acesso à informação, mostra que é preciso integrar e utilizar aparatos tecnológicos enquanto recursos pedagógicos para aulas mais interativas e significativas. Nessa conjectura, apresenta-se formidável a investigação da utilização das TICs e, no caso deste trabalho, da ferramenta *podcast* e suas possibilidades de mediação para o ensino e aprendizagem de história bem como suas narrativas. Deste modo, tem-se como um dos focos da pesquisa analisar o potencial da criação de ambientes colaborativos através de plataformas digitais, em especial a viabilidade da produção e difusão de conteúdos históricos, feito com/para os estudantes e professores do Ensino Médio, através de uma linguagem digital, o *podcast*. Portanto, a pesquisa procura discutir algumas das vantagens e desafios do uso das novas tecnologias em sala de aula, especialmente a partir da mídia *podcast*, para o ensino e aprendizagem de história, procurando com isso fazer uma relação entre educação, o lugar do historiador, do professor de história e do próprio ensino de história nos dias atuais.

Palavras-chave: Ensino de História. Metodologias Ativas. Tecnologias. *Podcast*.

ABSTRACT

In the last years, changes caused by new technological resources have provided significant changes in the ways we interact with different media, in our narrative constructions and even in our perception of time. In our daily activities, we receive the help of Information and Communication Technologies that caused intense social changes, being responsible for creating new forms of coexistence and social interaction. In this context, reflect on the teaching of History and the challenges in the field of education amidst the technological and communication explosion in the “Digital Age” and new virtual subjects, is of great significance here. Thinking about the challenges that are part of the history teacher's daily life, related to an increasingly connected world with access to information, shows that it is necessary to integrate and use technological devices as pedagogical resources for more interactive and meaningful classes. In this case, the investigation of the use of Information and Communication Technologies (ICTs) is formidable and, in case of this work, the podcast tool and its mediation possibilities for teaching and learning History as well as its narratives. Thus, one of the research focuses is to analyze the potential of creating collaborative environments through digital platforms in particular the feasibility of producing and disseminating historical content, made with/for high school students and teachers through a digital language, the podcast. Therefore, the research seeks to discuss some of the possibilities, advantages and challenges of using new technologies in classroom, especially from the podcast media, for teaching and learning History, trying to make a relationship between education, the historian's place, the history teacher and the history teaching itself today.

Keywords: History Teaching. Active Methodologies. Technologies. Podcast.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Conversas de WhatsApp entre estudantes e professor sobre a pesquisa....	88
Figura 2 – Conversas dos Grupos de <i>WhatsApp</i> da pesquisa.....	89
Figura 3 – Infográfico.....	92
Figura 4 – Layout do canal de <i>podcast</i> “História de Plantão”	97

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Cursos: Administração e Edificações (Turma A)	74
Gráfico 2 – Cursos: Agropecuária e Informática (Turma B)	74
Gráfico 3 – Localização da residência dos alunos (Turma A)	75
Gráfico 4 – Localização da residência dos alunos (Turma B)	75
Gráfico 5 – Dificuldades no uso de ferramentas digitais pelas turmas pesquisadas (Turma A)	99
Gráfico 6 – Dificuldades no uso de ferramentas digitais pelas turmas pesquisadas (Turma B)	99
Gráfico 7 – O que mais gostou em trabalhar com a mídia <i>podcast</i> na disciplina de história (Turma A)	101
Gráfico 8 – O que mais gostou em trabalhar com a mídia <i>podcast</i> na disciplina de história (Turma B)	102

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Programas de <i>podcasts</i> de conteúdos históricos.....	64
Quadro 2 – Subtemas para serem trabalhados pelos GTs.....	77
Quadro 3 – Primeira caracterização de um projeto de trabalho.....	82
Quadro 4 – Estrutura de algumas etapas da pesquisa.....	83
Quadro 5 – Etapas da pesquisa e produção de materiais.....	84
Quadro 6 – Estrutura para a culminância do projeto de produção de <i>podcast</i>	85
Quadro 7 – Orientações e planejamento para a produção de <i>podcast</i>	97
Quadro 8 – Links dos <i>podcasts</i> do Canal “História de Plantão”	98
Quadro 9 – Percepção dos alunos sobre as vantagens do uso da ferramenta <i>podcast</i> e o aprendizado de História através da temática abordada.....	104
Quadro 10 – Transcrição de algumas respostas.....	105

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Sugestões do nome do canal para os <i>podcast</i> de história.....	96
Tabela 2 – Já havia estudado antes por meio da ferramenta <i>podcast</i>	100
Tabela 3 – A metodologia facilitou a aprendizagem do conteúdo.....	102
Tabela 4- Qual o principal problema encontrado pelos alunos, em relação a realização da atividade que envolveu a pesquisa e a produção de um conteúdo através da mídia <i>podcast</i> na disciplina de história	103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVAS	Ambientes Virtuais de Aprendizagem
ABPOD	Associação Brasileira de Podcasters
ABTE	Associação Brasileira de Tecnologia Educacional
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DCNEB	Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica
EAD	Educação a Distância
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EEEP	Escola Estadual de Educação Profissional
GT	Grupos de Trabalho
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
LEI	Laboratórios de Informática
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
PROFHISTÓRIA	Mestrado Profissional em Ensino de História
OCNEM	Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio
PCNS	Parâmetros Curriculares Nacionais
PCNEM	Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio
PNAD	Pesquisa Nacional de Amostras em Domicílios
PNE	Plano Nacional de Educação
SEDUC	Secretaria de Educação do estado do Ceará
SI	Sociedade da Informação
TE	Tecnologia Educacional
TICS	Tecnologias de Informação e Comunicação
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1: O USO EDUCATIVO DAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO DIGITAL PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.....	23
1.1 As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no contexto do espaço escolar.....	23
1.2 Os desafios e possibilidades do ensino de história na Era Digital.....	29
1.3 Tecnologia e a Cultura Digital: políticas curriculares para o ensino de história.....	37
CAPÍTULO 2: NOVOS RECURSOS METODOLÓGICOS: A MÍDIA <i>PODCAST</i> E O ENSINO DE HISTÓRIA	46
2.1 As tecnologias digitais e ensino de história: aprendizado significativo e educação histórica	46
2.2 Conhecendo a mídia <i>podcast</i> : surgimento e desenvolvimento de uma ferramenta com potencial de aprendizagem	54
2.2.1 A mídia <i>podcast</i> enquanto recurso	59
2.2.2 A mídia <i>podcast</i> como possibilidade de narrativa histórica.....	61
2.3 Metodologias ativas: o uso da mídia <i>podcast</i> para um processo de aprendizagem e autonomia	65
CAPÍTULO 3: PRODUÇÃO DE <i>PODCAST</i>, UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA COM ESTUDANTES DO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO DA EEEP DEPUTADO JOSÉ MARIA MELO.....	72
3.1 <i>Podcast</i> no ensino de história: relato de uma experiência sobre o uso pedagógico do <i>podcast</i> em sala de aula	72
3.1.1 Caracterização, local e contexto da amostra.....	73
3.1.2 Conteúdo proposto para a produção de <i>podcast</i> na disciplina de história pelos alunos..	76
3.1.3 Metodologia e etapas da realização do trabalho de pesquisa	79
3.2 Produção e difusão de <i>podcast</i> : mobilizando saberes para além do espaço escolar	82
3.2.1 Primeira fase do projeto: orientações e sequência didática para a pesquisa temática pelos alunos.....	82
3.2.2 Segunda fase do projeto: planejamento e produção de <i>podcasts</i>	85
3.2.3 Processos de construção: da pesquisa a oficina de produção da mídia <i>podcast</i> com os estudantes	87
3.3 Análise dos dados coletados junto aos estudantes.....	98

3.3.1 Percepção dos discentes sobre a Metodologia de produção de <i>podcast</i> nas aulas de história	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	114
APÊNDICES	121

INTRODUÇÃO

O presente trabalho diz respeito ao resultado da pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), e teve por objetivo principal verificar as possibilidades e os desafios atuais do ensino de história em meio às transformações proporcionadas pelas tecnologias de informação e comunicação, analisando as potencialidades da mídia *podcast* na reflexão e contribuição dos saberes, da produção, mediação e difusão do conhecimento histórico. Buscamos assim, discutir sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no espaço escolar e no ensino de história, identificando como esses recursos, especialmente a mídia *podcast*, pode colaborar com o trabalho do professor de história para tornar as aulas mais significativas e auxiliar na aprendizagem dos estudantes, tornando-se assim um importante suporte pedagógico. Tomamos como referência para o desenvolvimento da pesquisa, as turmas de 2º anos da Escola Estadual de Educação Profissional (EEPP) Deputado José Maria Melo.

A Escola Estadual de Educação Profissional Deputado José Maria Melo, está localizada na Avenida Tenente Matias, s/n, Guaraciaba do Norte-CE a 320 km da capital Fortaleza. A Escola possui o Ensino Médio (EM) integrado à Educação Profissional (EP) e oferece o 1º, 2º e 3º anos distribuídos nos cursos técnicos de Administração, Agropecuária, Edificações e Informática. Tem o total de 510 alunos matriculados e recebe estudantes oriundos de quatro cidades localizadas na Serra da Ibiapaba: Guaraciaba do Norte, Carnaubal, Croatá e São Benedito¹. O público atendido são jovens que vêm de contextos diversificados, alunos que moram na zona urbana, outros na zona rural, alguns em bairros mais privilegiados, outros nas periferias das cidades. A instituição segue uma estrutura padrão de modelo arquitetônico definido pelo Ministério da Educação (MEC), que dentre outros espaços, conta com dois Laboratórios de Informática (LEI) equipados com 40 computadores com acesso à *internet*.

A escolha do tema dessa pesquisa teve como motivações iniciais duas frentes: a primeira, parte de inquietações cotidianas da nossa prática docente, já que pelo fato de eu ser professor da rede pública estadual cearense de ensino desde 2011, inserido no contexto escolar do ensino médio e trabalhando de forma efetiva com a disciplina de história, na qual através das vivências e estudos percebemos algumas problemáticas e nos preocupamos na maneira como este ensino tem sido construído e se consolidado nas práticas pedagógicas, principalmente da sua relação junto aos alunos. Como professor sempre busquei inovar nas aulas para que elas

¹ Dados do ano letivo de 2021.

possam ser mais interativas e os alunos estejam motivados para aprender. O Mestrado Profissional em Ensino de História auxiliou ainda mais para podermos pensar sobre o exercício docente, e de tal modo buscar metodologias que favoreçam aulas mais dinâmicas e desenvolva o saber histórico escolar.

A segunda frente é que fazemos parte de uma realidade em que a sociedade se constrói em meio a muitos recursos tecnológicos, os quais estão plenamente presentes no cotidiano, despertando excepcional atenção, sendo muitas vezes considerados imprescindíveis para o desenvolvimento humano. A nova cultura tecnológica, denominada por alguns autores como *cibercultura* (LEVY, 1999), aponta para mudanças em que há necessidade de acompanhar essas atividades em diferentes setores sociais e na escola não seria diferente, já que no dia a dia somos, e nos deparamos com estudantes imersos a essas novas tendências e produções proporcionadas por esses meios digitais. Assim somos também moldados por uma indústria cultural que modifica as formas como percebemos e recebemos conhecimento, entre os quais está o conhecimento histórico.

Portanto, nesse trabalho se encontram o interesse pela área de ensino de história e a relação com as mudanças provocadas pelas transformações sentidas a partir das novas tecnologias que estão em praticamente todos os âmbitos sociais.

O problema aqui levantado se desdobra especialmente nas seguintes questões: Como as novas tecnologias podem ajudar os alunos a desenvolverem uma aprendizagem significativa no que diz respeito à educação histórica? Como fazer com que as tecnologias móveis sejam melhor aproveitadas, em ambientes como a sala de aula de forma presencial e/ou digital? Uma metodologia ativa que se utilize da produção de *podcasts* pelos estudantes favorece a aprendizagem colaborativa na disciplina de história? Qual o potencial educacional e as fragilidades do uso de *podcast* de conteúdos históricos na sala de aula?

Nessa conjectura, mostra-se importante a investigação da utilização das TICs e neste caso da ferramenta *podcast*, nosso objeto de estudo, e suas possibilidades de mediação para o ensino e aprendizagem de história bem como suas narrativas. Deste modo, tem-se como um dos focos dessa pesquisa analisar o potencial da criação de ambientes colaborativos através de plataformas digitais, em especial a viabilidade da produção e difusão de conteúdos históricos, feito com e para os alunos e professores do Ensino Médio através de uma linguagem digital, o *podcast*. Discutiremos algumas das possibilidades, vantagens e desafios do uso dessas tecnologias em sala de aula para o ensino e aprendizagem de história e de sua repercussão enquanto produção histórica para os espaços públicos, procurando com isso fazer uma relação

entre educação, o lugar do historiador, do professor de história e do próprio ensino de história nos dias atuais.

As demandas contemporâneas, portanto, criam grandes impactos sobre a educação e sobre a própria história. É evidente que as Tecnologias de Informação e Comunicação são difundidas por todo o tecido social, tornando-se assim presentes também na escola, seja através de uma educação informal, já que os estudantes e professores têm contato com esse tipo de conteúdo que de algum modo são trazidas diretamente e indiretamente para dentro da sala de aula ou através de um currículo que procura integrar essa cultura e inclusão digital em seus documentos de referência. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por exemplo, evidencia o papel do uso das novas tecnologias em um de seus principais pilares educativos que é a Cultura Digital. Em duas de suas competências gerais, a BNCC mostra que a comunicação e a cultura digital devem ser inseridas no processo de ensino e aprendizagem, como podemos observar através de sua leitura:

Competência 4-Comunicação: Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos, além de produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

Competência 5. Cultura digital: Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2017, p. 9).

Diante do cenário que se apresenta, o papel dos educadores recebe muitas influências da cultura digital, sendo necessária uma maior reflexão sobre a *práxis* educativa e estratégias que agreguem esses novos valores e demandas contemporâneas, já que outras referências culturais são estabelecidas, as quais devem ser (re)conhecidas, apropriadas e utilizadas enquanto aliadas a educação e ao fazer histórico. Pensar nos desafios que fazem parte do cotidiano do professor de história, relacionado a um mundo cada vez mais conectado, autônomo e com certa mobilidade de acesso à informação, que nem sempre é sinônimo de acesso ao conhecimento, mas que está presente na vida das novas gerações, mostra o inegável dever de promover ações para incorporar os novos métodos ao ensino, contemplando o uso de linguagens diversificadas, bem como criando possibilidades de autoria em sala de aula, utilizando os recursos multimídias no ambiente de aprendizagem, de forma pedagógica e eficiente, assim, sendo um mediador na compreensão histórica. De acordo com Kenski:

Para que as TICs possam trazer alterações no processo educativo, no entanto, elas precisam ser compreendidas e incorporadas pedagogicamente. Isso significa que é necessário respeitar as especificidades do ensino e da própria tecnologia para poder garantir que seu uso, realmente, faça a diferença (KENSKI, 2007, p. 46).

É em meio a essas demandas, desafios e possibilidades do uso e produção advindos com as novas tecnologias que se pretende aqui, analisar e trabalhar com a ferramenta *podcast* no processo de ensino-aprendizagem. Ou seja, procuramos identificar como esses arquivos digitais de áudio que foram possibilitados pelo avanço da Internet, os quais podem ser produzidos, acessados e baixados por diferentes usuários da *web 2.0*, servem como objeto que auxilie também os professores e estudantes a se envolverem tanto na análise, na pesquisa, quanto na produção de conteúdo históricos a partir da sala de aula e através das contribuições de comunicação dessa ferramenta, já que desde o seu surgimento, por volta de 2004 (FREIRE, 2017), tem se mostrado com características e potencialidades que ganham cada dia mais adeptos no mundo digital.

O *podcast* por apresentar diferentes formas de acesso, de uso e também de temas, inclusive aqueles pertencentes ao campo historiográfico, acaba por ocupar destaque também na esfera educacional como inovação nas formas de apropriação de conteúdo e uma importante ferramenta para construção do conhecimento histórico dentro e fora da sala de aula. Assim, é preciso aproximar essa mídia de comunicação e informação do espaço escolar, destacando suas formas de atuação também nos espaços públicos.

Para construção desta dissertação de mestrado e desenvolvimento da pesquisa, foi imprescindível a fundamentação teórica para entender tanto o contexto como conceitos fundamentais sobre a temática abordada. As reflexões e os respectivos conceitos dos autores, foram sendo entrelaçados com a pesquisa a medida do aprofundamento das leituras realizadas, convergindo para aplicação e apontamentos ao longo dos três capítulos da dissertação.

Proponho no capítulo 1, intitulado “O uso educativo das tecnologias de comunicação digital para o ensino de história”, abordar questões teóricas relativas ao uso das tecnologias de comunicação digital e sua relação com a educação, especialmente com o ensino de história. Para isso, foi desenvolvido uma pesquisa que buscou compreender como os recursos tecnológicos contribuem no auxílio e nas práticas pedagógicas dos professores, bem como no processo de construção do conhecimento histórico por parte também dos estudantes.

Abordaremos sobre os principais impactos causados por essas demandas contemporâneas (dentre elas, aquelas impostas principalmente a partir da pandemia da COVID-19), suas possibilidades e desafios, tanto no que diz respeito a educação como a própria história

na Era Digital. Através de uma problematização das necessidades dos alunos do século XXI, frente às mudanças dos espaços de aprendizagem e também das novas diretrizes e documentos de referências curriculares que procuram integrar uma cultura de inclusão digital.

Os principais referenciais teóricos utilizados no capítulo foram: Levy (1999), Rodrigues (2002), Souza (2003), Kenski (2006), Coll, Mauri, Orubia (2010), Moran, Masetto, Behrens (2006), Freiburger e Berbel (2010), Leite et al. (2014), Ferreira (2017), Meneses e Melo (2017), Cabrini (2000), Linard (2020), entre outros.

No segundo capítulo, denominado “Novos recursos metodológicos: a mídia *podcast* e o ensino de história”, apresento a mídia *podcast* através de autores como Moura e Carvalho (2006), Assis e Luiz (2010) e Freire (2017). Nessa proposição, mostrou-se importante a investigação da utilização das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) e em especial da ferramenta *podcast* e suas possibilidades de mediação para o ensino e aprendizagem de história bem como suas narrativas, estabelecendo assim, sua relação com o aprendizado significativo e com a educação histórica. O objetivo, foi problematizar os novos meios de mediar o conhecimento histórico, nos quais acabam construindo narrativas históricas que não são apenas através da escrita.

Procuramos identificar como o uso dos recursos da mídia *podcast* pode colaborar com o trabalho do professor de história para tornar as aulas mais significativas e auxiliar na aprendizagem dos estudantes, para que estes desenvolvam seu conhecimento histórico, assim, professores e alunos podem utilizar essa ferramenta para interagir e entender diferentes contextos a partir do seu cotidiano e de sua “literacia histórica” (LEE, 2016), ou seja, na perspectiva defendida pelo autor, de promover o conhecimento histórico.

Nesta seção, foram apresentadas reflexões importantes sobre os novos recursos tecnológicos que podem ser utilizados com diferentes metodologias no espaço da sala de aula, ou em outros ambientes para o auxílio do professor e também do aluno, especialmente aquele do diálogo com nosso objeto de pesquisa, a mídia *podcast*. Trataremos ainda, sobre alguns dos aspectos referentes ao espaço em que é lançado e também divulgado esses arquivos digitais.

Sobre o campo de atuação do professor de história na Educação Básica e do historiador em relação ao tempo presente trago no capítulo, impressões pessoais dialogantes com autores como Bittencourt (2008), Schmidt (2010;2014,), Silva (2011), Delgado e Maynard (2012), Bacich e Moran (2018), Lee (2016), Rüsen (2001), entre outros.

No capítulo três, intitulado “Produção de *podcast*, uma experiência didática com estudantes do 2º ano do ensino médio da EEEP Deputado José Maria Melo”, será apresentado os percursos didáticos envolvendo a utilização, produção e difusão da mídia *podcast* sobre

temáticas históricas, realizadas pelos estudantes das turmas de 2º ano da EEEP Deputado José Maria Melo, *lócus* da pesquisa. A partir do desenvolvimento das ações dispostas no trabalho, procuramos oferecer aos nossos estudantes atividades escolares de cunho investigativo, produtivo e que favorecesse a problematização e o conhecimento relacionados às temáticas que contemplem um olhar mais crítico sobre a sociedade que estamos inseridos. Assim foi realizado um levantamento do potencial e dos desafios da mídia *podcast* no contexto escolar e de seu desenvolvimento e possibilidades para o ensino de história, através de sua produção e difusão.

Por meio dos Trabalhos em Grupos, os alunos puderam desenvolver um exercício coletivo, seus protagonismos, suas redes de relacionamentos produtivos e de contribuição dentro das equipes, os Grupos de Trabalho (GTs), em que foram vivenciadas práticas de ensino e uma ampliação da comunicação com mais pessoas, já que os *podcasts* produzidos também estão divulgados em diferentes meios agregadores dessa mídia, ampliando as práticas historiográficas e potencializando as produções autorais, com responsabilidade em relação ao conhecimento histórico estudantil.

A produção de conteúdos específicos criados pelos alunos, e que está na discussão final desta dissertação, versa sobre o tema “*Conceito de escravidão em perspectivas: contextos históricos diversos*”, seguindo o Plano de Ensino, as diretrizes curriculares do ensino de história das turmas de 2º anos da escola, e a relevância do entendimento sobre esses conceitos. No capítulo são apresentados os passos seguidos desde a pesquisa, a elaboração de roteiro, a criação dos programas temáticos e a divulgação dessas mídias, produto deste trabalho.

A partir da pesquisa realizada, obteve-se resultados sobre como estudantes e professores podem utilizar das tecnologias de informação e comunicação no ensino e aprendizagem, estabelecendo com isso uma relação das possíveis colaborações dessas novas ferramentas na realização de ações inovadoras no ensino e na produção do saber escolar, especialmente da utilização das mídias *podcasts* e de conteúdos voltados para a disciplina de história, de forma protagonista e atuante dentro da escola e da comunidade através e voltados para uma melhor reflexão histórica.

CAPÍTULO 1: O USO EDUCATIVO DAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO DIGITAL PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

1.1 As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no contexto do espaço escolar

Nos últimos anos percebemos que o mundo passou por grandes transformações em várias esferas e em todas as relações humanas. Uma das características do século XXI é a dinamicidade das formas como adquirimos informação e conhecimento. Os novos recursos tecnológicos promoveram mudanças significativas na maneira como interagimos com os diferentes meios sociais, as construções narrativas e até nossa percepção de tempo. A propagação de informação e comunicação incide em uma velocidade antes inimaginável. Tempo e espaço acabam sendo vencidos pelas novas invenções tecnológicas que, a cada dia conquistam mais adeptos, fazendo com que o mundo virtual cresça. Pode-se dizer que a característica principal dessa sociedade é a rapidez e fluidez com que as coisas acontecem. Em nossas atividades cotidianas, tanto profissionais quanto de entretenimento, recebemos o auxílio das Tecnologias de Informação e Comunicação.

Para entendimento sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), podemos nos apropriar de Kenski (2006) que ressalta a junção da tecnologia computacional com a tecnologia das telecomunicações presente nas últimas décadas. Essas possibilidades criadas a partir do desenvolvimento da *internet* e da *web* impuseram intensas mudanças sociais, sendo responsáveis por criar novas formas de convivência e interação entre as pessoas, estabelecendo-as em um novo ambiente social. De tal modo, é possível afirmar ser inegável a presença das novas tecnologias no espaço escolar, já que alunos e professores fazem parte desse mundo digital, em que são incluídas informações circundantes de espaços tecnológicos abrangidos, dentre outros, pelas redes de computadores. Conforme o autor:

As novas tecnologias de informação e comunicação, caracterizadas como midiáticas, são, portanto, mais do que simples suportes. Elas interferem em nosso modo de pensar, sentir, agir, de nos relacionarmos socialmente e adquirirmos conhecimentos. Criam uma nova cultura e um novo modelo de sociedade (KENSKI, 2006, p. 23).

Debater sobre temas que envolvem tecnologias digitais e ensino é sempre algo curioso e ainda gera constantes controvérsias. Ainda existem muitos desafios nos diferentes campos educacionais quanto a questão das possibilidades de uso desses recursos digitais, desde a parte

da administração escolar, seja através de leis e regras que inibem o uso em sala de aula², seja da dinamicidade com que se dá o desenvolvimento da *cibercultura*³ (LEVY, 1999), através da popularização e acessibilidade de tecnologias móveis em diferentes meios sociais, incluindo a realidade de muitos estudantes.

O ano de 2020, por exemplo, acabou por trazer ainda mais reflexões acerca do tema, dadas as circunstâncias proporcionadas pela pandemia do novo coronavírus em vários setores sociais, incluindo a educação, que teve sua rotina fortemente afetada pela pandemia do novo Coronavírus (*COVID-19*). Com o processo de quarentena e fechamento das instituições de ensino em todo o Brasil, a dinamicidade das aulas foi alterada, sendo intensamente marcada pelo uso das tecnologias digitais e os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAS) para realização de suas atividades. A tecnologia digital passou a ser a principal aliada ao ensino, que se deu em sua maior parte a distância e de forma remota durante o decorrer do ano letivo. No entanto, esse novo formato enfrentou e enfrenta diversas barreiras que colocaram ainda mais em evidência a capacidade da gestão pública, a formação dos professores, as instituições e os currículos escolares, bem como as desigualdades de acesso existentes em diferentes campos no que diz respeito aos equipamentos e à *internet*, principalmente por parte dos estudantes.

As novas demandas, portanto, nos possibilitaram ainda mais reflexões necessárias sobre a inserção das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem, devendo estas serem estratégias das políticas educacionais.

O aluno do século XXI não depende apenas da escola e do professor para adquirir conhecimento, muitas vezes pode fazer isso de casa, através do computador, *tablet* e/ou *smartphones* e seus periféricos. De acordo com seu interesse e necessidade, é possível que o aluno se torne um sujeito ativo da sua própria aprendizagem. Nesse novo espaço o papel do professor e da escola precisou ou precisa mudar sensivelmente, tendo assim que repensar suas práticas e de se reinventar, pois, novos desafios surgem e sua função desde então, tem passado por transformações e questionamentos dentro desse novo contexto.

De tal modo, as tecnologias presentes nas escolas, que possuem equipamentos como laboratórios de informática e dispõem de computadores e *internet*, e a evidente inserção dos

² No Ceará, por exemplo, ainda está em vigor a LEI Nº 14.146, de 25.06.08 (D.O. DE 30.06.08), que dispõe sobre a proibição do uso de equipamentos de comunicação, eletrônicos e outros aparelhos similares, nos estabelecimentos de ensino do Estado, durante o horário das aulas, algo que se tornou controverso, principalmente com o contexto da Pandemia da COVID-19.

³ A *cibercultura* trata-se de uma definição estabelecida a partir da cultura contemporânea que tem como um de seus principais marcos as tecnologias digitais, em que coloca em evidências novos agenciamentos sociais que se estabelecem através do espaço eletrônico virtual. Levy, indica, entre outros os impactos que as novas tecnologias instituíram a partir de construções coletivas em uma sociedade de novos sujeitos que se mantém conectados através da emergência do ciberespaço.

estudantes na cultura digital⁴ (CASTELLS,1999), através das mais diferentes tecnologias e recursos promovidos pela proliferação e acesso a bens da cultura de consumo, como os atuais *smarthphones*, devem acontecer de forma que estabeleça uma articulação no processo de ensino e aprendizagem para o desenvolvimento dos estudantes e das práticas pedagógicas, visto que esses recursos fazem parte de suas construções enquanto sujeitos individuais e sociais.

Assim, não é mais possível manter metodologias estáticas com uma geração em constante mudanças. Sobre esse processo, Souza (2003) expõe que:

Com a utilização da Internet como instrumento de pesquisa visando a busca e a troca de informações com o mundo, tende a ser criada uma nova forma de lidar com o conhecimento, onde o professor deixa de ser o único detentor de saber e passa a ser o mediador entre o conhecimento e o aluno. Dessa forma, além de ensinar, compartilha de novas aprendizagens com sua turma (SOUZA, 2003, p.16).

Para Freiberger e Berbel (2010), em uma sociedade complexa como a que vivemos, o desenvolvimento das competências e habilidades nos estudantes, devem ser responsabilidade escolar. Citando Demo (2003) e Penin (2001), os autores mostram a necessidade dos estudantes em ter que desenvolver sua autonomia intelectual e consciência crítica, para que estes se tornem sujeitos ativos no seu próprio processo de aprendizagem e nas práticas sociais (FREIBERGER & BERBEL, 2010, p. 7890). Alertam, no entanto, que os professores nas últimas décadas percebem algumas dificuldades e um aumento no desinteresse por parte dos estudantes pelos conteúdos apresentados em sala de aula e ainda uma diminuição na importância de sua autoridade e de sua função social (FREIBERGER & BERBEL, 2010, p.7892). De tal modo, cabe ao professor e a escola buscar alternativas a esses problemas encontrados. Uma das possibilidades para esses grandes desafios se dá através de novas maneiras de ensino e pesquisas, para e junto aos estudantes. Integrar e inserir as novas tecnologias no cotidiano, através de metodologias ativas podem criar algumas dessas alternativas.

O uso das TICs de forma assertiva possibilita transformar as práticas pedagógicas. No ambiente escolar, a utilização de tecnologia, por vezes, está sendo pensada como renovadora dessas práticas, visto que os dispositivos tecnológicos atraem significativamente os jovens, quando são inseridos através de metodologias e didática apropriadas, estabelecidas através da Tecnologia Educacional (TE). Para entender o conceito de Tecnologia Educacional e

⁴ O sociólogo espanhol Manuel Castells, defende que vivemos em um momento de ruptura, onde a tecnologia da informação se insere de diferentes formas culturais, ou seja, no modo de vida, nas práticas sociais, nas representações, em que a cultura digital caracteriza o nosso tempo, justificando entender uma sociedade em rede, transformada pelas mudanças provocadas com as linguagens digitais.

estabelecer o valor desse campo, vejamos o que já dizia a Associação Brasileira de Tecnologia Educacional (ABTE), nos anos de 1982:

A Tecnologia Educacional fundamenta-se em uma opção filosófica, centrada no desenvolvimento integral do homem, inserido na dinâmica de transformação social; concretiza-se pela aplicação de novas teorias, princípios, conceitos e técnicas, num esforço permanente de renovação da educação (ABTE, 1982, p.17 *apud* LEITE *et al.*, 2014, p.9).

Portanto, enquanto instrumento pedagógico, as novas tecnologias digitais, principalmente as TICs devem ser usadas pelo professor com o objetivo de compreender que a educação está para além da simplificação da transferência do conhecimento, se dá através de todo o processo de construção, que deve ser em conjunto e partilhados, que vise a renovação e desenvolvimento, principalmente dos estudantes. Para uma educação transformadora e de qualidade não basta apenas o domínio das TICs pelo professor, é preciso que ela seja utilizada dentro de um contexto pedagógico que ressalte o desenvolvimento integral das partes envolvidas, ou seja, estudantes, professores e a sociedade nos seus diversos setores e em suas dimensões intelectual, social, cultural e política (LEITE *et al.*, 2014, p.9).

Leite *et al.* (2014), corroboram que os usos das novas tecnologias pelos educadores, devem estar inseridas através de uma alfabetização tecnológica por parte destes, ou seja, é preciso que os professores saibam utilizar esses recursos, de forma que sejam capazes de auxiliar no conhecimento, através do processo de uma aprendizagem voltada para ser um instrumento democrático e também abranger “o domínio crítico da linguagem tecnológica”. Assim, para as autoras o conceito de alfabetização tecnológica do professor:

Envolve o domínio contínuo e crescente das tecnologias que estão na escola e na sociedade, mediante o relacionamento crítico com elas. Este domínio se traduz em uma percepção global do papel das tecnologias na organização do mundo atual e na capacidade do professor em lidar com as diversas tecnologias, interpretando sua linguagem e criando novas formas de expressão, além de distinguir como, quando e por que são importantes e devem ser utilizadas no processo educativo (LEITE *et al.*, 2014, p.15-16).

Desse modo, conhecer e dominar essas tecnologias a partir desse relacionamento crítico deve fazer parte do trabalho do professor, pois assim, será possível estabelecer práticas pedagógicas voltadas para a emancipação e ações transformadoras tanto para os educadores, quanto para os educandos, já que a escola deve ser sempre esse espaço de interações sociais e produções de conhecimentos.

No ensino de história a inserção da Tecnologia Educacional por meio das TICs, pode ampliar as possibilidades de ensino, aprendizagem e produção através da interação professor-aluno-conhecimento, oportunizando a criação de ambientes de colaboração e cooperação que podem auxiliar na construção do conhecimento por parte do educando e na diversificação de fontes usadas na rotina da sala de aula.

Vemos que esses ambientes, fontes e tecnologias, por vezes digitais, propiciam o desenvolvimento de meios participativos e atrativos capazes de ir além do espaço físico e do tempo reduzido das aulas presenciais, podendo ter impactos significativos na aprendizagem e na aquisição de uma cultura que dialoga com essas demandas, já que a escola deve ser também local de produção e significação de conhecimento, bem como espaço privilegiado das diversas formas de relações humanas. De acordo com Ferreira (2017):

A dinâmica da sala de aula faz do processo ensino-aprendizagem um momento rico e plural. As trocas se fazem entre os saberes: profissional; acadêmico; estudantil (atrelado contexto social); histórico circulante (literatura, filmes, novelas, museus, etc.). Enfim, nessa vivência aparecem os locais de experiência do professor, do aluno, da comunidade escolar, da sociedade (FERREIRA, 2017, p.144).

A dinamicidade do meio tecnológico, através do digital, permite aos indivíduos forte interação. Nele as pessoas podem deixar de ser meros receptores de informações e participar ativamente. Professores e alunos também podem produzir conteúdo originais por meio das TICs, ambos podem ser construtores de conhecimento, colocando mestres e aprendizes juntos, como colaboradores e não apenas como espectadores. Em especial para o ensino de história, o uso das novas tecnologias tem se mostrado com enorme potencial, sendo capaz de tornar o processo de ensino-aprendizagem mais atrativo e dinâmico, através da inserção de alguns recursos que podem auxiliar na aquisição e consolidação de conceitos importantes, com uma magnitude de detalhes alcançadas por meio de seus usos. Segundo Rodrigues (2002):

O ambiente de ensino tem uma nova ressignificação nos dias atuais: A sala de aula, como espaço social, representa um campo plural e permanente de construção de saberes a partir de interações e representações que constituem as estruturas de produção de saberes. As interações incorporam significados gerados pelas representações e, estas, por sua vez, são reelaboradas pelas novas interações, criando novos significados, mediatizados pelo discurso de sujeitos situados em um determinado horizonte social, neste caso, o espaço geográfico da sala de aula, da escola ou da sociedade (RODRIGUES, 2002, p. 1 apud CASSEMIRO, 2016).

Apesar de existirem docentes que resistem ao uso das TICs em suas aulas, por outro lado, é crescente os que percebem a necessidade de inovar e se reinventar, que reconhecem que na atual conjuntura impõe o uso de ferramentas disponíveis para tornar seus métodos mais

eficientes, trazendo mais motivação e interesse para esses jovens, que nasceram em um mundo transformado pela tecnologia e pelo digital, os denominados “*nativos digitais*”⁵ (PRENSKY, 2001). Esses educadores sabem que as exigências atuais cresceram e suas responsabilidades também aumentaram. Se antes o domínio do conteúdo e a divulgação de seu conhecimento na sala de aula lhe bastava, hoje isso já não é suficiente para garantir o bom desempenho e sua função social, pois é preciso cada vez mais uma divulgação científica do nosso campo, o que se dá de certa maneira através do diálogo com o digital e da inserção de nossas produções historiográficas também nos espaços públicos ampliados pelas TICs.

De acordo com Vidal e Maia (2015):

A sociedade do conhecimento do século XXI vem exigindo, cada vez mais, a melhoria dos padrões de qualidade na educação. Com isso demandam novas posturas profissionais daqueles que estão atuando em suas atividades laborais. A educação é convocada a revisar-se, a instituir novas práticas e consolidar boas experiências e os professores são os principais atores mobilizados a apresentar respostas a esses processos de mudanças (MAIA; VIDAL, 2015, p.21).

Todos nós de algum modo já fomos modificados pela comunicação e pela cultura digital, que permeiam o tempo nas diversas esferas de nossa vida. Não se pode negar que as novas tecnologias causam um grande fascínio, e especialmente os jovens, estão dedicando uma parte significativa de seu tempo ao mundo virtual, principalmente nas redes sociais. O *smartphone* que se popularizou nos últimos anos, praticamente se tornou uma extensão do indivíduo. Como já mencionado, existem controvérsias em relação ao uso dessas tecnologias no espaço escolar, e as mesmas não podem ser vistas simplesmente como garantidoras de qualidade e excelência.

Segundo SÍBILIA (2012, p.12) é preciso considerar as particularidades e as características subjetivas das tecnologias e seus usos no ambiente escolar, observando os “espaços de encontro e diálogo” (SÍBILIA, 2012, p. 211). Porém, se quisermos administrar de forma planejada essas transformações, em primeiro lugar, é preciso estudá-la, reconhecê-la e refletir sobre seu alcance para avaliar em que grau, contexto e circunstâncias cada um de nós pode agir de maneira mais consequente e aproveitar as possibilidades para seu uso na educação e em nossa área de atuação, buscando meios de construir alternativas para algumas crises vivenciadas pela escola e pelo ensino nos últimos tempos.

⁵ O norte-americano Marc Prensky com base em seus estudos no início do século XXI, utilizou o termo nativo digital. A expressão servia como uma forma de indicar aqueles que nasceram e se desenvolvem em meio a uma cultura tida como digital e que, por causa disso, experimentavam de habilidades específicas e diferenciadas, advindas do contato com essas novas ferramentas tecnológicas desse novo tempo.

De acordo com Vidal e Maia (2015), as novas tecnologias e os processos educacionais devem seguir na mesma direção, visto que os indivíduos que estão na escola e nos espaços educacionais também dialogam entre si, interagem, aprendem e se comunicam utilizando as telecomunicações disponíveis na *internet* e suas formas de representações e mentalidades.

1.2 Os desafios e possibilidades do ensino de história na Era Digital

Muitos estudos referentes ao ensino de história nascem das indagações do porquê estudar história, qual razão efetiva existe para o mesmo, principalmente qual a razão para a preocupação na maneira como este ensino tem sido construído. Segundo Peter Lee (2016), a Educação Histórica, como a própria história é uma conquista precária, possuindo suas normas e critérios, assim é preciso entendê-las, se permitir e auxiliar os alunos a compreenderem seus passados históricos utilizáveis (LEE, 2016, p.107). O autor também, nos aponta a história como sendo forma pública de conhecimento, que precisa ser desenvolvida e praticada com respeito e cuidado nas escolas (LEE, 2016).

A educação no Brasil em síntese pontual, ainda enfrenta muitos problemas, e quando o assunto é ensino de história na educação básica, não é diferente. Existem várias adversidades. Porque os alunos encontram tantas barreiras no estudo de história? Os professores estão preparados para algumas situações e dificuldades encontradas em sala de aula? Essas barreiras são criadas pelos alunos ou pelos professores? A escola e o Estado proporcionam infraestrutura e materiais adequados para melhorar o processo educacional? A formação docente responde a essas necessidades contemporâneas e tecnológicas? Não é de hoje que professores se deparam, diariamente, com dúvidas sobre o que ensinar e como ensinar. Tais problemas afetam de maneira direta e/ou indireta a forma como são repassados os conteúdos em sala de aula e, diante de tantas adversidades vivenciadas na educação, principalmente no ensino público, ainda encontramos: alunos dispersos, falta de atenção e outros problemas.

Ainda predomina entre os professores de história metodologias que priorizam aulas expositivas e que valorizam a memorização, fato, que acaba por afastar os estudantes ainda mais dessa área de conhecimento, pois na maioria das vezes o discente não consegue estabelecer uma relação entre esse ensino e o mundo em que ele está inserido, dificultando o conhecimento histórico e sua participação de forma ativa. A história enquanto disciplina educacional, ainda tem permanecido distante do interesse dos estudantes, presa às fórmulas prontas do discurso dos livros didáticos ou regulada as práticas determinadas pelo calendário cívico, muitas vezes

não fortalecendo o senso crítico nos alunos, os quais recebem as informações sem nenhum tipo de questionamento. Para Conceição Cabrini:

O aluno deve exercer seu senso crítico, perder o medo e a preguiça de fazê-lo, atitudes estas tão próprias de uma sociedade que nos leva cada vez mais a consumir como mercadoria o conhecimento pronto e acabado. Muitas vezes, é o próprio aluno (até mesmo na universidade) que oferece forte resistência em mudar essa situação, pressionando o professor a dar somente aulas expositivas, recusando-se, portanto, ele mesmo, à leitura e à reflexão (CABRINI, 2000, p 67).

É necessário que se afirme a importância da história no currículo escolar, e acima de tudo, que se entenda que esta disciplina pode desenvolver os alunos como sujeitos conscientes, criando nestes, habilidade de crítica à(s) sua(s) própria(s) realidade(s). O ensino da disciplina deve contribuir para a formação afetiva, intelectual, cultural e política dos estudantes, estimulando e desenvolvendo aptidões, reflexões e o senso crítico, que devem ser despertados desde os primeiros contatos da criança com este estudo. Assim, é possível que o educando “cresça” com toda uma equipagem de conhecimento histórico necessária para seu cotidiano escolar e social. Para Lee (2016):

[...]o ensino de história envolve o desenvolvimento de um aparato conceitual de segunda ordem que permite que a história siga em frente, em vez de imobilizá-la e, ao fazê-lo, abre a perspectiva de mudança de uma visão cotidiana da natureza e do estado do conhecimento do passado para uma de conhecimento histórico. Isto nos permite dar conta do que significa saber um pouco de história (LEE, 2016, p.107).

É através da compreensão histórica, utilizada por Peter Lee mediante o conceito de “literacia histórica”, que os estudantes conseguirão se orientar no tempo e ainda, permitir que estes adquiram uma compreensão sobre sua realidade. Para o autor, mais do que aprender um amontoado de informação sobre o passado, os estudantes precisam saber ler e compreender historicamente. É somente a partir dessa leitura que a “história se torna significativamente possível para eles” (LEE, 2016, p.117). Deste modo, a educação histórica torna-se necessária e importante, principalmente para a vida prática.

Então, como auxiliar o estudante nesse processo de leitura e compreensão histórica? Produzir conhecimento não é uma tarefa muito simples, principalmente no campo da história, pois nem todos os professores estão preparados ou têm condição para tanto e, ainda, pelo fato da disciplina encontrar tantas resistências entre os alunos. Como já enfatizado no texto e na leitura dos vários autores que trabalham a temática, o estudo de história é uma matéria de grande importância no percurso didático e deve ser desperta de forma que a mesma auxilie nesse processo de “leitura do mundo”, estabelecendo uma formação pessoal e social,

[...] suas múltiplas relações com as várias dimensões da sociedade, sua posição como instrumento científico, político, cultural, para diferentes grupos, indica a riqueza de possibilidades para o seu estudo e o quanto ainda há para investigar (FONSECA, 2003, p.28).

Portanto, a análise dessas tentativas de fazer os alunos compreenderem o sentido das aulas de história, proporcionando-lhes instrumentos necessários para poderem vislumbrar todos os lados de uma mesma questão e assim refletirem a partir de diferentes interpretações, através de uma “literacia história” (LEE, 2016), é imprescindível no trabalho docente e no contexto escolar.

Ao analisar a formação dos professores no Brasil, Luis Fernando Cerri (2013) mostra que aqui, existia uma prática formativa que predizia como passo inicial dos professores primeiramente aprender o que ensinar- conhecimento científico-para depois, quando este já estivesse em exercício docente, aprender as formas de como ensinar- práticas pedagógicas.

(...) à docência se aprendia na própria sala de aula, num contexto em que a autoridade do professor e a obediência do aluno eram dados que derivavam naturalmente das relações familiares e sociais de então. Quando aparecem os primeiros cursos superiores de formação docente (licenciaturas), não é surpreendente que o desenho curricular preveja um período inicial de estudos específicos na área escolhida e um período posterior, de estudos pedagógicos e prática de ensino (estágios ou residência) (CERRI, 2013, p.170).

Este cenário, estabelecia o docente como uma pessoa que através de seus esforços próprios conseguiriam estabelecer a aprendizagem junto aos alunos, e que seu conhecimento científico já lhe bastava para esse processo. O professor, criava assim, metodologias que envolviam domínio da turma, muitas vezes mediante a uma relação de autoridade, que seguia em direção ao autoritarismo, portanto, considerados como mestres absolutos do conhecimento em sala de aula.

Maria Auxiliadora Schmidt (2010), assinala também sobre as dificuldades da formação adequada do professor, bem como do seu cotidiano escolar, ressaltando a importância de políticas concretas para a efetivação de medidas favoráveis às mudanças tão necessárias para o processo de ensino e aprendizagem, que precisam de diferentes práticas e novos recursos:

Um grande conjunto de variáveis pode ser responsabilizado pelo relativo insucesso da renovação do ensino de História, destacando-se, principalmente, o descaso a que vem sendo submetida a educação brasileira por parte das autoridades governamentais. Na verdade, pode-se afirmar que o quadro negro ainda persiste na educação brasileira, inclusive, e muitas vezes, como único recurso, na formação do professor e no cotidiano da sala de aula. E é neste contexto que se pode falar do significado da formação do professor e o cotidiano da sala de aula, dos seus dilaceramentos, embates e do fazer histórico (SCHMIDT, 2010. p.116).

Um ponto interessante, é considerar a maneira de como alguns professores se utilizam de metodologias e recursos que afetam, dentre outros, à própria concepção e compreensão do conhecimento histórico, pois são muitos os que ainda usam das mesmas práticas pedagógicas, colocando em evidência a tradicional maneira de ensinar história, em que se concentram há anos nessa estrutura de ensino, “educando” os alunos de modo que essas práticas desprezam a reflexão histórica. O trabalho de Marília Beatriz Azevedo Cruz nos indica alguns problemas e os questionamentos sobre modelos tradicionais de ensino, em que alguns educadores ainda se encontram, os quais:

[...] promove uma visão limitada do conhecimento, favorecendo a formação de mentes acríticas e passivas, meros propósitos de fatos e informações fragmentadas, contribuindo para uma concepção também acrítica da sociedade que passa a ser aceita, também, como pronta e acabada, portanto, não passível de ser transformada (CRUZ, 2004, p.69).

Uma boa formação docente, bem como recursos e estratégias metodológicas, são importantes para a afirmação de uma educação histórica e o estabelecimento da construção de seu conhecimento a partir da sala de aula.

O ensino de história na educação básica deve ser pensado, de modo a atender os anseios de grupos cada vez mais exigentes e modificados pelas transformações contemporâneas, estudantes que chegam à escola moldados pelas várias mudanças ocorridas nos diversos meios sociais, culturais, econômicos e tecnológicos de seu cotidiano. Hoje, mais do que nunca, o trabalho do professor não consiste simplesmente em transmitir informações, mas, criar e recriar conhecimento com os alunos em uma perspectiva do exercício ativo de participação social. Ainda segundo Schmidt “ensinar história passa a ser, então, dar condições para que o aluno possa participar do processo do fazer, do construir a história” (SCHMIDT, 2010, p.118).

Segundo Vygotsky (2001) aprender é um processo social e histórico, mas, ao mesmo tempo individual em que cada ser tem seus próprios métodos e conforme recebem as informações desenvolvem mecanismos internos para sintetizá-los. Para o ser humano, a aprendizagem funciona como processo evolutivo e o indivíduo sente-se mais capaz à medida que pode interagir, possa produzir, onde sua opinião também possa ser compartilhada e seus questionamentos considerados.

É preciso criar uma ligação identitária que ajude os estudantes a perceberem um sentido em nossa disciplina, despertar um senso de inquietação, dos acontecimentos históricos com as

suas práticas de vida. Silva, David e Mantovani (2015, p.394) mostram que o desafio no ensino da história atualmente, sugere também trazer para o ambiente escolar outros espaços de procura desse saber, e isto envolve também “aqueles espaços próprios da categoria digital que se relacionam com as novas possibilidades de produção, apropriação e transmissão do saber histórico”.

A escola deve ser, portanto, um espaço de diálogo com o digital, que favoreça a participação e desenvolvimento dos estudantes junto aos professores através da ampliação das vozes e expressões desses sujeitos na instituição e fora dela. Os professores que buscam deixar suas aulas mais interativas, contextualizadas e com um certo foco no estudante estão recorrendo a ferramentas digitais com esse propósito. As reformas educacionais em curso, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), dão ênfase à intermediação das novas tecnologias nos sistemas de ensino. Essas novas tecnologias, quando utilizadas de forma adequada pelos professores, tornam-se ferramentas que ajudam a desenvolver aulas mais dinâmicas, criando no aluno uma percepção deles como sujeitos históricos e contribuindo inclusive para elevar sua autoestima através do compartilhamento de seus conhecimentos e da divulgação de suas ideias.

O historiador, bem como, o professor de história, deve fazer uso das novas tecnologias de informação para promover debates e reflexões no seu campo, colocando em evidência suas produções, expandindo o conhecimento e desenvolvendo a “literacia histórica”.

Hoje, de uma forma ou de outra, os estudantes ou público em geral, que faça uma busca simples na *web*, que assista programas televisivos ou filmes, que jogue *videogame*, que ouça músicas ou programas de rádio, entre outros, se depara com muitos aspectos referentes aos campos da história, esbarra com uma variedade de informação muitas vezes desprovido de certo rigor metodológico. Dadas às circunstâncias das transformações na cultura digital, que nem sempre servirá para um apanhado crítico dos processos históricos, pois em muitos casos é realizado por terceiros, sem que os mesmos sejam ou tenham auxílio de um profissional que lida com o tempo histórico e apresente habilidades para tal tarefa. Sobre a relação entre informação e conhecimento, Martínez (2004) destaca que:

O acesso a grande quantidade de informação não assegura a possibilidade de transformá-la em conhecimento. O conhecimento não viaja pela internet. Construí-lo é uma tarefa complexa, para a qual não basta criar condições de acesso à informação. Hoje, para poder extrair informação útil do crescente oceano de dados acessível na Internet, exige-se um conhecimento básico do tema investigado, assim como estratégias e referências que permitam identificar quais as fontes são confiáveis. Por outro lado, não devemos esquecer que, para transformar a informação em conhecimento, exige-se –mais que qualquer outra coisa – pensamento lógico, raciocínio e juízo crítico (MARTÍNEZ, 2004, p. 96-97).

Com o advento da tecnologia computacional, principalmente através das muitas possibilidades trazidas pela *internet* e pela *web*, que facilitam tanto na busca por determinados conteúdos quanto na produção destes, é necessária certa cautela. É preciso mostrar, principalmente aos estudantes, que nem tudo o que é produzido e divulgado pode ser confiável, e necessitam ser questionados e também apurados. Quando se fala em conhecimento histórico e usos do passado, esse cuidado com as fontes de pesquisas proporcionadas pelas novas tecnologias de comunicação redobra, carecendo uma maior atenção.

Enquanto as tecnologias digitais podem auxiliar no processo de expansão da informação, do conhecimento histórico e ajudar no ensino da disciplina, pode também abrir espaços para tantas narrativas colocadas em xeque, sobretudo pela opinião pública advindas desses meios. É importante frisar que a atual conjuntura de difusão de informações, muitas vezes de cunho historiográfico, não passa pela chancela dos antigos mediadores da produção e difusão do conhecimento, como universidades ou sistema escolar, dificultando o debate epistemológico e científico, bem como a troca de argumentos.

Hoje há uma crescente apropriação do campo histórico para atender, dentre outros, uma demanda mercadológica e consumista sobre o passado, prevalecendo em certos momentos um contexto de revisionismo, por vezes até negacionistas, como nos esclarece Menezes:

Mas no tempo presente deparamos com um fenômeno interessante: a insurgência de outros sujeitos a disputarem o controle desse lugar disciplinar – podemos chamar isso de outros “próprios”. Refiro-me aos usos e tratamentos do passado para atingir amplas audiências, como na produção midiática de história (MENESES, 2019, p.69-70).

Vemos no tempo presente, que as narrativas e “apropriações” do tempo histórico através do fenômeno da cultura digital, tenta atingir um público cada vez maior, sendo essas narrativas do passado no espaço público, produzida não somente por historiadores, mas também por profissionais de outras áreas, pessoas não especializadas, que se aproveitam do alcance, das possibilidades e de seu acesso através das novas mídias.

Como nos mostra Penna (2012), as formas de lidar com as memórias e com a história mudaram ao longo das transformações humanas. Há um alcance crescente pelas narrativas históricas, enquanto modo de expressão, que passaram de uma retórica que se deu inicialmente pela oralidade, em que o diálogo se dava entre pessoas em um mesmo tempo e espaço, posteriormente para se preservar esses discursos e alcançar outras pessoas, outros espaços e tempos distantes, o discurso se materializou através da escrita. O autor enfatiza que os tempos

atuais, no entanto, possibilitam novas formas de comunicação “e podemos fixar os nossos diálogos através de outros modos de expressão além da escrita, que incluem discursos orais preservados em áudio e/ou vídeo” (PENNA, 2012, p.8).

Para Meneses e Melo (2017) com a expansão da *internet* nos últimos anos houve grandes mudanças nas relações sociais, a comunicação digital pode transformar práticas, principalmente por sua capacidade de ampliar vozes e expressões dos sujeitos que se envolvem diretamente no processo, já que existem milhões de usuários que estão na produção de conteúdo que manipulam essas diferentes linguagens no universo virtual:

Tais mudanças avançaram velozmente para vários campos do conhecimento que, atualmente, se veem desafiados a uma reordenação de seus objetos, problemas e temáticas. A partir do ciberespaço, novas qualidades cognitivas são agenciadas, posto que se colocou como imperativa a necessidade de construção de distintas formas de aprendizado e produção de conhecimento (MENESES; MELO, 2017, p.156).

Meneses (2019) evidencia, que os historiadores e os professores de história precisam de um discurso que tenha um alcance significativo no meio social. É preciso outras formas de fazer com que nossas produções historiográficas repercutam e alcancem espaços, que por muitas vezes, são realizadas por sujeitos que se utilizam do passado de forma abusiva, sustentando preconceitos, exclusão e a manutenção do poder e do *status quo*. Assim a História Pública, pode servir como balizadora nesse processo:

[...]desse modo, a história pública, longe de ser o espaço de atuação de alguns, deve ser uma prática agregada ao próprio fazer dos professores de história frente aos novos desafios de construção de nosso campo no tempo presente (MENESES, 2019, p.86).

Em relação ao ensino de história, cabe ao professor nutrir com os estudantes, diálogos que direcionem suas pesquisas e produções, para que assim, tenham postura crítica diante do que lhes é apresentado, principalmente em relação com o trato das narrativas históricas. Citando o autor Antoon de Baets (2013) e seus estudos sobre os “abusos da história”, Linard (2020) nos esclarece como muitas vezes alguns usos do passado podem estar atrelados a tentativas de “provocar engano” nos leitores e público em geral, assim é preciso usar critérios avaliativos de tais narrativas e interpretações históricas. O historiador e professor de história pode ser decisivo nesses direcionamentos e encaminhamentos para uma história mais responsável, já que é preciso levar em conta uma perspectiva ética e, ao mesmo tempo, não é possível silenciar diante desse novo lugar social.

É preciso salientar que o uso assertivo das tecnologias de comunicação digital pelo professor de história, cria ainda oportunidade para que o mesmo, saia do isolamento da sala de aula e enriqueça nosso campo, trocando sugestões, manifestando suas ideias, aprendizados teóricos e práticos e permitindo a ampliação das redes de divulgação do conhecimento histórico, inclusive junto de seus alunos. Assim, oferecendo outras possibilidades de leituras em que estudantes podem pesquisar, aprender e divulgar.

Dentre as diversas possibilidades de uso das plataformas digitais encontradas na *internet* pelo professor de história, por profissionais de outras áreas e “leigos”, destacam-se algumas mídias que oferecem muitas vezes gratuitamente a alternativa de criação e armazenamento de informações e recursos virtuais que podem ser compartilhados. Entre as muitas possibilidades de circulação de narrativas históricas no espaço público digital, apresenta-se atualmente o *podcast*, que vem se destacando e se popularizando, podendo ser transformado em uma linguagem voltada para o ensino e aprendizagem de história, já que temos também uma tecnologia *mobile* que avança gradativamente, possibilitando que além de sermos consumidores passivos desses materiais informativos, podemos ser também produtores de conteúdo dos mais variados tipos. Considerando sua flexibilidade, portabilidade e sua interatividade, dentro de uma das demandas de nossas práticas profissionais, que se voltam para divulgar o conhecimento histórico com os alunos dentro de uma expectativa que se utiliza de elementos da História Pública⁶ e da Educação Histórica.

Na educação histórica escolar se opera a divulgação, a ampliação dos públicos e a circulação do conhecimento histórico com bastante intensidade e amplitude. A seleção do tema, a apresentação do conteúdo, o desenvolvimento da reflexão, faz da aula um momento especial em que estudantes entram em contato com o passado/presente e se repensam enquanto sociedade (FERREIRA, 2017, p.143).

Nesses termos, a mediação dos ambientes virtuais de aprendizagem colaborativa e produção, em especial a linguagem *podcast*, ajudaria para o crescimento individual, social, na

⁶ Segundo o professor Bruno Leal de Carvalho, fundador e editor de um dos principais sites de divulgação científica no campo historiográfico o “Café História”, História Pública é uma forma do historiador profissional engajar diferentes públicos, independentemente de ser especialista ou não, com o conhecimento histórico, de forma crítica, participativa e emancipatória, ou seja, a história pública significa a circulação do pensamento histórico em diversos espaços e dimensões, para isso é preciso utilizar os mais diversos recursos tecnológicos e metodológicos. Para saber mais sobre o tema ler: CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História Pública: uma breve bibliografia comentada. (Bibliografia Comentada). In: Café História — história feita com cliques. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/historia-publica-biblio/>. Publicado em: 6 nov. 2017. Acesso: 1 de abril de 2021.

autonomia e autoria dos envolvidos nesse processo, ressaltando o trabalho do professor e o desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes.

O podcast ganha importância como recurso educacional por ser uma tecnologia apta a propiciar novos modos de realização de atividades educacionais. No âmbito escolar, o uso do podcast pode contemplar ações de ampliação temporal, associando a audição de falas expositivas a diversos tempos e espaços pelo uso de arquivos digitais de áudio, além de promover o reaproveitamento de materiais de outras tecnologias, como o rádio, demonstrando, ainda, colaborar com o exercício de atividades pedagógicas lúdicas, oriundas da associação dos recursos sonoros do podcast à expressividade da produção de programas pelos discentes (FREIRE, 2017, p.57).

Portanto, estudar os usos das TICs no ensino de história, seus campos de atuação como a sala de aula e outros ambientes, analisando e utilizando nas aulas recursos digitais como a mídia *podcast*, pode contribuir e preencher algumas lacunas ainda presentes nesse campo de produção de conhecimento, bem como, atender as demandas de uma sociedade caracterizada no nosso tempo por sua cultura digital.

Esta pesquisa é importante, pois diante outros, possibilita um embasamento teórico e prático que auxiliamos com nossa experiência e metodologia educacional, assim como uma possibilidade de quebrar algumas barreiras e paradigmas entre o espaço escolar e outros campos de saberes, criados a partir das múltiplas conexões e iniciativas, dentre outros, da educação histórica, da história digital e da história pública.

1.3 Tecnologia e a Cultura Digital: políticas curriculares para o ensino de história

Sabemos que o currículo escolar guia o trabalho docente em várias dimensões, desde as práticas pedagógicas aos valores culturais, sociais, econômicos e políticos defendidos pela instituição de ensino. Nesse sentido, iremos avaliar de que maneira temas como a tecnologia e a cultura digital foram e são abordadas nos documentos curriculares responsáveis por estruturar o trabalho dos professores e estabelecer procedimentos educativos em nosso país. Para isso, faremos uma análise dos seguintes documentos: Parâmetros Curriculares Nacionais (1997/1998), as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica (2013) e a Base Nacional Comum Curricular (2017/2018).

É importante assinalar que as políticas educacionais não são neutras e refletem os interesses do Estado, os conflitos locais e as relações de poder que interferem na execução dessas políticas em sociedade. Sobre isso, os autores Carvalho e Moreira (2014, p. 43) afirmam

que “política é tanto texto como ação, tanto palavras como feitos, tanto o que é intencionado como o que é realizado. (...) As políticas são cruas e simples; já as práticas são sofisticadas, contingentes, complexas e instáveis”. Ou seja, a complexidade das relações sociais mostra que não é fácil colocar em prática uma política educativa, os diferentes sujeitos da comunidade escolar envolvidos nesse processo possuem olhares distintos que causam novas interpretações acerca da política idealizada, e isso impacta na sua implementação.

O objetivo de analisar os documentos curriculares é entender como a cultura digital é apresentada e qual a sua importância para a contemporaneidade, especialmente no ensino de história. Precisamos também observar de maneira crítica as políticas públicas delineadas a partir desses documentos, questionando a forma como se apresenta a nós professores e professoras de história. Cada um dos documentos curriculares mencionados foi produzido em um contexto histórico específico e tem características peculiares, como abordaremos a seguir.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) foram publicados entre 1997 e 1998 num contexto ainda de mudança pela redemocratização do Brasil e valorização dos professores, sua função era orientar e garantir maiores investimentos na área da educação. De acordo com Almeida (2018, p. 131), “a ideia de ‘parâmetros’ dava ao professor um norte reflexivo e não o engessamento de um currículo obrigatório”. Os PCNs são organizados em dez volumes distribuídos em introdução, disciplinas do ensino fundamental (Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências Naturais, Educação Física, Arte e Língua Estrangeira) e temas transversais (como ética, saúde, orientação sexual, meio ambiente, trabalho).

Neste documento ainda não existe o conceito “cultura digital”, entretanto encontramos uma abordagem sobre as tecnologias de informação e comunicação. Logo na introdução, na parte dos princípios e fundamentos, é apresentada uma reflexão acerca das mudanças ocasionadas pelo uso de computadores na contemporaneidade, lançando novos desafios à educação para pensar a relação entre o conhecimento e o trabalho. Esse cenário de inovação tecnológica, portanto, demanda:

a formação dos estudantes em termos de sua capacitação para a aquisição e o desenvolvimento de novas competências, em função de novos saberes que se produzem e demandam um novo tipo de profissional, preparado para poder lidar com novas tecnologias e linguagens, capaz de responder a novos ritmos e processos (BRASIL, 1997, p. 28).

Em meio a essas transformações tecnológicas os PCNs enfatizavam a necessidade de os alunos estudarem usando computadores para desenvolver as devidas habilidades digitais cobradas posteriormente na sociedade:

É indiscutível a necessidade crescente do uso de computadores pelos alunos como instrumento de aprendizagem escolar, para que possam estar atualizados em relação às novas tecnologias da informação e se instrumentalizarem para as demandas sociais presentes e futuras (BRASIL, 1997, p. 67).

Na leitura do documento curricular em questão nos deparamos com um trecho sobre a discussão das TICs no volume da área de conhecimento de história. Diante das novas tecnologias da comunicação, como o rádio e a televisão, os professores tiveram que ampliar as possibilidades de ensino para se adaptar a uma nova realidade:

As novas gerações de alunos habituaram-se à presença de novas tecnologias de comunicação, especialmente o rádio e a televisão, que se expandiam como importantes canais de informação e de formação cultural. Entrava pelas portas das escolas uma nova realidade que não poderia ser mais ignorada. O currículo real forçava mudanças no currículo formal. Diversos agentes educacionais passaram a discutir e desenvolver novas possibilidades de ensino. Neste contexto, os professores tiveram papel importante na constituição do saber escolar, diminuindo o poder dos chamados técnicos educacionais (BRASIL, 1998, p. 27).

Como apresentado no trecho acima, o rádio e a televisão já foram novidades tecnológicas. Na realidade atual da juventude do Ensino Médio, esses meios de comunicação já são considerados atrasados, uma vez que muitos estudantes já dispõem de computadores, notebooks, celulares modernos e acesso às redes sociais que permitem novas sociabilidades através do *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*, por exemplo.

O tema da tecnologia nos PCNs surge ainda como uma reflexão sobre o tempo, como podemos ler na passagem a seguir:

As vivências e apreensões dos ritmos de tempo sofrem mudanças com o desenvolvimento da tecnologia dos meios de transporte e da comunicação à distância. Assim, vencer um mesmo percurso de canoa e de avião significa falar de tempos e vivências diferentes. Viajar de carro em uma estrada bem cuidada depende menos tempo do que viajar com o mesmo veículo em uma estrada cheia de buracos e obstáculos. O entendimento do tempo passa a ser diferenciado. O mesmo ocorre com a comunicação entre pessoas ao fazerem uso de cartas, telefones ou e-mail. A tecnologia da comunicação via satélite parece encurtar distâncias e desafia o tempo. (...) Dessa forma, os alunos podem encarar de modo crítico os valores que predominam na sociedade atual, na qual o ritmo avassalador do relógio, da produção da fábrica, da velocidade da informação e do processamento dos computadores impõe, política, econômica e culturalmente, as dinâmicas e as vivências de crianças, jovens, mulheres, homens e velhos (BRASIL, 1998, p. 101).

A ideia de tempo proposta nessa parte do documento pode ser problematizada através de Koselleck (2014, p. 22), que compreende o tempo como um fator essencial da vida humana. A “temporalização”, assim, é medida através de uma relação entre passado (experiência) e futuro (espera), que se concretizam no presente, assim experiência e expectativa, conforme Koselleck, definem o tempo histórico. Tempo este que não pode ser entendido como único para todos os homens. Trazendo para o ensino, os ritmos de tempo são sentidos pelos estudantes de formas diferentes em virtude da presença das tecnologias de comunicação em seu cotidiano.

Como podemos notar através da leitura do documento, o conceito de “cultura digital” propriamente dito, ainda não estava presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais, no entanto, a ideia de uma educação que agregasse as novas competências, às “novas tecnologias” já apareciam. Agora vamos analisar a presença das tecnologias nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica (DCNEB).

As DCNEB foram publicadas em 2013 e “estabelecem a base nacional comum, responsável por orientar a organização, articulação, o desenvolvimento e a avaliação das propostas pedagógicas de todas as redes de ensino brasileiras” (BRASIL, 2013, p. 04). Compreende a Educação Infantil, o Ensino Fundamental, o Ensino Médio, a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, a Educação do Campo, a modalidade Educação Especial, a Educação de Jovens e Adultos (EJA), tratando também da Educação a Distância (EaD), da Educação Escolar Indígena, Quilombola, da Educação das Relações Étnico-Raciais e do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, da Educação em Direitos Humanos e, finalmente, da Educação Ambiental (BRASIL, 2013).

No tópico “Organização curricular: conceito, limites, possibilidades” encontramos a presença do termo “era digital”, este, sinalizando as mudanças sociais e culturais importantes com a chegada dessas novas tecnologias no contexto dos jovens. O discurso das políticas curriculares do documento no que diz respeito às tecnologias digitais, destaca que enquanto os professores “creem que acompanham a era digital apenas porque digitam e imprimem textos, têm *e-mail*”, não percebem “que os estudantes nasceram na era digital” (BRASIL, 2013, p. 25). Cabe ressaltar que o documento enfatiza o surgimento de uma geração tecnológica propostos nos debates de Prensky (2001), ou seja, denota as diferenças entre os “nativos digitais” (os estudantes) e os “imigrantes digitais” (os professores).

Marcela Costa (2019, p. 28) considera que a era digital em nosso país iniciou nos anos 2000, “quando a *internet* foi sendo gradativamente popularizada; todavia, creio que esse

movimento deu um salto considerável de 2010 para cá, quando passa-se a ver a enorme variedade de dispositivos eletrônicos que permitem uma conexão quase incessante”. As DCNEB citam como exemplo desses dispositivos: “*smartphones, iPods, iPhone, iPad, tablets, netbook*, lousas eletrônicas, leitores de livros digitais com tecnologia *wireless* e *3G* de acesso à *Internet*, TVs digitais” (BRASIL, 2013, p. 4). Com esse panorama de transformações sociais, as gerações de docentes e discentes lidam de formas distintas com as tecnologias. Enquanto os jovens, em sua maioria, têm mais familiaridade com dispositivos eletrônicos, os adultos precisam se adaptar às novas demandas da era digital, especialmente os professores que tem a necessidade de ensinar dentro desse contexto.

O documento menciona que os professores precisam criar metodologias didático-pedagógicas que dialoguem com os recursos tecnológicos na escola, pois:

[...] o conhecimento científico, nos tempos atuais, exige da escola o exercício da compreensão, valorização da ciência e da tecnologia desde a infância e ao longo de toda a vida, em busca da ampliação do domínio do conhecimento científico: uma das condições para o exercício da cidadania. O conhecimento científico e as novas tecnologias constituem-se, cada vez mais, condição para que a pessoa saiba se posicionar frente a processos e inovações que a afetam (BRASIL, 2013, p. 25-26).

É importante, portanto, que as metodologias criadas pelos professores sejam adaptadas à realidade das TICs. Além disso, o documento assinala ainda que as escolas devem fornecer aos alunos os recursos tecnológicos através de uma infraestrutura adequada para a aprendizagem, com acesso à “biblioteca, ao rádio, à televisão, à *internet* aberta às possibilidades da convergência digital” (BRASIL, 2013, p. 25). Notamos que as TICs estão presentes nesse documento curricular do Ensino Infantil ao Ensino Médio, corroborando com a necessidade de adequação aos novos tempos marcados pelas transformações tecnológicas.

Nesse sentido, pensar o ensino de história no contexto das TICs traz novos desafios para os professores e professoras da área, visto que os conteúdos devem ser lecionados incorporando o digital e estimulando o senso crítico.

Além de encontrarmos a indicação do uso das TICs de forma transversal do Ensino Infantil ao Ensino Médio, o documento aponta seu uso também no Ensino à Distância como modalidade da Educação Básica, em que professores e alunos podem construir “atividades educativas em lugares ou tempos diversos” (BRASIL, 2013, p. 46).

Para o efetivo uso das tecnologias nos processos de ensino e aprendizagem, as DCNEB defendem a formação contínua de professores e gestores para o manuseio adequado das TICs

em suas práticas pedagógicas, tornando as aulas mais dinâmicas e atrativas, ao passo que estreita a relação com os “nativos digitais”:

Assim, hoje, exige-se do professor mais do que um conjunto de habilidades cognitivas, sobretudo se ainda for considerada a lógica própria do mundo digital e das mídias em geral, o que pressupõe aprender a lidar com os nativos digitais. Além disso, lhe é exigida, como pré-requisito para o exercício da docência, a capacidade de trabalhar cooperativamente em equipe, e de compreender, interpretar e aplicar a linguagem e os instrumentos produzidos ao longo da evolução tecnológica, econômica e organizativa. Isso, sem dúvida, lhe exige utilizar conhecimentos científicos e tecnológicos, em detrimento da sua experiência em regência, isto é, exige habilidades que o curso que o titulou, na sua maioria, não desenvolveu (BRASIL, 2013, p. 59).

Pensar no uso das TICs na educação também pressupõe refletir na desigualdade digital⁷ que afeta muitos brasileiros, pois a falta de computadores e *internet* limita o acesso à educação e formação dos indivíduos, sendo necessário trabalhar a inclusão digital, tema presente no documento analisado:

Novos desafios se colocam, pois, para a escola, que também cumpre um papel importante de inclusão digital dos alunos. Ela precisa valer-se desses recursos e, na medida de suas possibilidades, submetê-los aos seus propósitos educativos. Há que se considerar que a multiplicação dos meios de comunicação e informação nas sociedades de mercado em que vivemos contribui fortemente para disseminar entre as crianças, jovens e população em geral o excessivo apelo ao consumo e uma visão de mundo fragmentada, que induz à banalização dos acontecimentos e à indiferença quanto aos problemas humanos e sociais (BRASIL, 2013, p. 111).

Sobre o excesso de informações presentes no mundo digital, podemos problematizar o papel do professor nesse cenário de transformação tecnológica, especialmente os professores de história. Sabemos que a informação por si só não é conhecimento, por essa razão a atuação do professor é primordial para educar e orientar num caminho crítico e reflexivo. Sua atuação deve ir além da transmissão de conteúdo e estimular o questionamento, a pesquisa, o trabalho em equipe, como orienta as DCNEB:

O fato dessas novas tecnologias se aproximarem da escola, onde os alunos, às vezes, chegam com muitas informações, reforça o papel dos professores no tocante às formas de sistematização dos conteúdos e de estabelecimento de valores. Uma consequência imediata da sociedade de informação é que a sobrevivência nesse ambiente requer o aprendizado contínuo ao longo de toda a vida. Esse novo modo de ser requer que o aluno, para além de adquirir determinadas informações e desenvolver habilidades para realizar certas tarefas, deve aprender a aprender, para continuar aprendendo. Essas novas exigências requerem um novo comportamento dos professores que devem

⁷ No contexto vivenciado a partir do ano de 2020 com a pandemia do novo Coronavírus e a necessidade das aulas remotas, por exemplo, vemos que ainda falta muito para que a inclusão digital seja uma realidade na vida dos estudantes brasileiros. Como falar em acesso à educação virtual se muitos alunos não têm condições financeiras para comprar um computador ou aparelho celular com *internet*? Em contextos dessa natureza, a família dessas crianças e jovens nem sequer tem o que comer em casa, a precariedade de emprego e renda dificulta o acesso mínimo a uma vida digna.

deixar de ser transmissores de conhecimentos para serem mediadores, facilitadores da aquisição de conhecimentos; devem estimular a realização de pesquisas, a produção de conhecimentos e o trabalho em grupo. Essa transformação necessária pode ser traduzida pela adoção da pesquisa como princípio pedagógico (BRASIL, 2013, p. 163).

Como foi exposto até aqui, notamos que as TICs apareceram com mais ênfase nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica do que nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Agora seguimos investigando como o tema aparece na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Homologada em 2017, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi formulada em três etapas em meio a debates políticos, questionamentos e conflitos ideológicos. Ou seja, é o documento mais recente aprovado na educação para estruturar o ensino no país, direcionado a escolas públicas e privadas. Seguindo sua própria definição, a BNCC trata-se de:

[...] um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) (BRASIL, 2017, p. 7).

A BNCC assegura que os alunos desenvolvam dez competências gerais importantes para a formação integral, resumidas no site institucional do Porvir.org (2017) da seguinte forma: conhecimento, pensamento científico, crítico e criativo, repertório cultural, comunicação, cultura digital, trabalho e o projeto de vida, argumentação, autoconhecimento e autocuidado, empatia e cooperação, e responsabilidade e cidadania.

As competências gerais “conhecimento”, “comunicação” e “cultura digital” abrangem a temática das TICs. No primeiro caso, as tecnologias são percebidas como produtoras de conhecimento capazes de ajudar na construção de uma sociedade melhor, como lemos no seguinte trecho: “Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (BRASIL, 2017, p. 9).

Na competência “comunicação” percebemos que a tecnologia considera:

Diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo (BRASIL, 2017, p. 9).

Mas é na competência “cultura digital” que o tema das TICs tem mais destaque, pois se trata de:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2017, p. 9).

No tópico da BNCC “O Ensino Fundamental no contexto da Educação Básica” evidencia-se que a cultura digital, tem feito dos jovens não apenas consumidores das tecnologias, mas também protagonistas, uma vez que eles interagem e atuam em rede de forma dinâmica. O documento analisado destaca também que as escolas têm o compromisso de filtrar o excesso de informações adquiridas com facilidade pelos estudantes para que se formem indivíduos críticos e questionadores. O professor precisa, então, se reinventar no processo de ensino-aprendizagem para se adequar às novas demandas da cultura digital e formar os jovens.

Sobre o debate da cultura digital no componente de história, o tópico “Competências Específicas de História para o Ensino Fundamental” traz o seguinte: “produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais” (BRASIL, 2017, p. 400). Ou seja, a ideia de formar cidadãos críticos em meio às transformações tecnológicas aparece com ênfase na área de história desde os primeiros contatos com a disciplina. Todavia, analisando o documento de forma geral, percebemos que o tema da cultura digital aparece, mas não há dicas ou sugestões para que professores possam utilizar na rotina da escola e assim colocar em prática suas exigências. Concordo com Marcela Costa (2019) quando diz que:

Seria importante haver alguma espécie de direcionamento aos professores Brasil afora para que essa competência possa ser trabalhada de forma efetiva; isso parece solto, sobretudo considerando novamente a diversidade brasileira em termos de infraestrutura, de formação, de acesso à informação e assim por diante. [...] se não conseguimos ter as condições ideais, de que forma, com as condições reais, incorporar o digital tal como proposto pelos PCNs, pelas DCNEB e pela BNCC? (COSTA, 2019, p. 45-46).

Tendo em vista essas colocações, buscamos entender como a tecnologia e a cultura digital estão presentes nas políticas curriculares para a educação brasileira através de documentos norteadores como os PCNs, DCNEB e a BNCC. O currículo como sabemos, representa um mecanismo de disputas, de interesses e de concepções, como vemos dispostas no desenvolvimento dos documentos estudados, especialmente da Base Nacional Comum Curricular, que recebeu muitas mudanças desde a sua primeira versão em 2015. Sobre Currículo Tomaz Tadeu da Silva, aponta que:

O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. Currículo é autobiografia, nossa vida, curriculum vitae: no currículo se forja identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade (SILVA, 2003, p.150).

Assim, o debate em torno da temática vai sendo intensificado a cada elaboração de documento, embora ainda haja a necessidade de ser melhor trabalhado. Essa necessidade expressa também que a construção do currículo perpassa por relações de poder e de interesse que marcam as disputas políticas e ideológicas, evidenciando a inexistência de uma neutralidade quando se pensa na elaboração das políticas educacionais no Brasil.

CAPÍTULO 2: NOVOS RECURSOS METODOLÓGICOS: A MÍDIA PODCAST E O ENSINO DE HISTÓRIA

2.1 As tecnologias digitais e ensino de história: aprendizado significativo e educação histórica

Em tempos da chamada cultura digital, a tecnologia é identificada como um processo social, estando presente nas relações desenvolvidas nos ambientes de trabalho e educacionais, tanto quanto nas relações de lazer. Para Paulo Leopoldo (2002), há necessidade de reconhecimento de uma sociedade cada vez mais tecnológica, em que a educação também exige uma abordagem em que esse componente é imprescindível e não pode ser ignorado, e nesse contexto, de uma sociedade do conhecimento, proporcionada pelos novos recursos tecnológicos, as formas de trabalho também se modificam exigindo do educador nova postura: “as novas tecnologias surgem com a necessidade de especializações dos saberes, um novo modelo surge na educação, com ela pode-se desenvolver um conjunto de atividades com interesses didático-pedagógica” (MERCADO, 2002, p.13).

Essas mudanças provocadas pelas novas tecnologias, portanto, são repercutidas no contexto escolar de diversas maneiras, e acabam por transformar a realidade e o processo de ensino e aprendizagem como um todo. Como professores, notamos ser cada vez mais comum encontrarmos estudantes que fazem uso de computadores, celulares, *softwares* e *apps* para realização de seus trabalhos de pesquisa e produção de materiais, bem como para desenvolver seu “pensamento histórico”. Os atuais aparelhos *smartphones*, que se popularizaram nas últimas décadas, abriram ainda mais espaço para importantes debates acerca de seus usos na escola, considerados em parte como possibilidades, visto que possuem uma infinidade de aproveitamentos, pois conseguem agregar aplicativos e recursos dados pelo acesso à *internet*, bem como são criticados, já que podem atrapalhar os estudantes no que diz respeito à concentração, distração, capacidade de organização dos mesmos e diversidade de informações, que nem sempre podem ser consideradas como certas.

Então, como trabalhar esses diferentes universos? Como fazer com que as tecnologias móveis sejam aproveitadas melhor em ambientes como a sala de aula de forma presencial e digital? Como as novas tecnologias podem ajudar os alunos a desenvolverem uma aprendizagem significativa no que diz respeito à educação histórica? Como estabelecer a relação entre esses novos interesses e as formas de um pensamento que trabalhe no contexto da

história transformativa? Tais questões e impasses nos faz refletir até que ponto o uso das TICs no ensino básico é possível, e de que forma podemos utilizar essa tecnologia a favor da aprendizagem e do conhecimento, em nosso caso específico, do conhecimento histórico, criando ações para uma rotina escolar mais consciente, educativa e transformativa, já que não podemos simplesmente ignorá-la.

Os autores Coll, Mauri e Onrubia (2010) procuram discutir as possibilidades pedagógicas das TICs, mostrando a necessidade de garantir novas experiências de aprendizagem através de seu uso, tendo em vista essas mudanças culturais que se apresentam na sociedade atual, atribuída pelos autores de Sociedade da Informação (SI). Para estes teóricos “a educação escolar deve aproveitar o potencial dessas tecnologias para promover novas formas de aprender e de ensinar” (COLL; MAURI; ONRUBIA, 2010, p. 88). Assim, é preciso que a escola se abra para essas novas possibilidades, que seja inovadora e significativa, que experimente também as mudanças e desafios criados por essa sociedade da informação. Portanto, é preciso se aproximar das demandas atuais, diminuir problemas através de uma educação que se apoie em projetos inovadores, e que os professores trabalhem com metodologias ativas. É preciso inclusive “tensões” nos espaços de aprendizagem.

Para Moran, Masetto e Behrens (2013), se utilizada de forma adequada, às metodologias que incluam as novas tecnologias podem reduzir parte dos problemas enfrentados na área educacional, tendo impactos positivos para uma aprendizagem mais eficiente, no qual o uso das tecnologias de comunicação digital funcionaria como mediadora de conhecimento, enriquecendo a aprendizagem com um vasto campo de oportunidades, aplicáveis nas diversas áreas da educação, já que a mesma se espalha pelo tecido social e atravessa os muros da escola. Para os autores, a intervenção do conhecimento deve ser valorizada através das tecnologias, a partir delas o professor passa a ser orientador e mediador de uma gestão que ressalta as aprendizagens de um saber coletivo.

O ensino com pesquisa como processo educativo necessita de um professor que perceba o aluno como um parceiro, sujeitos do mesmo processo, um questionador, um investigador, que precisa alicerçar procedimento para desenvolver raciocínio lógico, criatividade, posicionamento, capacidade produtiva e cidadania (BEHRENS, 2013, p.97).

Ainda, segundo os autores, é através das tecnologias digitais que encontraremos uma facilidade na comunicação, na pesquisa e na publicação em rede.

Com as tecnologias atuais, a escola pode transformar-se em um conjunto de espaços ricos de aprendizagens significativas, presenciais e digitais, que motivem os alunos a

aprender ativamente, a pesquisar o tempo todo, a serem proativos, a saber tomar iniciativas e interagir (MORAN, 2013, p.31).

Os autores Fiolhais e Trindade (2003) defendem a inserção dessas novas ferramentas tecnológicas para integrar e interligar a produção e a construção do conhecimento, enriquecendo as aulas com detalhes que as mídias digitais são capazes de criar, melhorando, portanto, a assimilação do conhecimento e conseqüentemente sendo importante nos processos de ensino e aprendizagem.

O processo educacional passou e passa por diferentes transformações, tentando atender algumas demandas relacionadas aos aspectos políticos, econômicos, sociais e tecnológicos de determinadas épocas e contextos. Hoje no Brasil, por exemplo, está em constante discussão e também em formulação a necessidade da implementação de uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como visto no capítulo 1. A BNCC traz em seu bojo, questionamentos sobre o que ensinar e as serventias das disciplinas e percursos didáticos na formação dos estudantes.

Essas mudanças ao longo do tempo, provocadas dentre outros também na BNCC, nos diversos segmentos da educação e do ensino, afetam diretamente o currículo da disciplina de história. Usada muitas vezes para atender os interesses de determinadas épocas e grupos sociais, essa disciplina sofreu e sofre transformações significativas, principalmente em nosso país. Bittencourt (2008), esclarece que esses interesses estão relacionados muitas vezes às demandas e câmbios sociais. O currículo, como vimos, reflete as diferentes tensões e disputas, conforme analisados no desenvolvimento do documento da BNCC, bem como nos documentos curriculares anteriores como os PCNs e DCNEB, por exemplo.

É preciso ter claro a importância da história e qual será o seu ponto de apoio nas escolas, para isso o currículo tem seu papel. De acordo com Peter Lee (2016, p.111), “a história é uma conquista frágil e o ensino de história (quando ele tenta ser histórico) pode ser ainda mais frágil”, o autor nos aponta aspectos necessários sobre a aprendizagem histórica, colocando em evidência seu desenvolvimento social e pessoal. Peter Lee, entende ser comum que em muitos currículos escolares, a história apareça como um veículo voltado para aspectos que envolvam interesses que contemplem simplesmente uma história nacional e metas para o sujeito exercer a cidadania dentro de aspectos atrelados ao mercado de trabalho, relegando muitas vezes a disciplina a um segundo plano e/ou até mesmo estabelecendo uma “integração” entre ela e outras ciências humanas, que como sabemos tem suas particularidades. Isso faz com que pontos

importantes para o entendimento histórico seja também deixado de lado, ou até mesmo perdidos nessa relação.

Vemos que vários autores defendem a importância da história, para um processo de formação de sujeitos que se interessem por discutir as questões relacionadas aos seus direitos e deveres políticos, voltados para que estes se vejam como cidadãos e agentes históricos dentro da sociedade, portanto, existem certas finalidades do ensino de história em uma relação com a escola em geral, que carrega determinados valores. Almeja-se que haja nestes documentos especificidades adequadas ao saber histórico, como nos evidencia Circe Bittencourt (2008):

Consideramos que a escola e em particular o ensino de história tem um papel fundamental nesse processo. É ela, em última instância o *locus* privilegiado para o exercício e formação da cidadania, que se traduz, também, no conhecimento e valorização dos elementos que compõem o nosso patrimônio cultural. Ao socializar o conhecimento historicamente produzido e preparar as atuais e futuras gerações para a construção de novos conhecimentos, a escola está cumprindo seu papel social (BITTENCOURT, 2008, p.7).

Portanto, percebemos a partir daí, que a escola deva priorizar muitos segmentos imprescindíveis para um melhor aproveitamento nos diversos aspectos institucionais e específicos, de maneira que sua proposta teórica busque atender a realidade a que a mesma está inserida, sendo, no entanto, necessário uma procura efetiva para a concretização de práticas teóricas que levem professores e estudantes, a produzir conhecimento histórico e se engajem nas atividades escolares de forma ativa, sendo protagonistas de seu aprendizado e autores do seu ensino. Mesmo sabendo que em muitos casos a história é dada como veículo para a cidadania, principalmente nas propostas de muitos currículos, a mesma não pode estar simplesmente subordinada a tal campo. A história e seus objetivos são comumente mais complexos, exigindo que para seu conhecimento seja preciso que professores e estudantes se apropriem de seus conceitos centrais, que consigam pensar historicamente.

Com o advento das transformações provocadas pelo surgimento e desenvolvimento das novas tecnologias, principalmente a partir de sua evolução provocada pela expansão e popularização da *internet*, como vimos, muitos estudiosos nos últimos anos têm dedicado seu tempo a discutir sobre o papel das TICs nos processos educacionais. Percebemos que apesar de haver divergências sobre seus impactos na educação, como algumas já citadas no capítulo 1 desse trabalho, muitas literaturas concordam que os usos das novas tecnologias podem ser aproveitados para tornar o ensino aprendizagem mais atrativo e condizente com a realidade e necessidades vivenciadas por professores e pelos estudantes. E neste contexto, como as

tecnologias de comunicação digitais podem ser usadas, auxiliar para uma aprendizagem significativa no ensino de história junto aos estudantes e favorecer a literacia histórica?

Partindo dessas questões, podemos analisar inicialmente o conceito de Educação Histórica através dos estudos realizados por Maria da Conceição Silva (2011) que ressalta a educação histórica como sendo,

(...) uma linha de pesquisa cujo eixo teórico norteador encontra-se nas matrizes epistemológicas de Jörn Rüsen. Este defende que: “os historiadores deveriam discutir as regras e os princípios da composição da história como problemas de ensino e aprendizagens (SILVA, 2011, p.197).

A autora, portanto, faz apontamentos importantes sobre o pensamento ruseniano referentes ao conceito de educação histórica, estabelecendo ainda o processo histórico sobre essas preocupações que se desenvolvem a partir dos anos de 1970 em diversos países, incluindo o Brasil. Cabe observar que a educação histórica no país, sobretudo “focam sobre ensino de história, currículo, metodologias, abordagens de temas para aulas, aprendizagens, etc.; sem, no entanto, perderem de vista a trajetória da disciplina de história desde a sua criação no currículo escolar” (SILVA, 2011, p.197).

A Educação Histórica, aparece trazendo como suas principais problemáticas discussões e investigações sobre como ensinar e aprender história, priorizando assim seus agentes no contexto do espaço escolar, ou seja, professores e alunos, bem como suas relações com o conhecimento histórico. O foco está principalmente na aprendizagem histórica, que pode se dar a partir dos objetivos propostos por Rüsen, através do conceito que ele chama “consciência histórica”.

Nesse sentido, a consciência histórica passa a ser uma categoria que serve para a auto explicação da história como disciplina escolar, para sua identificação como matéria específica e com uma metodologia própria, ou seja, a consciência histórica pode ser descrita como uma realidade elementar e geral da explicação humana do mundo e de si mesmo, de significado inquestionavelmente prático para a vida (SCHMIDT, 2014, p.32).

Maria Auxiliadora Schmidt (2014) ressalta que a educação histórica busca desenvolver algumas necessidades pertinentes às formas como devemos aprender história, ou melhor, é preciso que os envolvidos com a disciplina consigam estabelecer um pensamento histórico. As representações e narrativas do passado são, portanto, expressões da consciência histórica. Na educação esse processo deve ser dado através de pesquisas que partem inicialmente do campo acadêmico e precisam ser trazidas para o contexto escolar, através das aulas de história, ainda

no ensino básico, daí sua importância, visto que a educação histórica procura conciliar estes universos. A história precisa ainda apresentar um sentido prático, ressaltamos com isso o papel de destaque para o professor e os estudantes nesse processo.

Para poder compreender as transformações e mutações da realidade, dentre outras, inclusive daqueles referentes à sociedade da informação que fazemos parte, o aluno deve se apropriar da disciplina de história da melhor maneira possível, e isso requer um trabalho direcionado que deve ser conduzido pelo professor, sem este esquecer que o aluno também é um agente histórico. De acordo com Maria Auxiliadora Schmidt:

O professor de História pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias; o saber-fazer, o saber-fazer bem, lançar os germes do histórico. Ele é o responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vista. Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e a reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas em problemáticas (SCHMIDT, 2010, p.118).

É pertinente afirmar que o ensino de história precisa ser trabalhado de maneira tal, que auxilie o entendimento das ações humanas em determinadas épocas e circunstâncias, havendo assim uma sintonia entre o tempo passado “experiências” e presente/futuro “expectativas” (Rüsen, 2014), de modo que o estudante consiga discernir estes momentos de forma crítica e reflexiva, sendo o trabalho do professor essencial para esse entendimento. Assim, a concepção metodológica e pedagógica sobre a história é tão importante para o professor, que a partir daí poderá auxiliar seus alunos, despertando o interesse pelo conhecimento histórico e para um melhor processo de formação através da disciplina, e do desenvolvimento da “consciência histórica”. De acordo com Rüsen, a consciência histórica é importante e um fenômeno vital de entendimento sobre as experiências temporais vividas. Segundo o autor o conceito pode ser entendido especificamente como: [...] a soma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo (RÜSEN, 2001, p.57).

Ainda sobre as formas como os estudantes podem aprender história, ressaltamos as contribuições de Peter Lee (2016) em diálogo com Rüsen sobre a educação histórica. Através do conceito de “literacia histórica”, Lee estabelece que seja somente a partir desse “letramento”, que os estudantes alcançarão o conhecimento histórico. Vejamos o que nos mostra a autora Schmidt (2009) sobre o entendimento de literacia histórica:

Para se chegar a alguns indicativos do que significa ter uma literacia histórica, é importante retomar a ideia de Rüsen (2001) de que a aprendizagem histórica advém da necessidade que se tem do desenvolvimento da competência de dar sentido

(significado) ao tempo que fica evidenciada quando os sujeitos narram a história, construindo formas coerentes de comunicação de suas identidades históricas. Neste ponto, aparece um encaminhamento da literacia histórica, qual seja a da necessidade de se desenvolver e trabalhar operações mentais da consciência histórica que desenvolvam a narrativa, porque é somente a partir desta que o conhecimento torna-se consciente, ou autoconhecimento e o sujeito aumenta sua capacidade de ver o passado como passado histórico e não somente como passado prático ou passado morto (SCHMIDT, 2009, p.15).

Vemos a partir da autora, que o termo “Literacia Histórica” proposta por Lee, refere-se ao modo específico das leituras que fazemos do mundo, no nosso caso, relacionado com a ótica do raciocínio histórico. Para Schmidt (2009, p.14), a ideia de literacia histórica proposta, é válida e “baseia-se no entendimento de que se deve propiciar e obter condições para podermos fazer escolhas intencionais a respeito do passado”. Assim, questionando esses passados, seus usos e as formas como são apresentados. Portanto, como educadores e professores de história, devemos estar atentos em relação aos usos do passado histórico em sala de aula e junto aos estudantes. As tecnologias de comunicação digital também podem fomentar um aprendizado e uma educação histórica, tanto para os professores como para os estudantes, no entanto, é preciso saber se apropriar através das diversas narrativas e leituras encontradas em rede, daí a importância da literacia histórica em nosso meio e no campo das novas tecnologias.

Para Gonçalves (2018), o uso dos recursos e linguagens digitais está relacionado a construção de conhecimento, e esses espaços constituem meios importantes de interação entre os atores envolvidos nos processos educacionais, enriquecendo o processo pedagógico, instigando a participação, troca de ideias e desenvolvendo a autonomia progressiva do estudante.

Ferreira (2015) nos mostra que o ato de ensinar deve ser provocador da inteligência e do desejo de produzir do aluno, e isso se dá por meio de metodologias ativas em que o estudante tenha condições de expor seu conhecimento. Ressalta que no século XXI, os professores precisam ter em mente que houve mudanças nas formas como os conteúdos podem ser apresentados, já que existem multiformatos proporcionados pelas novas mídias, como sons, imagens, vídeos, entre outras linguagens que tem um potencial de reinventar o ensino e tornar a aprendizagem com mais qualidade e de maneira significativa, através de seu poder de interatividade e de diálogo. Por isso, é importante que os professores aprendam a se apropriar dessas linguagens e estejam dispostos a fazer isso com seus alunos. Citando Kenski (2012), a autora apresenta os ganhos do uso das tecnologias pelos professores:

O uso criativo das tecnologias pode auxiliar os professores a transformar o isolamento, a indiferença e a alienação com que costumeiramente os alunos frequentam a sala de aula, em interesse e colaboração, por meio dos quais eles aprendam a aprender, a respeitar, a serem pessoas melhores e cidadãos participativos (KENSKI apud FERREIRA, 2015, p. 103).

Como professores de história, é preciso desenvolver junto aos alunos um entendimento histórico. Segundo Lee (2016), esse entendimento poderia ser dado através da ideia de “progressão histórica” em que desenvolva:

Um aparato conceitual de segunda ordem que permita a história prosseguir ao invés de forçá-la a uma parada, fazendo mudanças na visão cotidiana da natureza e do estado do conhecimento do passado para um passado histórico. A história é, portanto, uma parte cognitivamente transformadora da educação: ela só é bem-sucedida se permitir às crianças verem o mundo historicamente (LEE, 2016, p.120).

Para Peter Lee, conhecer algo da história significa: “1. Compreender a história como uma forma de ver o mundo; 2. Adquirir disposições que derivam e impulsionam a compreensão histórica; 3. Desenvolver uma imagem do passado que permita que os alunos se orientem no tempo.” (LEE, 2016, p.121). O professor, portanto, tem papel importante para que o aluno aprenda a ver o mundo historicamente. Deve começar aguçar nos estudantes a necessidade de um entendimento sobre os diferentes conceitos historiográficos, assim, será capaz de transformar e dar um entendimento progressivo dos conceitos indispensáveis e atuar diretamente como mediador de conhecimentos históricos.

As tecnologias digitais podem ajudar o professor nesse processo, favorecendo instrumentos de pesquisa e produção, em que estes e os estudantes podem compartilhar o entendimento sobre diferentes conceitos de segunda ordem, ao longo de seu ensinamento e aprendizado. Para isso ocorrer, é necessário que os estudantes tenham vontade de olhar o mundo e tentar compreendê-lo, empregando seus significados “com a finalidade de orientação no tempo” (LEE, 2016, p.120).

Assim, vemos que as tecnologias digitais, bem como um trabalho realizado junto aos estudantes através de metodologias ativas, proporcionadas pela realização de produção de *podcasts* no campo histórico, pode contemplar a busca por habilidades que estabeleça um maior envolvimento para a compreensão histórica destes.

2.2 Conhecendo a mídia *podcast*: surgimento e desenvolvimento de uma ferramenta com potencial de aprendizagem

Podemos perceber a importância que as mídias sociais representam no cotidiano das pessoas. Os ambientes virtuais estão em suas rotinas e auxiliam para que estes sujeitos desenvolvam atividades das mais diferentes formas, sejam elas, complexas ou simples. É principalmente através dessas novas mídias, que as pessoas se deparam com informações também variadas, sendo importante ressaltar algumas mudanças relevantes na forma como estas são percebidas, pelo seu dinamismo e pela possibilidade de uma participação mais ativa, seja de forma direta, na produção, ou indireta, através da interação que acontecem muitas vezes de modo imediato. De acordo com Rocha e Alves (2010),

Mediada pelos meios digitais, a sociedade vive uma amplificação de vozes, onde as pessoas estão aprendendo a compartilhar pensamentos, ideias e experiências através de novos modos de produzir e consumir conteúdos. A realidade se confunde com o virtual e vice-versa e o comportamento social se altera, perdendo suas amarras e abrindo espaço para a fluidez de informações, comportamentos e relacionamentos (ROCHA; ALVES, 2010, p. 222).

Os meios digitais tornaram-se importantes e até necessários em nosso cotidiano, pois dentre outros, auxiliam em um processo de construções sociais, possibilitando formas de exposição de nossos pensamentos, compartilhando opiniões, nos informando e de certo modo ampliando visões sobre o mundo que nos cerca, já que a informação se encontra cada vez mais perto, através dessas múltiplas linguagens. Uma das mídias com essas características que tem ganhado destaque, principalmente entre o público jovem, é o *podcast*.

A popularização da mídia *podcast* tem a desenvoltura proporcionada pelos meios digitais, como ferramenta virtual que conseguimos interagir e participar, pela facilidade de sua distribuição, que a cada dia fica mais acessível, possibilitando um maior número de adeptos que além de consumir a mídia, passou também a produzir conteúdos novos, propiciados por esses formatos digitais de áudio. É através do chamado *podcasting*, que acontece a partilha direta e a qualquer momento dessa mídia via rede de *internet*. Portanto, por mais que pareça com programas de rádio, já que um *podcast* “pode ser referido resumidamente como um arquivo digital de áudio, disponível *on-line*, que, em vez de uma música, contém programas que podem se utilizar de falas, de músicas ou de ambos” (FREIRE, 2017, p.56), o seu método de

transmissão tem um formato totalmente diferente dessa mídia tradicional. Há quase 90 anos, o destacado dramaturgo alemão Bertolt Brecht, trazia algumas reflexões em relação ao rádio, tecendo desafios bem significativos para a nova tecnologia de sua época. Para o autor, o rádio

[...] seria o mais admirável aparato de comunicação que se poderia conceber na vida pública, um enorme sistema de canais; quer dizer, seria, caso ele se propusesse não somente a emitir, mas também a receber; ou, não apenas deixar o ouvinte escutar, mas fazê-lo falar; e não isolá-lo, mas colocá-lo numa relação. O rádio deveria, portanto, sair da esfera do fornecimento e organizar o ouvinte como fornecedor (BRECHT, 2007, p. 228-229).

O *podcast*, representa uma novidade na contemporaneidade no cenário da produção sonora, talvez aos moldes daqueles dos sentimentos desejados por Brecht em relação ao rádio. Uma das principais diferenças entre esses dois veículos de comunicação, está justamente nas maneiras de interações existentes. Através de seu formato, o *podcast* é capaz de favorecer uma prática que envolve aumento de consumo e também de produção, ou seja, uma maior popularização e acesso a diferentes conteúdos segundo as demandas, principalmente de seus usuários.

Conforme os autores Assis e Luiz (2010, p.1), podemos

definir o *podcasting* como uma forma de transmitir um arquivo de áudio ou vídeo via internet para ser ouvido em um iPod ou outro aparelho que reproduza ou receba esse arquivo. Entendemos que o *podcast* é tanto o arquivo de áudio ou vídeo transmitido via *podcasting* quanto o coletivo desses arquivos (ASSIS; LUIZ, 2010, p.1).

Para compreender e entender melhor os termos relacionados à mídia *podcast*, entre eles aquelas que dizem respeito a sua origem e desenvolvimento, podemos nos apropriar dos estudos realizados também por Moura e Carvalho (2006, p. 88). Os autores mostram que a novidade foi trazida e popularizada a partir do ano de 2004, pelo então *Dj* da MTV, Adam Curry, e por Dave Winer, um criador de *software*, juntos, os norte-americanos difundiram a ideia de criar um programa capaz de descarregar automaticamente suas transmissões de áudio na *internet* disponibilizados através de códigos, e na época com o auxílio dos aparelhos “iPods”, dispositivos de áudio fabricados pela Apple. Assim, Moura e Carvalho definem:

O *podcasting* (combinação da palavra iPod e broadcasting) é um modo de difusão de emissões de rádio. Através de subscrição de um “feed RSS”, e com a ajuda de um programa específico, pode-se descarregar automaticamente para o computador ou o iPod as emissões de rádio previamente selecionadas e de seguida transferi-las para um leitor de ficheiros MP3 e serem ouvidas onde e quando o utilizador pretender (MOURA; CARVALHO, 2006, p.89).

Como já nos evidenciam os autores, uma das novidades dessa ferramenta seria a possibilidade de os ouvintes estabelecerem os critérios para ter contato com as novas publicações e atualizações de conteúdos produzidos, como se deu inicialmente nos *blogs*, através do sistema de *RSS*⁸ (*Rich Site Summary ou Really Simple Syndication*), bastando apenas o usuário fazer a assinatura para o recebimento dessas atualizações. Desse modo, tanto os criadores como os consumidores, teriam também uma maior liberdade não apenas em relação à escolha dos temas abordados, mas sobre as formas de recebimento e conseqüentemente de seus usos. Os assinantes seriam sempre avisados quando novos programas de áudio estivessem disponíveis e agregados nos *blogs*, havendo ainda a oportunidade de baixar os arquivos e ouvir em momentos mais apropriados e definidos pelos mesmos.

Hoje, é cada vez mais comum a criação de novos recursos para facilitar a produção, a agregação e a distribuição da mídia *podcast*, disponibilizados de forma cada vez mais simplificada, eficaz e rápida. Já existem muitas plataformas e programas que conseguem transmitir os áudios de um canal para um agregador, de forma instantânea e automática, ou seja, à medida que são publicados no aplicativo ou através de um site, os áudios também estarão disponíveis em agregadores próprios para esse fim, estabelecendo uma maior facilidade para os desenvolvedores, no processo de publicação dos seus programas, e para os usuários, no que diz respeito ao acesso nas diferentes plataformas.

De acordo com a pesquisa realizada por Souza (2016, p.7), as mídias *podcasts* tem se popularizado cada vez mais nos meios digitais, um dos motivos com certeza é a expansão da banda larga, bem como do crescimento de acesso à *internet* por diferentes pessoas e em contextos sociais distintos.

Com base nas recentes pesquisas realizadas e divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), através dos dados recolhidos⁹ pela Pesquisa Nacional de Amostras em Domicílios (Pnad), entre os anos de 2017 e 2018 o acesso à *internet* alcançou um acréscimo de mais de quatro milhões de residências brasileiras, o que representou um salto que foi de 52,7 milhões para 56,7 milhões de lares no país, correspondendo a um total de 79,1% no ano de 2018. A pesquisa apontou um crescimento tanto em relação à *internet* móvel, quanto à

⁸ Ainda em 1999 havia sido organizado o sistema de RSS, uma criação de uma equipe da Netscape, dentre os principais colaboradores estavam Dan Libby e Ramanathan V. Guha, que juntamente com as ideias propostas pelo programador Dave Winer, simplificaram a praticidade de assinaturas nos blogs por parte de seus usuários, o que facilitava em relação ao recebimento das atualizações e de acesso dessas páginas, evitando com isso o desperdício de tempo, por parte do usuário, com páginas não atualizadas. É o Feed RSS, que propicia a distribuição também dos áudios. Para saber mais sobre o assunto ver: FREIRE, 2017, p.59.

⁹ Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/04/29/internet-chega-a-80-das-casas-do-brasil-e-presenca-de-tv-cai-diz-ibge.htm>? Acesso em 18 de março de 2021.

internet fixa, no entanto, tendo essa última um maior destaque. Sobre a quantidade de pessoas com acesso à internet, o IBGE mostra que o Brasil somou mais de 9,4 milhões de indivíduos a sua população conectada em 2018, estabelecendo com isso uma marca de 135,8 milhões de pessoas (74,7% da população ativa), o que representou um aumento de 4,9% em relação ao ano anterior.

Apesar de não falar diretamente sobre a mídia *podcast*, a pesquisa realizada pelo IBGE nos ajuda a perceber também um aumento em relação ao consumo das mídias digitais proporcionadas pelo acesso à *internet* nos lares e entre a população brasileira. Esse aumento, consequentemente, afeta diretamente a mídia em questão.

Sites e empresas, gradativamente estão se especializando nessa área e costumam mensurar dados importantes sobre a produção e consumo da mídia, um exemplo mais recente é a *PodPesquisa*¹⁰. Ainda em 2019, pesquisas levantadas apontaram um crescimento e popularização da mídia *podcast* no Brasil¹¹, havendo um aumento de 67% em seu consumo, o que representa algo significativo. O Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), também divulgou dados de uma de suas pesquisas em que evidencia a expansão da mídia, mostrando que no mesmo ano, pelo menos 40% dos brasileiros já escutaram alguma categoria de *podcast*. Já em 2020, ano em que o Brasil e o mundo foram afetados pela pandemia do novo Coronavírus, segundo relatórios realizados e publicados pela *Voxnet*, o país passou ocupar a primeira posição em um *ranking* de criação de *podcasts*¹².

Essas pesquisas revelam que a mídia cada vez mais encontra espaço e faz parte do cotidiano de muitos brasileiros, precisando ser problematizada em seus diversos campos, entre eles, aqueles pertinentes ao de uma tecnologia educacional e de comunicação de narrativas históricas. Sabemos da importância que as mídias de massa representaram e representam desde a invenção da imprensa ainda no século XVI, e mais ainda durante meados do século XX com o nascimento do rádio e da televisão, respectivamente, as quais criaram mecanismos de produção de diferentes conteúdos para públicos cada vez maiores e em diferentes formas de consumo. Mas quais serão os espaços e os impactos das mídias *podcasts*?

¹⁰ A *PodPesquisa*, é uma pesquisa voltada para entender os fluxos da mídia *podcast* no Brasil. É uma iniciativa da ABPod – Associação Brasileira de *Podcasters*, e tem como principal intuito mapear pontos estratégicos dentro do contexto brasileiro, contando com uma equipe especializada sobre o tema. Em 2019, já contava com sua 5ª edição.

¹¹ O levantamento foi feito pela empresa Deezer, empresa de streaming de música e agregador de *podcast*, e divulgada pelo UOL, e apenas reforça as tendências de outras pesquisas realizadas sobre o assunto. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2019/10/21/impulsionado-por-streaming-consumo-de-podcast-cresce-67-no-brasil-em-2019.htm>. Acesso em 20 de abril de 2021.

¹² Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/dino/producao-de-podcasts-no-brasil-cresce-durante-a-pandemia.7025d9c72eed3c2d8e639197fbffd56ahvaps6cj.html>. Acesso em 20 de abril de 2021.

De acordo com Amorim e Castro (2010), com o advento da *internet* e das suas diversas plataformas digitais, incluindo atualmente aquelas referentes ao campo da mídia *podcast*, é possível haver transmissão de informações e conteúdos com maior agilidade, já que muitos dos dispositivos, principalmente os denominados aparelhos móveis como os atuais celulares *smartphones* são desenvolvidos e aperfeiçoados, para favorecerem e realizarem múltiplas tarefas, criando com isso mecanismos mais acessíveis e simples, tanto para quem produz conteúdo quanto para o público, que se tornam usuários dessas informações. Assim, segundo os autores:

As possibilidades de conexão generalizada por meio de redes de amplo alcance e mediada por dispositivos fixos ou móveis como computadores, palms, laptops, GPS, Wifi, Bluetooth, telefones celulares, oferecem condições para que os usuários possam construir o seu próprio ambiente de comunicação e interação social (AMORIM E CASTRO, 2010).

Ao analisar a amplitude da mídia *podcast*, Bonassoli (2014, p. 17), esclarece que uma de suas maiores vantagens, é exatamente a sua capacidade de alcançar um grande público, pois é um produto que pelo pouco custo de produção e consumo, traz impactos significativos para seus usuários.

A popularização da mídia é evidenciada, portanto, por esse baixo custo nas formas de produzir seus programas e distribuí-los em rede, já que seu formato não exige necessariamente aparatos sofisticados como microfones, mesas de som ou um estúdio de gravação profissional, em muitos casos, bastando um *smartphone*, o *download* de um aplicativo e a iniciativa produtiva para começar a investir na mídia e na produção de novos conteúdos. O que não acontecia através dos meios tradicionais de comunicação de massa como a imprensa, o rádio e a televisão, que exigia bem mais por parte dos seus sistemas de transmissão e de seus produtores, restando a maior parte das pessoas apenas consumir o que era produzido por esses grandes veículos. Segundo os estudos realizados por Alex Primo (2005),

Podcasting é um processo midiático que emerge a partir da publicação de arquivos de áudio na Internet. Em virtude da mínima estrutura tecnológica exigida, a produção e a distribuição podem ser realizadas de maneira simplificada até por uma única pessoa (PRIMO, 2005, p. 1).

Assim sendo, devemos ficar atentos ao desenvolvimento e potencial da mídia em questão, aos seus diferentes domínios, entre eles a diversificação de seus temas, inclusive aqueles referentes ao campo da história, ou seja, as novas formas de narrativas históricas, bem como suas relações com o ensino, já que boa parte do público atendida pela ferramenta também

mostram interesse por esse campo, sendo crescente a produção de conteúdo histórico nesse meio digital. Outra questão diz respeito à parte dos ouvintes de *podcasts* que também se encontram em idade e contexto escolar, sendo oportuna uma problematização sobre o papel da mídia em aspectos educacionais e de aprendizagem histórica. De acordo com Perin (2015),

O *podcast* torna-se um recurso, uma narrativa em formato de áudio, uma ferramenta metodológica na sala de aula como meio para o docente, para que o discente interaja mais com a história de seu cotidiano, pois ele mesmo pode produzir narrativas históricas a partir de seus relatos (PERIN, 2015, p.1).

Partindo dos elementos apontados pelo autor na citação acima, de nossas indagações e dos objetivos da presente pesquisa, iremos analisar a mídia *podcast*, principalmente dentro de aspectos relacionados com o ensino de história, tratando a mesma enquanto um “recurso, uma narrativa [...] e uma ferramenta metodológica na sala de aula”.

2.2.1 A mídia *podcast* enquanto recurso

A Educação Nova, que se estabeleceu no Brasil e ganhou força na primeira metade do século XX, já orientava através de um de seus principais documentos, o *Manifesto dos pioneiros da Educação* (1932, p. 13)¹³, que “a escola deve utilizar, em seu proveito, com a maior amplitude possível, todos os recursos formidáveis, como a imprensa, o disco, o cinema e o rádio”. Portanto, desde os primeiros esforços em relação a estabelecer uma educação como princípio para o desenvolvimento nacional, como as propostas pensadas pelos organizadores do manifesto, já davam indícios e trazia como argumento a inserção de todos os recursos possíveis no ambiente escolar, para que assim os objetivos educacionais pudessem ser alcançados.

As escolas procuram gradativamente incorporar em suas práticas o apoio dos recursos digitais. O uso de dispositivos, especialmente aqueles provenientes dos vastos campos de possibilidades trazidas com o advento da *internet*, a exemplo das simulações computacionais, redes sociais, *blogs*, plataformas de *streaming* como *YouTube*, *Spotify* e outros recursos audiovisuais, tem atraído também os professores que procuram incorporar em suas práticas tais

¹³ O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, foi um movimento das primeiras décadas do século XX que teve uma grande visibilidade no Brasil. Através da promulgação da Constituição brasileira de 1934, o movimento colaborou para que houvesse a criação e a garantia de um ensino primário público, gratuito e obrigatório. É um dos principais manifestos em prol de melhorias para a educação no cenário brasileiro, seus organizadores defendiam novos ideais, acreditando que o desenvolvimento nacional só seria possível através desses princípios de oportunidade e igualdade educacionais para toda a população.

ferramentas, o que se torna necessário, pois muitos dos estudantes também estão acostumados a utilizá-los no seu cotidiano. Essas modificações impostas fora da escola também têm impactos significativos dentro dela, já que muitos jovens em contexto escolar trazem consigo uma cultura digital, proporcionada por esses novos tempos informacionais. De acordo com Moura e Carvalho (2006, p.91) “Todos estes recursos permitiram integrar de uma forma estruturada e sistemática as TIC na sala de aula e tirar partido das suas potencialidades em favor da promoção da aprendizagem e do sucesso educativo”.

A mídia *podcast*, aqui trabalhada, é um exemplo de algumas dessas novidades proporcionadas pelas novas tecnologias e deve ser entendida também enquanto um recurso educacional que poderá ser explorado dentro desse contexto.

Como já mencionado nesta dissertação, algumas características da mídia *podcast* a tornam um recurso com amplas potencialidades, por apresentar diferentes formas de produção, de acesso, de uso e também de temas, inclusive aqueles pertencentes ao campo da informação e do conhecimento relacionados à ciência histórica. Pode deste modo, ocupar destaque na esfera educacional como inovação nas formas de apropriação, de transmissão e de produção de conteúdo e uma importante ferramenta para construção do conhecimento dentro e fora da sala de aula “visto ser uma tecnologia que anda no bolso de um grande número de jovens” (MOURA E CARVALHO, 2006, p.89). De tal modo, é preciso aproximar essa mídia de comunicação e informação do espaço escolar, destacando suas formas de atuação junto aos estudantes, bem como sobre sua divulgação também nos espaços públicos digitais, já que essa é uma “tecnologia de significativos potenciais e implicações educativas” (FREIRE, 2017, p.55).

Através dos seus muitos programas que incluem do mesmo modo diferentes temas, entre estes, aqueles relacionados ao contexto histórico, os formatos de áudios distribuídos pela internet por meio da mídia *podcast*, tornam-se um recurso bastante flexível, podendo ser explorado no processo de ensino e aprendizagem. É possível que os docentes se utilizem de estratégias e metodologias em que esse recurso seja averiguado, desde a utilização em sala de aula das mídias já existentes, ou mesmo de um trabalho que envolva a produção e criação de novos programas pelo professor e em parceria com os estudantes, dando a mídia uma intencionalidade pedagógica, como será abordado no decorrer deste trabalho.

O fato de estarmos inseridos em uma sociedade da cultura digital e do conhecimento, abre possibilidades para reflexões interessantes no que diz respeito aos desafios que a escola e os professores enfrentam, já que precisamos se adequar a essa realidade. Como já evidenciamos ao longo deste trabalho, não podemos simplesmente acreditar que os recursos tecnológicos,

sejam eles quais forem, apenas por si, irá revolucionar as formas educacionais e substituirá os recursos humanos. Compartilhamos da ideia defendida por Otacílio Ribeiro, de que,

A máquina precisa do pensamento humano para se tornar uma ferramenta auxiliar no processo de aprendizado. É necessário integrá-la às mais diferentes atividades, pois ela pode ser entendida enquanto instrumento de expansão do pensamento. Que sirva para envolver os estudantes em projetos práticos, desafiadores e que estimulam o raciocínio humano. Hoje, o papel da escola é ensinar a pensar, preparando o aluno para lidar com situações novas, problematizando, discutindo e tomando decisões. Sobretudo, cabe à educação resgatar o homem de sua pequenez, ampliando horizontes, buscando outras opções, tornando as pessoas mais sensíveis e comunicativas. Ao pensar o processo pedagógico mediado pela tecnologia, não se pode esquecer que a centralidade da ação deve estar nos sujeitos, e não nas técnicas (RIBEIRO, 2011, p.94).

As experiências mediadas pelo uso das tecnologias na educação, devem oportunizar a reflexão no fazer pedagógico e isso só será possível, na medida em que é fomentado um ensino em que, principalmente, o professor motive os estudantes para um processo de desenvolvimento e participação ativa destes, na sua aprendizagem, através de atividades desafiadoras e estimulantes em que haja autonomia, colaboração e produtividade. Prandini (2009, p.82) destaca que:

A tecnologia amplia as possibilidades de comunicação entre professores e alunos, ampliando as dimensões de espaço e tempo em que essa interação pode acontecer em suas formas síncrona ou assíncrona, que possibilitam modalidades comunicativas distintas. Então, não se deve esperar que com o advento da tecnologia haja uma revolução nas formas de ensinar, pois, a tecnologia está a serviço do homem e poderá ser usada de forma a desenvolver o individualismo e o isolamento, ou como promotora de comunicação e cooperação (PRANDINI, 2009, p.82).

Como professores, devemos ter iniciativas inovadoras no ensino e usar a tecnologia nesse sentido de promotora de cooperação. Assim, tirando proveito desses recursos que temos hoje, principalmente aquelas tecnologias relacionadas ao digital é que utilizamos uma experiência pedagógica com a mídia *podcast* nas aulas de história, para motivar e elevar a participação dos estudantes no processo de aprendizagem e na busca de um maior sucesso educativo na nossa disciplina. Ou seja, é preciso considerar a potencialidade desses novos recursos digitais, e considerar a mídia *podcast* como uma ferramenta tecnológica com implicações educativas, como veremos de forma mais aprofundada no capítulo 3 desta dissertação.

2.2.2 A mídia *podcast* como possibilidade de narrativa histórica

Para Jörn Rüsen (2001), a narrativa histórica tem como principal característica sua necessidade inerente a uma orientação da vida prática no tempo e todo o pensamento histórico se desenvolve através de procedimento que envolve uma narrativa. Assim, para o autor a narrativa histórica,

É uma prática cultural de interpretação do tempo antropológicamente. Uma construção da identidade humana que traz uma capacidade de tornar o passado presente, em forma de unidade integrada às outras temporalidades, colaborando com a construção da consciência histórica e da identidade humana. É um elemento constituinte da consciência histórica, pois narrar, rememorar, traz orientação ao agir, e a função de orientação, desempenhada pela consciência histórica se dá através da narração (RÜSEN, 2001, p. 149).

Por sua vez, Gevaerd (2011), colabora com essa perspectiva sobre o processo da narrativa histórica, citando Christopher Husbands, defende que:

A narrativa histórica é uma das formas pelas quais alunos e professores dão sentido ao passado histórico, quando pensam sobre as versões do passado. As narrativas são usadas para tratar de ideias mais amplas e complexas, assim como para estimular formas de pensamento sobre o passado e sobre como ele foi vivenciado (GEVAERD, 2011, p. 1501).

Como podemos observar nos trechos acima, a narrativa histórica além de um instrumento de aprendizado e transmissão cultural, é para a disciplina de história muito importante, ocupando destaque central para a formação do pensamento histórico.

Assim, a narrativa digital, envolve diferentes linguagens, bem como pode ser produzida e apresentada através de vários recursos midiáticos, entre estes, se encontra a mídia *podcast*. Portanto, acreditamos que trabalhar com esse recurso na sala de aula e junto aos estudantes, pode colaborar com o entendimento sobre as novas formas de narrativas digitais, principalmente aquelas referentes ao campo historiográfico. Concordamos com Almeida e Valente (2012) sobre a oportunidade de trabalhar com essas novas mídias, através dessas narrativas digitais:

A intenção de trabalhar com as narrativas digitais é justamente a de explorar o potencial das TDIC no desenvolvimento de atividades curriculares de distintas áreas do conhecimento. Com a produção destas narrativas, conceitos são explicitados, e a narrativa passa a ser uma “janela na mente” do aluno, de modo que o professor possa entender e identificar os conhecimentos do senso comum e, com isso, possa intervir, auxiliando o aprendiz na análise e depuração de aspectos que ainda são deficitários, ajudando-o a atingir novo patamar de compreensão do conhecimento científico (ALMEIDA; VALENTE, 2012, p. 58).

Para nós, professores de história e historiadores, a narrativa histórica se apresenta como parte importante na construção de sentido no tempo (RÜSEN, 2001). Assim, se apropriando de uma metodologia que colabore para desenvolver narrativas históricas, através do uso da mídia *podcast*, demonstra grande possibilidade de êxito ao serem utilizadas na disciplina de história. De acordo com Souza:

A análise sistemática do passado para a compreensão do tempo presente, partindo das demandas desse mesmo tempo é dever do historiador. Cabe ao historiador fazer uso das novas tecnologias de informação para registrar e divulgar as discussões do tempo presente através de uma reflexão histórica. Os historiadores devem transformar os tradicionais repositórios de informação (impresso ou digitais) em suportes de ferramentas cognitivas para a resolução de problemas de natureza histórica (SOUZA, 2016, p.68).

Sabemos que muitas narrativas circulam através da *internet* de forma rápida, inclusive algumas com forte teor negacionista. Em muitos casos temos narrativas distorcidas ou tiradas de contexto, passando a sustentar a convicção desses sujeitos que assimilam, muitas vezes, as informações como “verdades incontestáveis”.

É preciso que a escola e professores, além de orientar os estudantes desde cedo sobre os riscos e cuidados que o *ciberespaço* exige, também ocupem esses espaços com suas produções, fazendo principalmente circular conhecimento relevante nesse meio, para que assim haja um debate mais amplo, e esteja principalmente dentro de um contexto educativo e de responsabilidade no que diz respeito à divulgação científica. No caso historiográfico, é preciso romper as fronteiras do espaço acadêmico.

Através de uma pesquisa simples realizada no sistema de busca como o Google, em sites voltados para esse fim ou mesmo na plataforma do *Spotify* (serviço de *streaming* especializado em música e também em programação de *podcasts*), é possível detectar vários canais que tratam de temas históricos, portanto, fazendo parte de mídias com assuntos geradores dessa área, caracterizando-os como sendo narrativas digitais e históricas.

Em meio aos principais programas e canais encontrados na *podosfera*¹⁴ brasileira, podemos listar importantes iniciativas realizadas por grandes especialistas no campo historiográfico, que envolvem trabalhos coletivos e colaborativos de historiadores, professores universitários e pesquisadores renomados da área, tais como: *Humanas em Rede*¹⁵, *História*

¹⁴ A *podosfera* corresponde ao espaço utilizado por aqueles que lidam com essa mídia, sejam estes ouvintes ou seus produtores, os últimos são chamados *podcasters*.

¹⁵ Disponível em: <https://www.humanasrede.com/podcas>. Acesso em 17 de abril de 2021.

*FM*¹⁶, *História presente*¹⁷, *PodQuestionar*¹⁸, *Escreva Café*¹⁹, *História em quarentena*²⁰, para citar alguns. E ainda existem programas desenvolvidos por não especialistas, mas que também trazem como bojo principal, conteúdos relacionados a história.

As principais pautas desenvolvidas através da mídia *podcast* por esses programas se debruçam na perspectiva das demandas do tempo presente. Vejamos no quadro abaixo, algumas dessas informações trazidas inicialmente através das fichas técnicas apresentadas pelos realizadores de alguns dos programas listados, que ficam evidentes e demonstram essa preocupação:

Quadro 1: Programas de *podcasts* de conteúdos históricos

HuManas em Rede	História em Quarentena	História Presente	PodQuestionar
“Série de programas produzidos por pesquisadoras da área das Humanidades, que discutem temas, questões e problemas contemporâneos. HuMANAS - pesquisadoras em rede pretende promover reflexões críticas e colaborativas, através do diálogo transdisciplinar, de intervenções públicas e da defesa dos ideais democráticos.”	“Este é o <i>podcast</i> do "História em Quarentena", projeto nascido em 23 de março de 2020, em razão da necessidade de distanciamento social provocada pela pandemia do Corona Virus. A cada semana, escolhemos uma temática de importância social que é apresentada na nossa página Facebook, em forma de lives individuais e de um debate gravado. Esperamos que o formato do <i>podcast</i> facilite ainda mais o acesso a um conteúdo que consideramos muito importante.”	“O <i>podcast</i> História Presente é uma criação do Laboratório de Pesquisa e Práticas de Ensino em História da UERJ com a proposta de levar os projetos desenvolvidos pelo laboratório e por diversos outros espaços da universidade a um público amplo, além de debates sobre temas que envolvem o cotidiano da sociedade em sua leitura através da História, com conteúdos e informações relevantes na construção do conhecimento histórico e da cidadania, distribuídos por diversos programas.”	“Bem vindas e bem vindos ao Pod-Questionar. Um <i>PodCast</i> voltado aos conteúdos históricos e temas afins, um projeto ligado ao Laboratório de Pesquisas em História Cultural-Lapehc, do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri-URCA. Iniciamos com uma série especial “Vozes da Quarenta” conversas com historiadoras e historiadores que pretendem refletir sobre esse grave momento pelo qual passamos.”

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com base no quadro acima, é perceptível entender a relação das discussões trazidas nos programas de *podcasts* que consideram em suas narrativas os acontecimentos na perspectiva do conhecimento histórico, pois carregam em si determinadas identidades históricas a partir da visão dos historiadores e pesquisadores que elaboram estas mídias. Vale ressaltar que a forma como são apresentadas essas narrativas históricas colaboram com as propostas oferecidas por

¹⁶ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/4d1lnERMnFpGTdJiu403pg> .Acesso em 17 de abril de 2021.

¹⁷ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/7CnCBhzIOE35bOb4YX2Xc3> .Acesso em 17 de abril de 2021.

¹⁸ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/2b82UDSycVuiPuK42fhjcS> .Acesso em 17 de abril de 2021.

¹⁹ Disponível em: <https://www.escribacafe.com/> .Acesso em 17 de abril de 2021.

²⁰ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/2GRZZy9lv96xy2OetT6W9V> .Acesso em 17 de abril de 2021.

Rüsen, pois as mesmas são caracterizadas como “experiências de ações relevantes do presente” (RÜSEN, 2010, p.44).

2.3 Metodologias ativas: o uso da mídia *podcast* para um processo de aprendizagem e autonomia

As novas propostas educacionais trazem a necessidade de um ensino que seja dinâmico, e que os estudantes sejam também vistos como sujeitos ativos dentro desse processo. Professores e o sistema educacional, portanto, são necessários e essenciais para garantir essa autonomia e criticidade nos alunos, ou também uma situação contrária.

É preciso entender os estudantes como agentes históricos, os quais são partícipes em seus diferentes contextos. Para isso, ressaltamos que o professor deve procurar ser sempre inspirador, no sentido que leve os estudantes a desenvolverem sua autonomia, como já nos evidenciava o mestre Paulo Freire no seu guia “Pedagogia da Autonomia” (FREIRE, 1996). Portanto, é preciso valorizar o aluno como um sujeito capaz de produzir novos olhares e novos conhecimentos, potencializados por um processo educativo emancipador.

Freire (1996) ressalta a importância de uma educação não autoritária em que o princípio democrático fosse valorizado e construíssem diálogos entre educadores e educandos. Para ele, temos também de reconhecer os processos históricos inacabados e em permanentes transformações, para assim entender que ensinar-aprender parte de uma relação humana que exige a participação tanto do professor como do aluno. Mostra que esse processo de aprender, historicamente está interligado aos vários atos de ensinar, quando isso ocorre, deflagrando uma curiosidade crescente em que há possibilidades concretas do aprendiz em tornar um sujeito cada vez mais crítico, autocrítico e também criador. Essa “curiosidade epistemológica” se torna também rigorosa sendo sustentada por um método de pesquisa, portanto, “ensinar exige rigorosidade metódica”, daí também sua crítica a “educação bancária” a qual acaba por restringir e limitar a educação a atos que simplesmente depositam informações e conteúdos nos alunos, sem criticidade ou questionamentos. Esse tipo de educação “bancária” deforma não só a criatividade dos professores, mas também dos estudantes.

Paulo Freire, já nos orientava a romper com esse modelo de ensino, e procurar buscar formas de aprendizagem em que haja possibilidade de se rebelar e superar os erros causados por um ensino bancário, e ajudasse também no processo de emancipação e saída da passividade.

Quando os sujeitos são estimulados por um professor desafiador, as condições para a aprendizagem também estarão bem mais presentes.

É a força criadora do aprender de que fazem parte a comparação, a repetição, a constatação, a dúvida rebelde, a curiosidade não facilmente satisfeita, que supera os efeitos negativos do falso ensinar. Esta é uma das significativas vantagens dos seres humanos – a de se terem tornado capazes de ir mais além de seus condicionantes (FREIRE, 1996, p.13).

A ferramenta *podcast* pode contribuir para os estudantes serem construtores e produtores de conteúdo, que saiam da “passividade” e de seus “condicionantes” e sejam criadores autônomos e colaboradores de uma aprendizagem reflexiva e crítica. Para isso ocorrer, no entanto, é preciso que o professor entenda sua função social, pois deve haver reciprocidade no ato de ensinar e aprender entre estes e os estudantes. Assim, é possível incorporar valores e saberes novos, através dessas experiências conjunta.

Ao desenvolver um trabalho pautado em uma linguagem midiática, o cinema, Rodrigo de Almeida Ferreira (2018) realiza uma importante análise nesse campo, principalmente no que diz respeito à importância da autonomia dos estudantes. Para ele é necessário que o jovem consiga encontrar condições para “desenvolver e construir sua autonomia” (FERREIRA, 2018, p. 10). As reflexões do autor estão relacionadas ao princípio de uma educação emancipadora, uma “educação dialógica, colaborativa entre professor e aluno, pautada por reflexões e questionamentos ao processo histórico, mobilizando múltiplas metodologias e fontes” (FERREIRA, 2018, p. 11).

Estudos relacionados ao ensino de história, que envolve os usos das tecnologias digitais, mostram a necessidade de uma pedagogia que valorize principalmente a autonomia e criatividade dos estudantes. Vemos que a mídia *podcast* traz diversas possibilidades no contexto escolar, sendo o professor de história essencial para a construção de uma narrativa histórica pautada em princípios metodológicos necessários, um mediador no debate, na reflexão e na produção histórica.

De acordo com Maria Auxiliadora Schmidt (2017), em diálogo com Rüsen:

É nessa direção que o princípio metodológico da multiperspectividade nas aulas de história deve ser reconhecido como essencial, significando que as experiências históricas precisam ser de tal forma apresentadas, que causem uma identificação com o envolvimento dos alunos, a partir da divergência entre os diferentes pontos de vista. Segundo Rüsen na prática do ensino de história, a subjetividade do aluno deixa, na transformação da experiência que lhe diz respeito (e isso também quer dizer: objetivo), duas maneiras de aparecer: (a) a primeira é indireta, por meio de uma identificação com aqueles que foram sujeitos pelo desenvolvimento temático

histórico; (b) a outra, diretamente, por meio da reflexão dos próprios pontos de vista, na reconstrução do desenvolvimento histórico. Assim, a aula de história não deve e não pode evitar uma participação prévia, com a qual os alunos trazem seus próprios pontos de vista e sua perspectiva da interpretação histórica (SCHMIDT, 2017, p.68).

Com base nos estudos realizados através de alguns livros, de artigos científicos, das teses e dissertações lidas, principalmente aquelas já desenvolvidas por outros mestrados nos diferentes campos institucionais do PROFHISTÓRIA, vemos que é consenso entre os autores que estudam a temática do ensino em uma perspectiva com as Tecnologias de Informação e Comunicação, considerarem a importância de metodologias em que os estudantes sejam colocados como protagonistas do seu processo de aprendizagem.

Essa urgência se faz necessária, dentre outros, devido às grandes transformações, principalmente, tecnológicas que foram criadas a partir das muitas plataformas informacionais proporcionadas pelo *ciberespaço*, os quais também criam essas novas gerações que chegam ao ambiente escolar com novas demandas. Muitas dessas plataformas, também carregam direta ou indiretamente, entre as suas variedades de conteúdos, aqueles pertinentes ao campo das narrativas históricas.

Nesta perspectiva, encontramos algumas passagens interessantes sobre o tema, como a da citação abaixo, proposta por Raone Ferreira de Souza, em sua dissertação defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro, cuja abordagem central relaciona-se com as narrativas midiáticas, com o uso das TICs e seus impactos no ensino de história.

A escola, por ser lugar por excelência de formação do conhecimento histórico, está a todo o momento recebendo influências externas, principalmente pelo forte contato dos alunos com os novos meios de comunicação. O aluno tem tomado acesso a diferentes narrativas, produzidas por historiadores ou não, o que tem levado a muitos questionamentos por parte dos profissionais em educação em como desenvolver uma didática que correspondesse às demandas de uma sociedade cada vez mais tecnológica e interativa (SOUZA, 2016, p.38).

Também sobre a perspectiva dos usos de metodologias e de recursos diversificados em sala de aula para o ensino de história pelos professores, nos tempos dos avanços tecnológicos, Antonio Guanacuy Almeida Moura em sua dissertação “*Webquest’s: possibilidades no ensino e Aprendizagem de história*”, defende que cabe aos docentes,

a compreensão deste novo cenário educacional que se vislumbra e transforma-se a cada dia, a fim de incorporar a sua prática pedagógica, metodologias de ensino que contemplem o uso de linguagens diversificadas, dentre estas a digital, possibilitando desta forma o estabelecimento de novas relações com o saber. Nessa perspectiva é necessário aos professores atentarem-se ao desafio de apreensão dos conhecimentos engendrado pelo uso das tecnologias digitais (MOURA, 2018, p.16).

Maicon Roberto Poli Aguiar também contribui nessas questões, e pontua em sua dissertação defendida na Universidade do Estado de Santa Catarina, em 2017, principalmente sobre a importância de um trabalho docente que estabeleça uma relação de mão dupla, em que prevaleça uma metodologia colaborativa entre professores e alunos. Para ele, a aprendizagem histórica poderá ser fortalecida enquanto há essa interação, sendo necessário respeitar a autonomia dos estudantes para poderem desenvolver uma visão mais crítica sobre determinados temas e também consigam produzir conhecimento, assim ampliando ainda mais suas possibilidades e discussões pertinentes ao campo de estudo. Desta forma, o autor considera que

[...] a relação estabelecida entre professores (as) e estudantes não pode ser mais unilateral, na qual estudantes precisam ficar atentos exclusivamente ao conhecimento trazido pelo(a) professor(a), supostamente, portador do único e verdadeiro saber. O corpo discente é portador de conhecimento, em parte desconhecido pelo(a) docente, devendo compartilhar o mesmo para a ampliação das discussões, sendo o(a) professor(a) fundamental na mediação desse debate, contrapondo os vários pontos de vista e análises acerca da temática em questão, levando os(as) estudantes a serem questionadores, com diversos suportes argumentativos, na composição de suas opiniões (AGUIAR, 2017, p. 74).

Hoje fica cada vez mais claro que ministrar sempre aulas expositivas e que não possibilita a produção, protagonismo e autonomia por parte do aluno, em meio a tantos avanços tecnológicos que estão em pleno desenvolvimento e de acesso destes estudantes, não é mais possível. É preciso integrar e utilizar esses aparatos enquanto recursos pedagógicos para aulas mais interativas e articuladas com o que se pretende ensinar, o que pode trazer impactos significativos no conhecimento educacional, histórico e de interesse dos estudantes.

Desde a Escola Nova, mesmo dentro de outros modelos, seus articuladores já evidenciavam uma educação em que teoria e prática estivessem aliadas. Educação, em que os estudantes pudessem desenvolver sua autonomia e senso crítico e assim também fornecer elementos para seu processo de desenvolvimento e aprendizagem ativamente. Um ensino que envolva metodologias ativas, como aquelas fornecidas pelas novas mídias digitais, aqui em destaque a ferramenta *podcasts*, colabora com essas possibilidades. Tornam-se interessantes para os estudantes do ensino básico, na medida em que estabelecem uma aprendizagem mais significativa, que envolva processos de pesquisas, construção, análises de situações problemas e principalmente estabelecem habilidades de produção de conteúdo também por parte destes.

De tal modo, os usos de *podcasts* em sala de aula também devem contemplar aspectos relacionados com a teoria da Aprendizagem Significativa proposta nos moldes defendidos por

David Ausubel ainda nos anos de 1960. É preciso que os professores se utilizem dessas metodologias que agreguem uma reflexão, instiguem o pensamento dos estudantes, considerando seus conhecimentos que devem ter um significado, relevância e sentido no contexto da aprendizagem histórica. Conforme o próprio autor,

Aprender significativamente é um processo ativo de construção cognitiva onde o que o aluno já sabe é absolutamente fundamental, e é fundamental porque a aprendizagem significativa de um material qualquer é um processo que consiste numa interação substantiva, não literal e não arbitrária (plausível, sensível e não aleatória) desse material com ideias relevantes existentes previamente na estrutura cognitiva, com as quais esse material se relaciona (AUSUBEL, 1980, p. 1).

Assim sendo, é preciso que o professor esteja atento e estabeleça uma abordagem que envolva os alunos em todo o processo do conhecimento, em nosso caso, o conhecimento histórico. Através de uma abordagem que traga dinamicidade e permita principalmente a interação entre os estudantes e o professor, tornando o espaço propício para que os alunos se tornem realmente protagonistas e consigam construir conhecimentos e não simplesmente serem meros espectadores. Assim, é importante trabalhar dentro de uma perspectiva de desenvolvimento de projeto, que agregue a mídia *podcast*, o conhecimento histórico e o protagonismo dos estudantes. John Dewey nos ajuda a entender algumas formas de trabalhar com uma pedagogia de Projetos, corroborando também com as ideias de Ausubel. De acordo com autor:

Um projeto prova ser bom se for suficientemente completo para exigir uma variedade de respostas diferentes dos alunos e permitir a cada um trazer uma contribuição que lhe seja própria e característica. A prova posterior é que haja suficiente tempo para que se inclua uma série de trabalhos e explorações e que suponha um procedimento tal, que cada passo abra um novo terreno, suscite novas dúvidas e questões, desperte a exigência de mais conhecimentos e sugira o que se deva fazer com base no conhecimento adquirido (DEWEY, 1952, p.27).

Com base nas contribuições destes autores no campo pedagógico, ainda em meados do século XX, vemos que muito ainda precisa ser feito. É importante que, como educadores, levemos aos estudantes uma abordagem que os auxiliem em seus processos de formação, que deve ser democrática e participativa, que colabore com um pensamento reflexivo, desenvolvendo nestes, habilidades principalmente em relação a orientar-se no tempo e participar conscienciosamente na sociedade. É preciso uma educação integral e contextualizada.

Através do presente trabalho, no qual foi realizado na disciplina de história algumas atividades que passaram pelo processo de pesquisa, análise e produção de materiais em parceria e através de estratégias com alguns estudantes do ensino médio. Procuramos trabalhar com a possibilidade de facilitar, mediar e colaborar com a aprendizagem histórica destes estudantes, principalmente no sentido de desenvolver uma aprendizagem significativa, em que o protagonismo fosse a principal dimensão dessas atividades.

É preciso ter claro que o processo de ensino e aprendizagem hoje, deve ser problematizador e contextualizado com as demandas da sociedade contemporânea, sem deixar de lado, principalmente, um ensino que promova o pensamento crítico, a autonomia e protagonismo dos estudantes.

O sucesso da aprendizagem histórica no ensino básico emerge quando o professor traz os estudantes para o centro do processo de ensino e aprendizagem. E isso se dá de modo mais evidente, através de tarefas que envolvam as chamadas metodologias ativas e em que os mesmos ampliem atividades que auxiliem no processo de autonomia e participação colaborativa. Para isso acontecer, é preciso que os docentes ouçam mais os estudantes, percebam suas demandas e necessidades e considerem principalmente suas opiniões. Visto que

A aprendizagem é mais significativa quando motivamos os alunos intimamente, quando eles acham sentido nas atividades que propomos, quando consultamos suas motivações profundas, quando se engajam em projetos para os quais trazem contribuições, quando há diálogo sobre as atividades e a forma de realiza-las. Para isso, é fundamental conhecê-los, perguntar, mapear o perfil de cada estudante. Além de conhecê-los, acolhê-los afetivamente, estabelecer pontes, aproximar-se do universo deles, e como eles enxergam o mundo, do que eles valorizam, partindo de onde eles estão para ajudá-los a ampliar sua percepção, a enxergar outros pontos de vista, a aceitar desafios criativos e empreendedores (BACICH; MORAN, 2018, p.6).

É importante salientar que as metodologias ativas não necessariamente estão relacionadas apenas a trabalhos que envolvam recursos tecnológicos, no entanto, com o apoio dessas ferramentas podemos ter uma potencialização nas práticas pedagógicas. É preciso que o professor além de fazer uso desses recursos, possibilite um ensino mais dinâmico, motivador e que desenvolva uma maior problematização, tornando o estudante um agente direto no processo educacional, aguçando nestes a vontade de contribuir e intervir diretamente na sociedade, de forma ativa e participativa, principalmente através de um pensamento histórico crítico.

A combinação de metodologias ativas com tecnologias digitais móveis é hoje estratégica para a inovação pedagógica. As tecnologias ampliam as possibilidades de pesquisa, autoria, comunicação e compartilhamento em rede, publicação, multiplicação de espaços e tempos; monitoram cada etapa do processo, tornam os

resultados visíveis, os avanços e as dificuldades. As tecnologias digitais diluem, ampliam e redefinem a troca entre os espaços formais e informais por meio de redes sociais e ambientes abertos de compartilhamento e coautoria (BACICH; MORAN, 2018, p.12).

Como observamos no interior desse capítulo, a ideia e necessidade do aluno protagonista não é nova, mas ainda há muito para que de fato alcancemos essa realidade. As novidades proporcionadas pelas tecnologias digitais trazem também maiores possibilidades de metodologias ativas que precisam ser organizadas pelo professor. É preciso valorizar nosso trabalho como mediadores do conhecimento, pois como sabemos a informação hoje está em praticamente todos os lugares e próximas ao estudante, no entanto, a mediação do conteúdo é extremamente necessária e nos pertence, pois como docentes estamos habilitados para trabalhar nessa dimensão da apuração e sistematização do conhecimento junto aos discentes.

E se a internet invadiu as nossas vidas, se ela há duas décadas permeia mais intensamente o nosso cotidiano, afetando a forma como entendemos o mundo, é preciso refletir sobre como tais mudanças se manifestam no campo da história e, mais especificamente, no ensino dessa disciplina escolar (DELGADO; MAYNARD, 2012, p.582).

Portanto, ações mobilizadoras do professor devem estabelecer um ensino mais dinâmico e significativo aos estudantes, rompendo com a mera transmissão de conteúdo. Trabalhar com os alunos conteúdos históricos que envolvam a pesquisa, a análise apurada desses materiais e a produção podem ser facilitados por essas novidades trazidas pelas TICs, que se tornam importantes ferramentas metodológicas e podem contribuir com certas inovações e mudanças de paradigmas no ensino de história. Utilizar a mídia *podcasts* tão presente na sociedade contemporânea, nesse intuito, pode colaborar com as propostas de uma educação integral, em que alunos são vistos como sujeitos ativos na sociedade, bem como o professor torna-se um importante mediador dessa aprendizagem, pois através de um ensino que envolva tal entusiasmo, proporcionam criatividade e participação.

Desenvolver a disciplina de história no ensino básico de maneira mais ativa, como a que defendemos na nossa pesquisa, acaba auxiliando no encontro dos anseios dos docentes e discentes, e na possibilidade de maiores oportunidades de sucesso do processo educativo.

CAPÍTULO 3: PRODUÇÃO DE *PODCAST*, UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA COM ESTUDANTES DO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO DA EEEP DEPUTADO JOSÉ MARIA MELO

3.1 *Podcast* no ensino de história: relato de uma experiência sobre o uso pedagógico do *podcast* em sala de aula

O estudo proposto no trabalho, buscou investigar as possíveis potencialidades e fragilidades de metodologias de ensino que envolva a inserção das TICs no ambiente escolar, em especial através da ferramenta *podcast*, que se destaca atualmente no campo das novas linguagens de comunicação, entre estas, aquelas referentes ao das narrativas e da aprendizagem histórica.

A pesquisa teve como *locus* a Escola Estadual de Educação Profissional Deputado José Maria Melo, localizada na cidade de Guaraciaba do Norte-CE²¹, da qual faço parte do seu corpo docente e contou com amostragens para o trabalho a partir das turmas de 2º anos em que ministro a disciplina de história.

As turmas de 2º ano da escola funcionam com os cursos técnicos em Administração, Agropecuária, Edificações e Informática e contam no corrente ano com 175 estudantes. Durante o período de aulas remotas a escola optou por modificar o formato das aulas das disciplinas da base regular e fez uma junção entre as turmas, ficando assim distribuídas: 2º Administração e 2º Edificações (Turma A); 2º Agropecuária e 2º informática (Turma B). Assim, as aulas são realizadas através do *Google Sala de Aula*²² e videoconferências pelo *Google Meet*, para duas turmas de forma simultânea.

²¹ A EEEP Deputado José Maria Melo foi fundada no ano de 2011 na cidade de Guaraciaba do Norte (CE). O município que a escola se localiza está na Mesorregião do Noroeste Cearense, mais especificamente na Microrregião da Ibiapaba, e fica a 300 km da capital Fortaleza. A população de acordo com último censo, realizado em 2010, apontava para 37.775 habitantes, no entanto, a população estimada no ano de 2020 era de 40.784 pessoas. Suas principais atividades econômicas se dão em torno da produção de alimentos, principalmente a horticultura (tomate, pimentão, maracujá, repolho, dentre outros), cultivo de alimentos orgânicos pela agricultura familiar, produção de cana-de-açúcar e seus derivados (como rapadura e mel), além do comércio com feiras livres, lojas e supermercados. Também possui indústrias de água mineral, mercado imobiliário e o setor de turismo com parques ecológicos e mirantes. Para saber mais sobre o município, ver em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/guaraciaba-do-norte/panorama>.

²² Para auxiliar o processo educacional no momento da suspensão das atividades escolares presenciais, a Secretaria da Educação do Estado do Ceará (Seduc), estabeleceu parceria com o Google para a disponibilização, para professores e alunos, da plataforma do *G Suite*, que oferece uma série de ferramentas como Google Sala de Aula, Drive, Gmail, Google Meet e Agenda. Por meio da ferramenta, é possível a interação dos professores para manterem atividades pedagógicas de suas disciplinas e interagirem com os estudantes.

A pesquisa e a coleta das informações *in loco* estavam previstas para o último semestre de 2020 e seria realizada na própria escola durante as aulas presenciais da disciplina, no entanto, com a pandemia da Covid-19 e as aulas sendo suspensas e realizadas através de ensino virtual/remoto, houve necessidade de adiamento e alterações no trabalho em questão.

Sem muitas expectativas de retorno para as aulas presenciais, a partir do início do primeiro semestre letivo do ano de 2021, ainda no primeiro bimestre, e início do segundo bimestre do corrente ano (2021), em conformidade com o calendário escolar/acadêmico dos cursos profissionalizantes e seguindo também os percursos didáticos estabelecidos, tivemos que dar continuidade ao trabalho através dessa nova modalidade de ensino.

Nesse sentido, para traçar um perfil geral dos estudantes da escola pesquisada sobre acesso e uso de tecnologias digitais, foi realizada a aplicação de um questionário virtual feito na plataforma do *Google Forms* e distribuído o link com as perguntas para os alunos, através dos Grupos de *WhatsApp* e também da plataforma *Google Sala de Aula*, espaços de interação que durante o período da pandemia foram os principais meios de comunicação entre professores e estudantes.

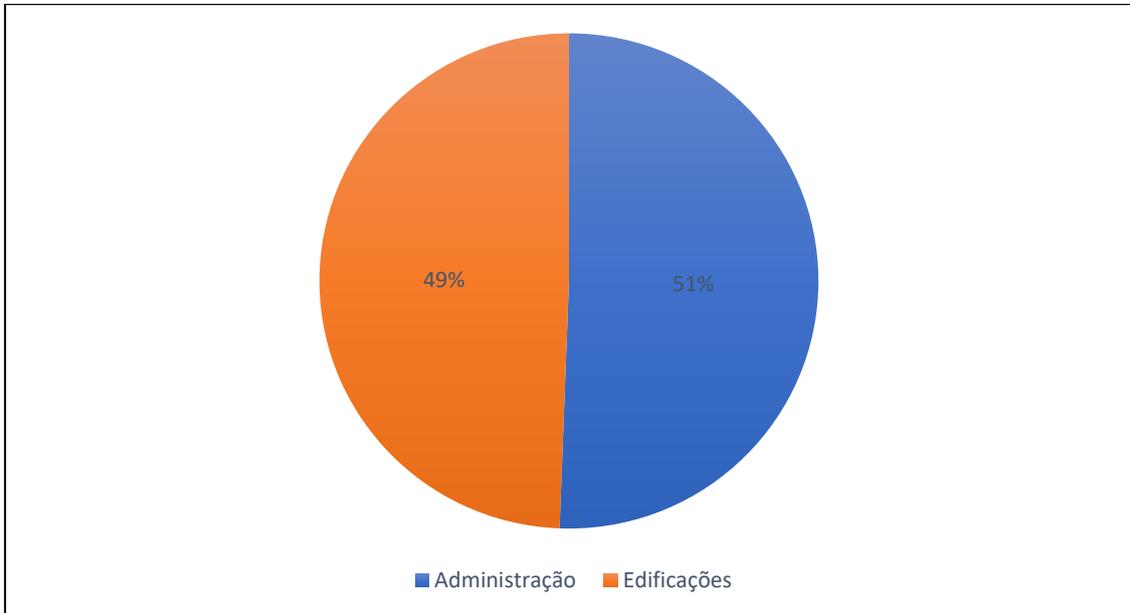
3.1.1 Caracterização, local e contexto da amostra

Ao responderem o primeiro questionário (Apêndice 1) foi possível mapear o perfil dos estudantes envolvidos na pesquisa, já que as perguntas visavam adquirir dados como idade, sexo, cor, local de residência (zona rural ou urbana), mas, sobretudo, uma análise no que diz respeito às percepções destes em relação ao ensino de história, o uso das Tecnologias digitais e *internet* no ensino-aprendizagem, e sobre a nossa ferramenta de pesquisa, a mídia *podcast*, enquanto recurso de ações inovadoras na produção de conteúdos voltados para a disciplina de história e para o saber escolar.

Obtive retorno de 81 estudantes das turmas de Administração e Edificações (Turma A), e 84 estudantes de Agropecuária e Informática (Turma B), ou seja, quase todos os alunos das turmas pesquisadas responderam o primeiro questionário. Percebemos que o uso da plataforma virtual *Google Forms* facilitou a coleta dos dados necessários para o trabalho, pois o mesmo é um instrumento de fácil uso, acessível e bom para colher informações de vários tipos, entre estes, aqueles que precisávamos para a realização da pesquisa, sem mencionar que o contato com os alunos por meio dos grupos de *WhatsApp* também foi um fator positivo para o retorno e devolutiva das informações.

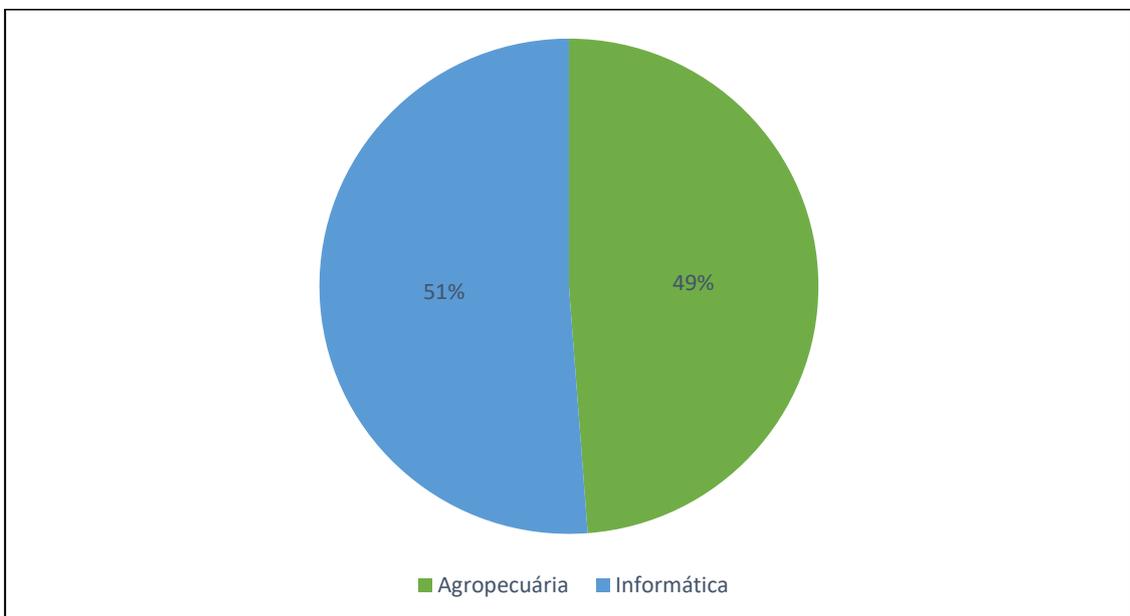
Do total de alunos que responderam ao questionário, obtive retorno do seguinte percentual das turmas/cursos:

Gráfico 1 - Cursos: Administração e Edificações (Turma A)



Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 2 - Cursos: Agropecuária e Informática (Turma B)

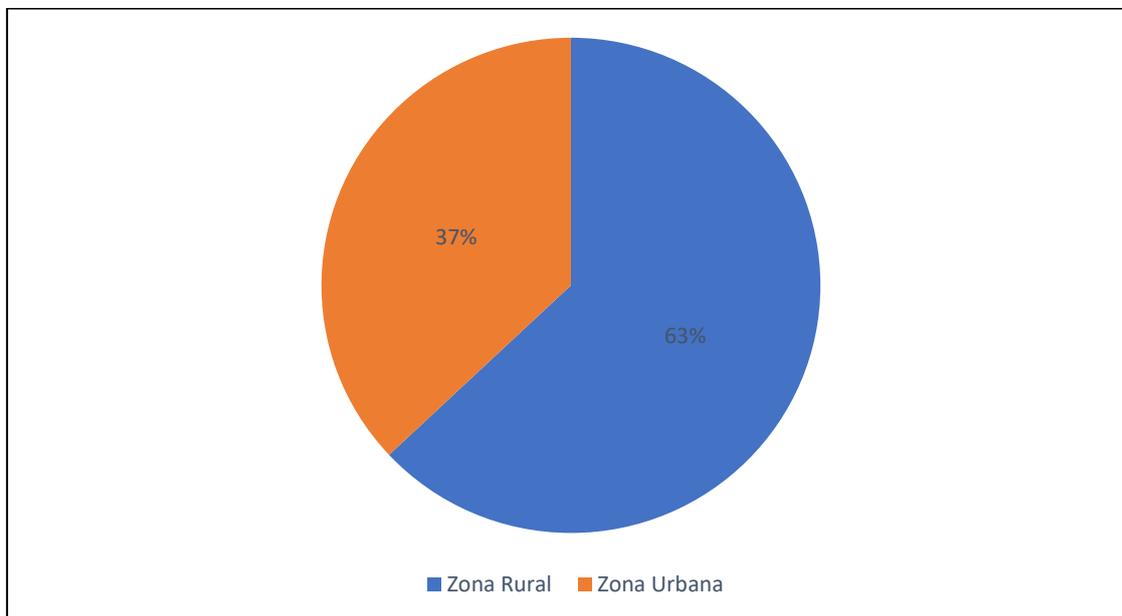


Fonte: Elaborado pelo autor.

Os estudantes dos 2º anos da escola possuem entre 15 e 18 anos de idade, e sobre a cor a maioria se considera parda (61,7%) ou branca (27,2%), na turma A, enquanto na Turma B:

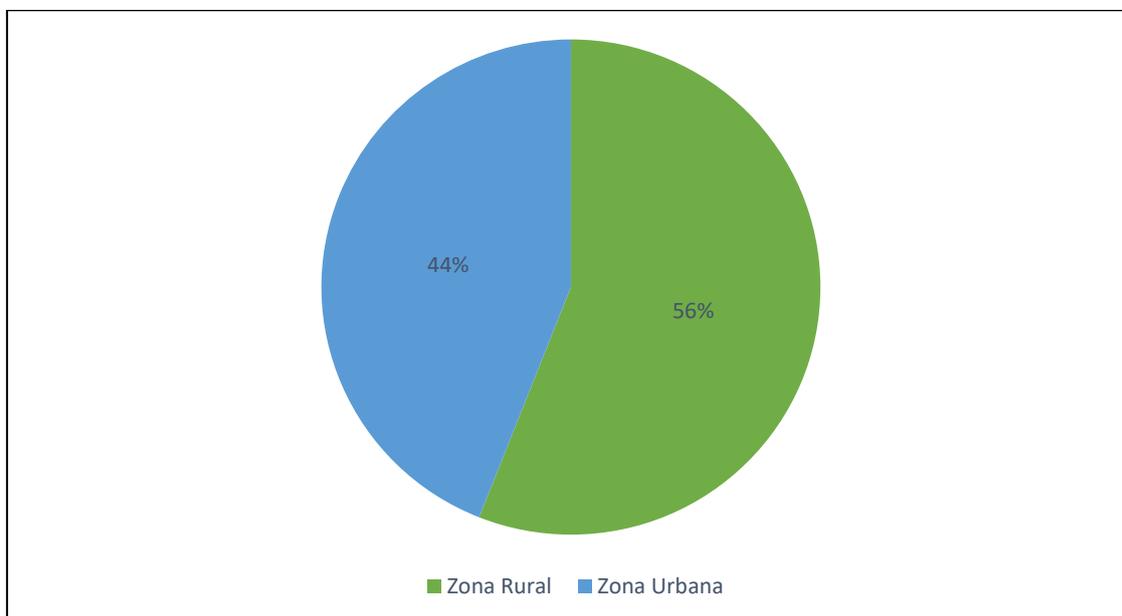
parda (53,6%) ou branco (40,5%). Mais da metade do público pesquisado pertence à zona rural e o restante é proveniente da zona urbana, como vemos dispostos nos gráficos abaixo:

Gráfico 3: Localização da residência dos alunos (Administração e Edificações-Turma A)



Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 4: Localização da residência dos alunos (Agropecuária e Informática-Turma B)



Fonte: Elaborado pelo autor.

As atividades com os estudantes foram desenvolvidas através de orientações que se deram por videoconferências pela plataforma do *Google Meet*, formato no qual acontece as aulas de forma síncrona, e também das salas virtuais, pelo *Google Classroom*, e através dos

grupos de *WhatsApp*, criados para esse processo. Os estudantes também tiveram momentos para realizar atividades individuais e em grupo, organizadas para isso equipes que foram denominadas Grupos de Trabalho (GTs), como veremos mais a frente neste trabalho.

3.1.2 Conteúdo proposto para a produção de *podcast* na disciplina de história pelos alunos

O conteúdo escolhido para ser trabalhado nas oficinas de produção de *podcast* pelos alunos, se deu a partir de um tema gerador intitulado: “*Conceito de Escravidão em perspectiva: contextos históricos diversos*”. A escolha da temática procurou atender o documento de referência curricular proposto pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará (Seduc-CE), denominado de “Matrizes de Conhecimentos Básicos”, que vigora durante o período das aulas remotas proporcionadas pela pandemia da COVID-19. De acordo com o documento:

As Matrizes de Conhecimentos Básicos tem por objetivo apresentar às escolas objetos de conhecimentos basilares esperados para cada série neste momento atípico de retomada das aulas presenciais no nosso estado, considerando as diretrizes apresentadas pelos principais documentos norteadores do ensino e da aprendizagem na área, como os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM), as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCNEM) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (CEARÁ, 2020,p.1).

O documento em questão é norteador para os componentes curriculares/curso do Ensino Médio e orienta para que o plano de aula do professor, mesmo que dentro de sua autonomia, esteja de acordo com a legislação vigente, tendo este, um cuidado para estabelecer os “Objetos de conhecimentos: conteúdos, conceitos e processos, que se relacionam com diferentes habilidades” (CEARÁ, 2020, p.1), necessárias no processo de ensino e aprendizagem. Portanto, um dos objetos de conhecimento para as turmas de 2º anos da educação básica, na disciplina de história com uma importante relevância e assim, escolhido para ser trabalhado com os estudantes dessa etapa de ensino é:

Escravidão, abolicionismo e processos de luta e resistência negra, o quilombismo, as organizações bélico-militares, os movimentos estético-culturais, as estratégias políticas de resistência e sobrevivência, as influências africanas na produção de uma identidade nacional brasileira (CEARÁ, 2020, p.13).

Optou-se por trabalhar com essa temática, pois a mesma também vai ao encontro do que propõem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, indicada através da lei nº 10.639/2003

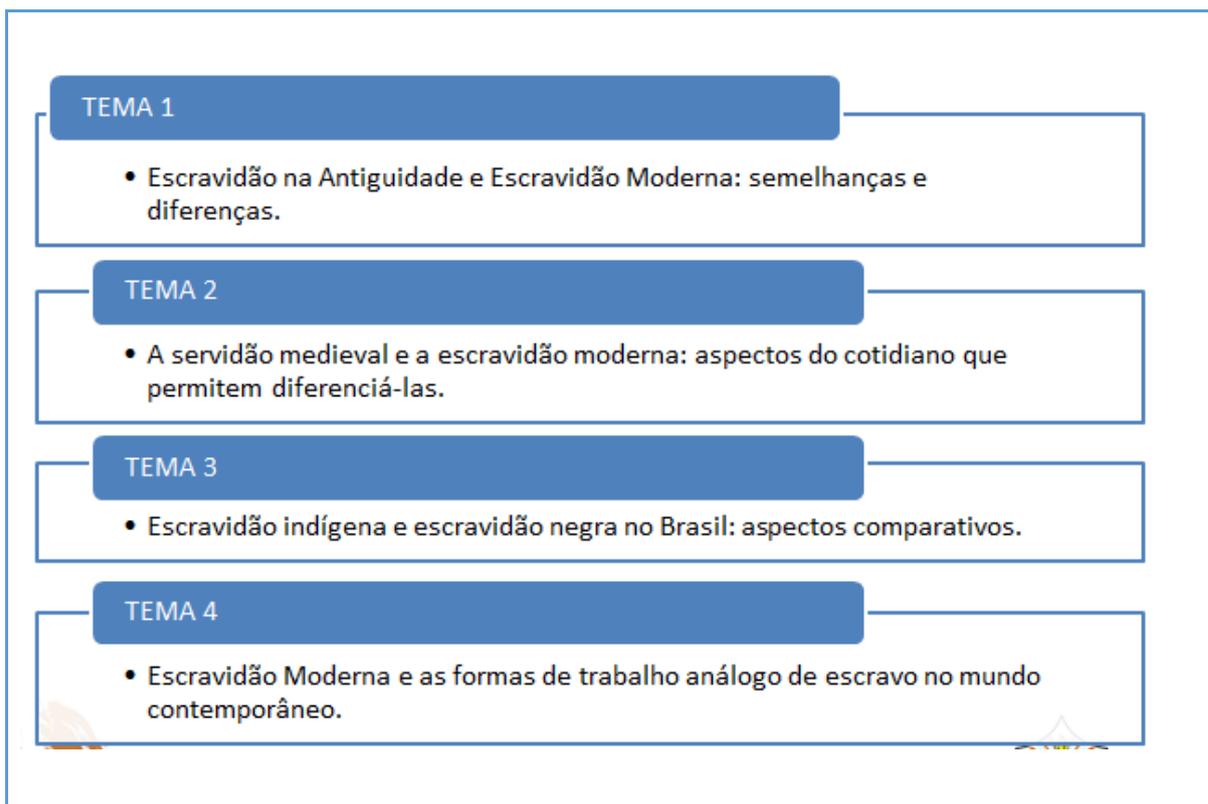
e ampliada pela lei nº 11.645/2008 e seus respectivos pareceres e resoluções, que dentre outros apontam a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira na educação básica.

De acordo com Silva, Brasília e Paulo (2019, p.69), “A forma escrita da Lei 10.639, em 9 de janeiro de 2003, foi fruto de um longo processo dessas lutas das representações diversas das populações negras no Brasil”. Portanto, cabe lembrar, que a escolha pela temática não se resume apenas nas exigências curriculares, mas principalmente na necessidade de estabelecer estudos para o fortalecimento de atitudes críticas e éticas em relação à identidade negra e conhecimento histórico necessário para um melhor entendimento dessas relações étnico-raciais ao longo do tempo, principalmente através de leituras que possibilitem compreender a escravização das populações africanas e indígena no Brasil e suas relações com o atual contexto da sociedade brasileira.

Assim sendo, cabe destacar em complemento com essas questões, o que os estudantes/sujeitos da pesquisa sabem sobre o tema escravidão, ressaltando em especial a escravidão moderna e seus legados na sociedade. Com isso o trabalho foi ainda dividido em subtemas para que os GTs pudessem se aprofundar em leituras que auxiliassem no processo de compreensão e desenvolvimento de suas produções, para serem posteriormente compartilhadas.

Seguem abaixo, informações sobre os subtemas criados que foram distribuídos entre os Grupos de Trabalhos (GTs):

Quadro 2- subtemas para serem trabalhados pelos GTs



Fonte: Elaborado pelo autor.

O desenvolvimento do projeto de produção de *podcasts*, através da temática: “*Conceito de escravidão em perspectiva: contextos históricos diversos*” visou deste modo, fazer uma investigação sobre as formas de exploração do trabalho em distintos momentos da humanidade e evidenciar os direitos ao trabalho livre e digno, mostrando a importância de uma abordagem histórica sobre o tema da escravidão, para que os alunos tenham maior compreensão sobre as relações da sociedade brasileira, em especial com os legados e problemas relacionados às desigualdades sociais e de racismo que infelizmente, ainda fazem parte da nossa estrutura social.

Concordamos com as historiadoras Almeida e Grinberg (2009), sobre a importância de pensar o processo educacional no Brasil considerando as discussões das questões étnico-raciais. É preciso ainda que o ensino sobre a escravidão, especialmente nas aulas de história, leve a uma reflexão crítica, que ressalte compromisso ético e, porque não dizer político, sendo uma necessidade ainda maior nos dias atuais, principalmente por parte do professor trabalhar com esses “passados sensíveis e traumáticos”, que nos últimos anos, sobretudo no Brasil, passou a sofrer uma espécie de silenciamento e deslegitimação, podemos destacar uma espécie de tentativas de estabelecer uma amnésia nacional sobre o processo histórico e suas consequências.

[...] partimos do princípio de que hoje é ponto pacífico que não se pode mais educar no Brasil sem se levar em conta a discussão da questão racial. E que,

independentemente de qualquer política pública, na prática as premissas expostas nas Diretrizes serão aquilo que as escolas e principalmente os professores fizerem (ALMEIDA; GRINBERG, 2009, p. 211).

Diante disso, uma metodologia de ensino que envolve o uso das tecnologias de comunicação digitais, principalmente através do desenvolvimento e produção de mídias *podcast* e a inserção da temática proposta, que versa sobre o conceito de escravidão nos diferentes momentos históricos, nos possibilita pensar em um tema de grande importância que deve ser problematizado e trabalhado, principalmente contextualizado no espaço escolar e nas aulas de história, com o intuito de explicar as transformações e os processos históricos que permeiam a realidade nacional e também vai ao encontro da realidade local e do cotidiano dos estudantes.

3.1.3 Metodologia e etapas da realização do trabalho de pesquisa

Sendo a disciplina de história, uma Ciência Humana básica, para que possa ser compreendida as transformações e mudanças das relações humanas no tempo (BLOCH, 1997), precisamos pensar a importância das concepções metodológicas e pedagógicas sobre a mesma, não apenas aquelas competentes ao professor, mas também ao aluno, que precisa despertar o interesse pela disciplina, para um melhor processo de formação crítica e social, de modo autônomo e consciente, apropriando e produzindo conhecimento.

Para isso ocorrer, cada aluno, deve se utilizar da disciplina de história de forma a compreender a própria realidade que lhe cerca, a questionar o mundo a seu redor, a não ter preguiça de exercer o senso crítico, e isso requer um trabalho direcionado e deve ser conduzido pelo professor, que precisa apontar alguns caminhos e estabelecer estratégias em torno da disciplina em questão. É através desses objetivos que realizamos a presente pesquisa e desenvolvemos esta metodologia de trabalho.

Como já mencionado ao longo desta escrita, a inserção da tecnologia de informação e comunicação no cotidiano educacional pode colaborar no processo de ensino e aprendizagem, a partir das suas ferramentas de interação e participação social, no entanto, é preciso criar mecanismos que possibilitem tal processo, que envolve procedimentos teóricos e práticos.

Para a operacionalização da pesquisa e do trabalho junto aos estudantes, foram realizadas leituras das principais referências bibliográficas, algumas citadas ao longo da dissertação, estabelecendo assim um diálogo com os principais autores relacionados com as temáticas discutidas neste trabalho. Com a finalidade de buscar informações sobre onde os

alunos têm contato com conteúdos históricos, quais os recursos que estes utilizam para fazer pesquisas e aprender história no ensino básico, buscando perceber ainda, quais são as dificuldades encontradas por eles para o uso dessas tecnologias, e quais são as temáticas históricas que os alunos mais gostam de estudar, bem como procurando entender como os mesmos se sentiram ao participar deste projeto, foi realizado questionários *on-line* através do serviço da plataforma *Google Forms*, para uma maior agilidade na coleta de dados. Portanto, foram usados métodos voltados para pesquisa qualitativa, com o emprego de questionário com os alunos com questões objetivas e descritivas, de modo a analisar melhor a realidade destes, sobretudo, no que diz respeito ao ensino e aprendizagem da história. Optamos assim, pela pesquisa de campo de natureza descritiva-exploratória.

No momento da coleta de dados foi feito também uso dos instrumentos necessários, como: pedidos de autorização da pesquisa junto à instituição e o aluno, observação registrada, levantamento de documentos e dados para a análise como: planos da disciplina, instrumento de avaliação da instituição, documentos oficiais que norteiam o Ensino Médio e a disciplina de história, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), as Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio (DCNEM), o Plano Nacional da Educação (PNE), etc. Utilizei também durante o estudo, um “diário de campo”, instrumento de registro empregado na técnica da observação participante, em que houve uma análise das experiências com a metodologia que se utilizou da mídia *podcast*, estabelecendo critérios sobre as possibilidades e os desafios em trabalhar com essa ferramenta e se ela proporciona vivenciar práticas no ensino e no campo historiográfico, bem como perceber suas contribuições em grupos de aprendizagem, suas possibilidades de interação entre alunos e alunos, e entre alunos e professor, sendo estes entendidos por suas habilidades e competências.

De acordo com Jacobsen *et.al.*,

A pesquisa de campo é utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, de descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presumem relevantes, para analisá-los (JACOBSEN, 2017, p.6).

Através dessas observações, foi possível verificar as necessidades de (re)organização das atividades para que os alunos pudessem valorizar por meio da experimentação e da manipulação, a partir de uma reflexão sobre as atividades propostas para atingir objetivos específicos, desde a elaboração até o uso do *podcast* de forma mais significativa.

Para o desenvolvimento das mídias *podcats* junto aos alunos, seguiu os seguintes passos: com base no plano de ensino voltado para as turmas do 2º ano do Ensino Médio, focamos como já mencionado no tema sobre a escravidão, seus diferentes contextos históricos, suas múltiplas formas de resistências, e os legados que essa tal exploração econômica, cultural e política deixou, principalmente, na sociedade brasileira. A ideia era elaborar *podcasts* mais direcionados para serem exploradas pesquisas mais coesas, estabelecendo assim, uma delimitação temática como sua forma de configuração.

A temática e produção de *podcast* foram trabalhadas em grupos de estudantes, de maneira criativa e colaborativa, através da formação e desenvolvimento dos GTs, tendo cada membro a possibilidade de um maior envolvimento, nas diversas atividades e etapas propostas no projeto. Os grupos também tiveram autonomia para definir a melhor maneira de como cada estudante podia contribuir, seja durante a organização da pesquisa, da pauta, gravação, edição ou na divulgação dos materiais produzidos.

Para auxiliar os alunos no processo de pesquisa e produção, foram realizadas atividades e oficinas em que o professor apresentou a temática e a própria mídia *podcast*, através de trabalhos já realizados por especialistas, os quais foram analisados pelos estudantes com o intuito de que entendessem o alcance e conseguissem também se perceber como protagonistas durante a realização das atividades propostas. Foi preciso também, mostrar a necessidade de uma melhor organização em relação à escolha de ambientes, materiais e aplicativos que facilitassem o processo de desenvolvimento da gravação e conseqüentemente na edição dos conteúdos trabalhado pelos estudantes.

Portanto, no ensino de história ainda mais no contexto das aulas remotas, precisa que o professor consiga mobilizar vários saberes para um trabalho que auxilie os alunos no interesse de pesquisar e produzir esses materiais. Flávia Caimi (2015, p.105) cita três conjuntos de saberes necessários a serem utilizados no exercício da docência em história, servindo também para o contexto das novas tecnologias digitais e dos espaços virtuais de aprendizagem:

1)os saberes a ensinar, circunscritos na própria história, na historiografia, na epistemologia da história, dentre outros; 2) os saberes para ensinar, que dizem respeito, por exemplo, à docência, ao currículo, à didática, à cultura escolar; 3) os saberes do aprender, que se referem ao aluno, aos mecanismos da cognição, à formação do pensamento histórico, etc. (CAIMI, 2015, p.105).

Assim, com base na perspectiva defendida por Caimi (2015, p.105) sobre o professor ser um “agente mediador decisivo na concretização das finalidades educativas desta disciplina”,

e diante principalmente das necessidades emergenciais impostas pelo ensino remoto, desenvolvemos essa experiência escolar junto aos estudantes.

Destarte, houve ao longo deste trabalho a viabilização de *podcasts* que contemplaram temas históricos trabalhados nas aulas de história, através de grupos onde cada aluno foi estimulado a participar e vivenciar práticas de ensino e aprendizagem que envolvesse relacionamentos produtivos. Desta forma, criando senso de responsabilidade e capacidade de interação com os colegas e com o professor, e principalmente com o contexto histórico, já que a produção de *podcast* é intrinsecamente coletiva e seu desenvolvimento serve como forma de problematização histórica, principalmente no contexto vivenciado²³. Ressalto que foi acordado entre o professor-pesquisador, os estudantes e a gestão escolar, que os resultados e a produções realizadas pelos estudantes sobre a temática ao término da pesquisa, fossem analisados e debatidos para efeito de avaliação e registro de nota bimestral no sistema de acompanhamento escolar.

Os resultados apresentados neste capítulo, portanto, são frutos da aplicação e análise do projeto desenvolvido através da pesquisa e produção de mídias *podcasts*, metodologias aqui utilizadas, como já foi citado.

3.2 Produção e difusão de *podcast*: mobilizando saberes para além do espaço escolar

3.2.1 Primeira fase do projeto: orientações e sequência didática para a pesquisa temática pelos alunos

Com base em algumas literaturas, é possível mensurar a importância e as contribuições que projetos no processo de ensino e aprendizagem podem representar no contexto escolar. Para que ocorra com qualidade e alcance seus objetivos, é preciso haver a interação entre professor e alunos, envolvendo ações coletivas e flexíveis pertinentes ao grupo. Um trabalho com projetos de natureza pedagógica no ambiente escolar, necessita desenvolver algumas características básicas e especificar, desde o princípio, suas atividades para ter êxito. Podemos conferir algumas dessas características, no quadro apontado por Hernández (2000, p.182), vejamos:

Quadro 3- Primeira caracterização de um projeto de trabalho.

- Parte-se de um tema ou de um problema negociado com a turma.
- Inicia-se um processo de pesquisa.
- Busca-se e selecionam-se fontes de informação.
- São estabelecidos critérios de organização e interpretação das fontes.
- São recolhidas novas dúvidas e perguntas.

²³ Vale ressaltar que este trabalho foi realizado em meio à pandemia da COVID-19, estando durante este contexto, suspensas as aulas presenciais na Rede estadual de ensino do Ceará.

- Representa-se o processo de elaboração do conhecimento vivido.
- Recapitula-se (avalia-se) o que se aprendeu.
- Conecta-se com um novo tema ou problema.

Fonte: Hernández (2000).

Ao longo do trabalho realizado com os estudantes, procurou-se nortear seu desenvolvimento tomando como base alguns desses critérios apontadas por Hernández. Portanto, seguimos alguns passos na pesquisa, como observaremos através dos quadros comparativos seguintes:

Quadro 4- Estrutura de algumas etapas da pesquisa.

Etapa 1- Pesquisa e estudo da temática	Duração da Aula	Atividades Proposta
Primeiro momento: Através de questionário do <i>Google Forms</i> .	50 min	Foi encaminhado para os alunos o primeiro questionário da pesquisa a ser desenvolvida, em que responderam individualmente, perguntas sobre questões do tipo socioeconômicas, bem como sobre as formas de aprendizagem usadas nas aulas de história que os alunos mais se identificam. Também já foi questionado com estes, os seus conhecimentos prévios, sobre a mídia <i>podcast</i> (Ver apêndice 1).
Segundo momento: Encontro através de videoconferência pelo <i>Google Meet</i> .	50 min	Apresentação da proposta das aulas para os alunos, explicando que a sequência de atividades que serão desenvolvidas envolverá um trabalho de pesquisa e produção de materiais que auxiliem no entendimento sobre conceitos importantes no ensino e aprendizagem de história, principalmente a partir de conteúdos da História do Brasil relacionados ao tema do projeto. Considerando assim, as diretrizes e conteúdo que foram apresentadas nos principais documentos norteadores do ensino e da aprendizagem na área, principalmente durante o período das aulas remotas. -Primeiras observações sobre as possíveis dificuldades e perspectivas apresentadas pelos alunos.
Terceiro momento: Encontro através de videoconferência pelo <i>Google Meet</i> .	50 min	Esclarecimento das dúvidas acerca do projeto de atividades propostas; Organização do GTs e distribuição das temáticas para os estudantes; Criação de grupos de pesquisas por meio do aplicativo <i>WhatsApp</i> , conforme as temáticas abordadas pelos GTs.
Quarto momento: Encaminhamento de materiais de pesquisa, através do Google sala de Aula e do Grupo de <i>WhatsApp</i> .	50 min	Disponibilização de materiais sobre as temáticas a serem trabalhadas pelas equipes, com trocas de materiais entre os GTs também através dos Grupos Temáticos de <i>WhatsApp</i> , links de acesso a <i>sites</i> e textos para que os alunos pudessem inicialmente explorar o tema trabalhado. Esclarecimento de possíveis dúvidas quanto ao trabalho e outros encaminhamentos.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Embora alguns encontros com os estudantes, sujeitos da pesquisa, tenham sido realizados através das videoconferências, ou seja, de forma síncrona pela plataforma do *Google*

Meet, o uso constante do *Google Sala de Aula* em que é realizado as atividades formais das turmas e postagens de materiais de maneira assíncrona, bem como a criação e interação dos grupos temáticos por meio do aplicativo *WhatsApp*, auxiliaram para que assim fossem esclarecidas mais rapidamente eventuais dúvidas dos GTs, ou ainda com repasses de informações e materiais.

No quadro abaixo é possível analisar as etapas e orientações dadas aos estudantes para a realização das tarefas de pesquisa e produção de materiais:

Quadro 5- Etapas da pesquisa e produção de materiais.

Etapa 2- Fases da atividade proposta	Orientações dadas aos estudantes para realização das tarefas
Primeira Tarefa	<ul style="list-style-type: none"> • Efetuar pesquisas sobre o tema da equipe; • O trabalho deve ser realizado com o auxílio de fontes históricas sobre a temática abordada; • Informações retiradas da <i>internet</i>, livros, revistas e outros materiais devem conter a fonte e/ou a referência bibliográfica; • O grupo de <i>WhatsApp</i> poderá ser usado para compartilhamento de textos e fontes.
Segunda Tarefa	<ul style="list-style-type: none"> • Após minuciosa pesquisa, cada equipe deve produzir um texto dissertativo ou <i>slide</i> sobre o seu tema, que deverá ser encaminhado para o professor até a data estipulada; • O texto ou o <i>slide</i> devem conter alguns pontos importantes como: introdução, objetivos do trabalho, desenvolvimento e conclusão; • (Observação: Com base nas leituras os GTs devem criar seu próprio texto/<i>slide</i>).
Terceira Tarefa	<ul style="list-style-type: none"> • Realização de uma discussão sobre o material produzido pelos estudantes em grupo e com orientações do professor, para revisão do texto. Portanto, os textos devem ser entregues até a data marcada pelo professor.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A organização do trabalho e orientações da pesquisa, possibilitou aos alunos realizarem buscas utilizando os materiais de referência e *links* deixados pelo professor-pesquisador, bem como tendo autonomia e liberdade para também procurarem em outras fontes, sendo possível através dos grupos de *WhatsApp* troca entre as equipes desses materiais. O ambiente virtual de aprendizagem, possibilitado pelo *ciberespaço*, proporcionou algumas vantagens em relação à diversidade de fontes e troca de informações utilizadas pelos estudantes. De acordo com Lévy (2010),

A principal função do professor não pode mais ser uma difusão dos conhecimentos, que agora é feita de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um animador de inteligência coletiva dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade está centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca de saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem, etc. (LÉVY, 1999, p. 170).

É nessa perspectiva proposta por Levy, que realizamos a presente investigação sobre o uso pedagógico das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, em especial aquelas referentes à mídia *podcast*, no contexto escolar e no ensino de história.

No tópico seguinte, explico sobre como se deu o processo da criação dos *podcasts* que envolvem a temática: “conceito de escravidão em perspectivas: contextos históricos diversos” junto aos estudantes, analisando os dados obtidos durante a pesquisa, resultado dos questionários aplicados, bem como da metodologia de trabalho apresentada por meio da produção e difusão de *podcast* no ensino e aprendizagem de história nas turmas de 2º anos da escola pesquisada.

3.2.2 Segunda fase do projeto: planejamento e produção de *podcasts*

O processo de trabalhar com os estudantes nas oficinas de produção de *podcasts* com temas históricos, partiu inicialmente da necessidade de no tempo presente nos utilizarmos das ferramentas possibilitadas pelas novas tecnologias, especialmente advindos com a *cibercultura*. A tecnologia educacional acaba sendo uma possibilidade para que nós, professores, também nos adequemos às novas gerações e inclua no processo de ensino essas novas ferramentas de maneira mais assertiva, eficaz e complementar.

Como já mencionado no capítulo anterior, a mídia em questão nos pareceu ser relevante, de fácil acesso e uso, o que é perceptível através de seu crescimento nos últimos anos, se mostrando ainda, com um importante potencial de discutir vários temas, cabendo dentre essas múltiplas temáticas, aquelas do campo histórico e em contexto com o ensino. Ou seja, temos atualmente novas formas de Aprendizagem Histórica Digital.

Quadro 6- Estrutura para a culminância do projeto de produção de *podcasts*.

Etapa 3- Fases da atividade proposta	Orientações dadas aos estudantes para realização das tarefas
Quarta Tarefa	<ul style="list-style-type: none"> •Planejamento do <i>Podcast</i> em Grupo; •Em seus respectivos GTs os estudantes devem produzir um roteiro com base no material da pesquisa (texto/slide) que contemple sua temática, escolhendo também a melhor forma de realizar seu <i>podcast</i> (bate-papo, estilo mesa-redonda, ou seja, algumas pessoas debatem o assunto; informativo ou educativo; entrevista; dissertativo - o locutor disserta sobre o assunto específico, opinando ou não -; um único <i>podcast</i> pode combinar esses diversos tipos).

Quinta Tarefa	<ul style="list-style-type: none"> • Escolha do nome do canal de <i>podcast</i> pelos estudantes. <p>Haverá um nome para o programa a ser decidido através das sugestões dos grupos e escolha do coletivo (Cada equipe poderá sugerir um nome para o programa de <i>podcast</i>, essa etapa deverá ser realizada antes da elaboração dos programas e edição de áudios pelos alunos).</p>
Sexta Tarefa	<ul style="list-style-type: none"> • Após estabelecer o roteiro, os GT's devem gravar o conteúdo com o auxílio de um computador ou celular; • Os áudios devem ser trabalhados usando algum programa de edição. Será interessante a equipe estabelecer e escolher possíveis trilhas sonoras para compor a ambientação do seu <i>podcast</i>. • Os GTs devem produzir um <i>podcast</i> de no máximo 10 minutos sobre sua temática, portanto, a necessidade de uma boa organização no roteiro.
Sétima Tarefa	<ul style="list-style-type: none"> • Publicação dos <i>podcast</i> e Avaliação do Trabalho; • Ficha avaliativa para cada estudante sobre o trabalho (através do <i>GoogleForms</i>); • Os <i>podcast</i> serão disponibilizados em canais de agregadores de <i>podcast</i> (<i>spotify</i>, <i>Soundcloud</i>) para todas as turmas e público geral.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Procurou conciliar a criação e o desenvolvimento de *podcasts* com a temática “Conceito de escravidão em perspectivas: contextos históricos diversos”, baseando-se nas necessidades de dialogar com o componente curricular do ensino médio para as turmas de 2º ano, que vai ao encontro dos seguintes objetos de conhecimento desse nível de ensino: “A gênese da sociedade patriarcal e oligárquica brasileira; A economia colonial brasileira; A resistência dos povos originários e diaspóricos; Processos de luta e resistência negra no Brasil; e as lutas contra o racismo por democracia e cidadania” (CEARÁ, 2020, p.13) temas importantes para serem discutidos tanto na sala de aula, no *ciberespaço* e em todos os contextos sociais, de forma que a mesma ressalte a reflexão histórica.

Ao entrar em contato com a temática e com a metodologia proposta, o aluno foi convidado a navegar de forma dinâmica, colaborativa, participativa e reflexiva, não apenas no espaço escolar, já que as mídias digitais utilizadas nesse contexto colaboram também com produções voltadas para além desse espaço físico. A crise provocada pela pandemia da COVID-19 também nos faz repensar sobre as nossas práticas. Essa nova modalidade, de ensino remoto que as escolas foram obrigadas a adotar para manter e promover suas atividades, consistiu em algo ainda mais desafiador para o professor.

A necessidade de uma didática simplificada e assertiva pelo docente, além de complexa é bastante difícil nesse formato, e em especial, na disciplina de história, cujo conteúdo possui cunho mais teórico. Assim, estabelece necessidades de articular metodologias sempre diferenciadas para que os objetivos educacionais possam ser alcançados ou ao menos que haja

uma diminuição dos prejuízos que temos passado, principalmente no campo da aprendizagem para os estudantes que passam por essa conjuntura.

Em trabalho recente, Ana Carolina Machado (2020), nos mostra algumas das demandas desses tempos de crise vivenciada no atual contexto, provocadas entre outras pela COVID-19, especialmente para historiadores e professores, os quais precisaram ressignificar as formas e seus métodos de trabalho. Segundo a autora:

Nos últimos anos, o campo da história viu emergir uma nova possibilidade de abordagem e prática relacionada diretamente com as condições de produção do conhecimento histórico no tempo presente, a História Digital. Se os historiadores há algum tempo já vem tateando este novo campo, diante do atual contexto, seu uso se tornou quase que uma necessidade (MACHADO, 2020, p.73).

Neste sentido, é importante ter como proposta ações que o docente, consiga desenvolver seu trabalho e tornar o ensino mais dinâmico para os estudantes, mesmo no contexto das aulas remotas, e assim alcancem seus objetivos educacionais de ensino de história, com e através do auxílio das TICs.

3.2.3 Processos de construção: da pesquisa a oficina de produção da mídia *podcast* com os estudantes

Escolhemos para desenvolver o projeto de criação da mídia *podcast* com os estudantes o tema gerador: “O conceito de escravidão em perspectiva: contextos históricos diversos”. Na proposta de atividade, a ideia foi trabalhar as categorias de escravidão existentes ao longo da história, enfatizando seus diferentes momentos, espaços e contextos, para que os alunos percebessem as principais semelhanças e diferenças ao longo do tempo, enfatizando sobretudo a realidade brasileira em relação a essa forma de exploração assim como seus legados. Assim, destacamos os seguintes tópicos para o trabalho: “a escravidão antiga, a servidão medieval, a escravidão moderna e colonial, e o trabalho análogo à escravidão na sociedade atual” (conforme quadro 1).

Foi esclarecido aos alunos que o principal objetivo do trabalho, além de compreender o conceito de escravidão e entender suas principais diferenças nas diversas temporalidades e espaços, seria também desenvolver uma experiência em que estes pudessem participar diretamente no processo de construção de conhecimento histórico e produção de materiais, e se envolver ativamente com um projeto educacional. Nesse sentido, usando as palavras de Prado (2005):

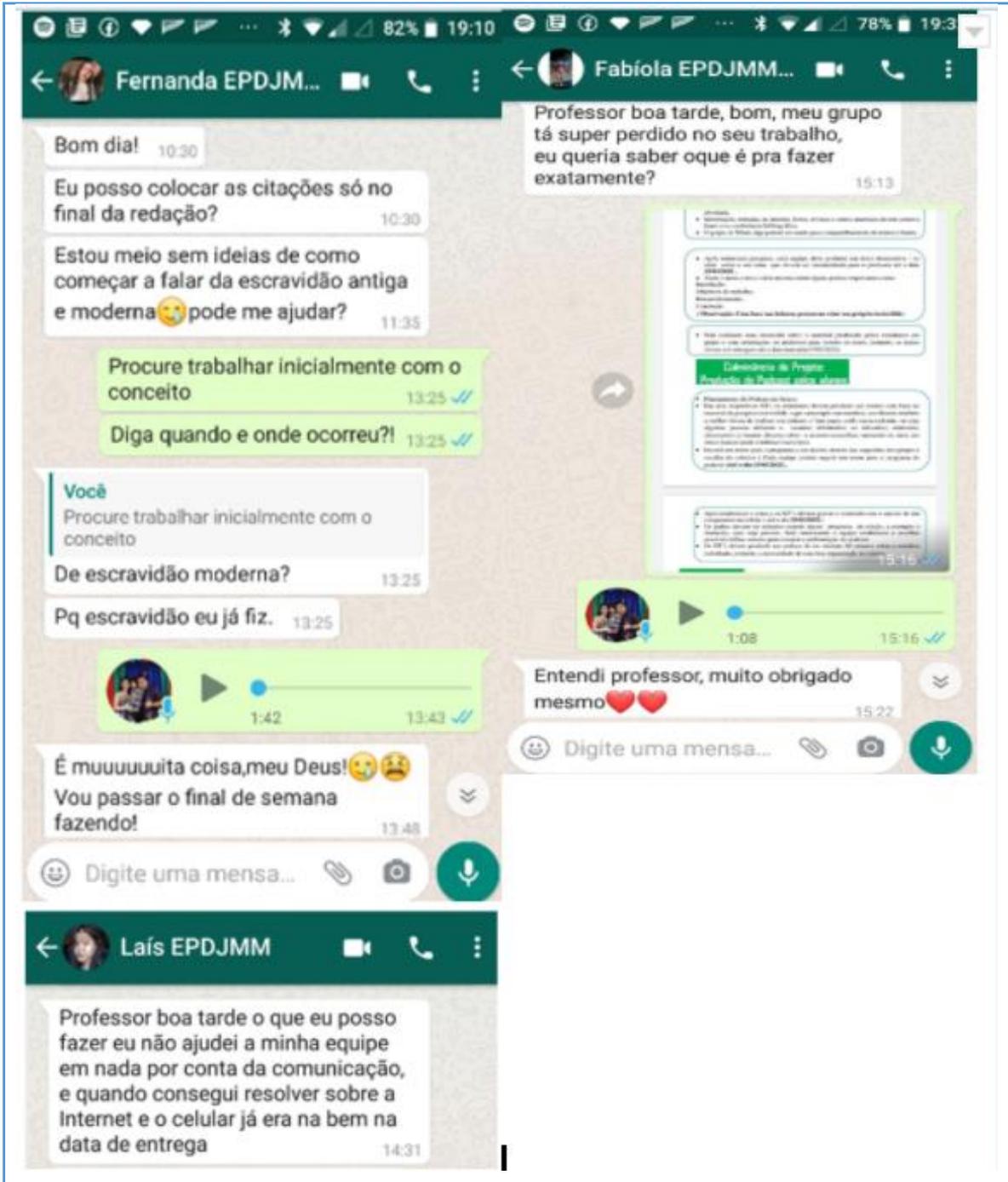
[...] o papel do professor deixa de ser aquele que ensina por meio da transmissão de informações – que tem como centro do processo a atuação do professor – para criar situações de aprendizagem cujo foco incida sobre as relações que se estabelecem nesse processo, cabendo ao professor realizar as mediações necessárias para que o aluno possa encontrar sentido naquilo que está aprendendo a partir das relações criadas nessas situações (PRADO, 2005, p. 13).

No primeiro encontro, houve a discussão de como seria organizado todo o projeto, desde a sua preparação até a culminância das produções de *podcasts* pelos alunos. Com o auxílio dos estudantes, foi decidido inicialmente sobre a divisão e distribuição em grupos menores através dos GTs por turma, bem como das temáticas a serem abordadas por cada equipe. Assim, foi solicitado destes, o repasse quanto à articulação dos membros de cada equipe, estabelecido o número de até cinco (5) pessoas por GT. Os alunos nesse primeiro momento já foram orientados que como se tratava de um trabalho em equipe, deveriam se organizar e que cada um iria participar do processo colaborativamente, contribuindo para um melhor desempenho na atividade. Com as temáticas distribuídas entre as turmas, também foi solicitado à pesquisa e o levantamento das fontes ao longo da semana.

Na segunda aula, através de videoconferência, conversei com as turmas sendo sondado se estavam empolgados para as próximas etapas. Após uma breve explanação sobre a importância da temática e das vivências da atividade, nos deparamos com relatos de dificuldades de comunicação entre membros de algumas equipes, devido entre outras, a situação vivenciada e o contexto das aulas remotas, já que por se tratar de um período em que há necessidade de distanciamento social, os estudantes não poderiam estar juntos, ficando mais limitada a comunicação entre os mesmos. Em outras palavras, havia dificuldades de acesso, de contato entre alguns membros das equipes e ainda os estudantes dispunham de um tempo diferente e reduzido das aulas para realizar todas as tarefas escolares.

Também foi verificado que os alunos haviam encontrados muitas fontes, advindas principalmente do *ciberespaço*, como textos e vídeos, mas a maioria ainda não havia realizado uma leitura mais aprofundada ou com os devidos cuidados no trato desses materiais enquanto fonte. Vejamos um pouco sobre as impressões iniciais e dificuldades encontradas, através dos relatos nas figuras abaixo:

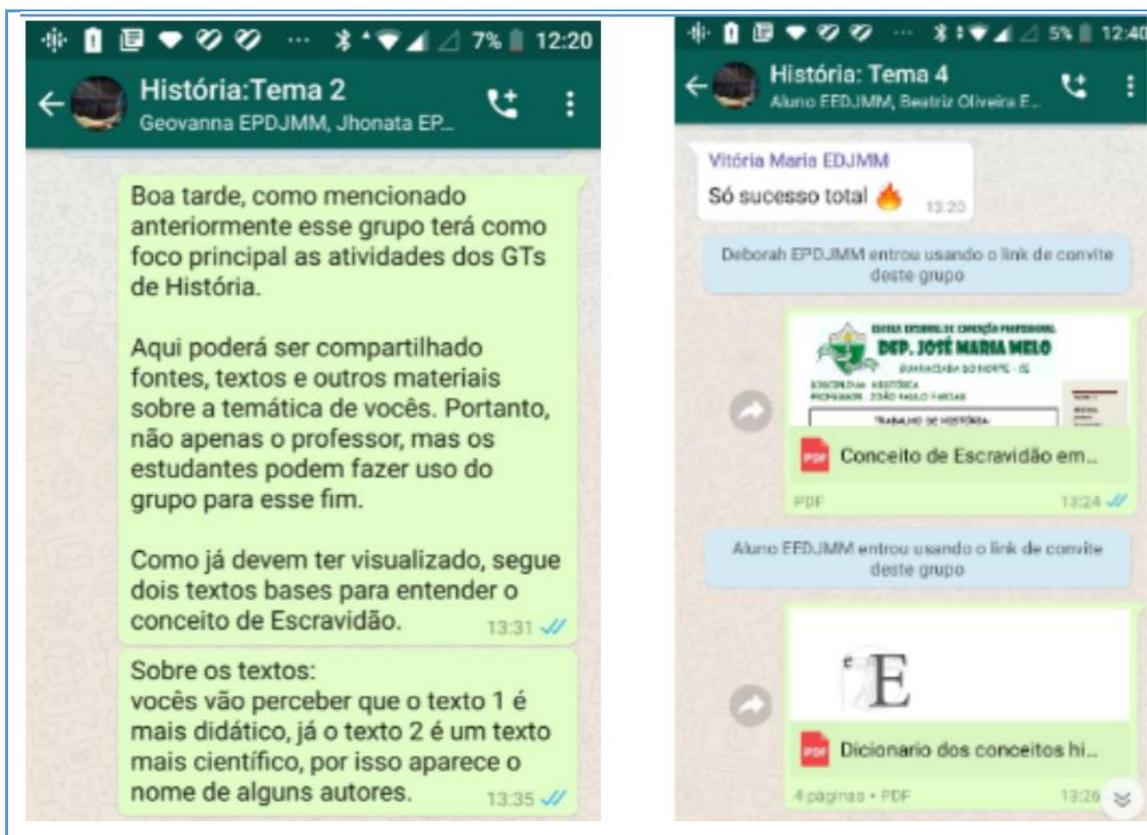
Figura 1: Conversas de WhatsApp entre estudantes e professor sobre a pesquisa.



Fonte: Dados da pesquisa, elaborada pelo autor.

Dadas essas situações, foram feitas algumas alterações em relação à abordagem, primeiramente informando que seriam criados grupos pelo *WhatsApp* conforme as temáticas para podermos, dentre outros, informar e também compartilhar materiais mais pertinentes de acordo com cada conteúdo, conforme demonstra as figuras abaixo:

Figura 2: Conversas dos Grupos de *WhatsApp* da pesquisa.



Fonte: Dados da pesquisa, elaborada pelo autor.

Assim, os grupos temáticos criados através da ferramenta do aplicativo *WhatsApp*, permitiram que houvesse uma melhor comunicação e troca de materiais que possibilitassem que os alunos tivessem um acervo de fontes direcionadas e mais confiáveis. Foi explicado também sobre a importância dos estudantes em organizar suas pesquisas através de referenciais teóricos e que mesmo se utilizando de textos, muitas vezes simples e didáticos encontrados na *internet*, deveriam trazer citações e prestar as devidas referências dos materiais encontrados, pois após minuciosa pesquisa, cada equipe teria que produzir um texto dissertativo ou *slide* sobre o seu tema e encaminhar para o professor até uma determinada data, para serem analisadas e realizado um *feedback* sobre essas produções dos estudantes.

Para a produção, os alunos puderam contar com suas pesquisas e outros materiais organizados pelo professor, tais como textos, vídeos, dicas de site, etc. Um dos textos que serviu de base para todas as equipes foi o conceito “Escravidão”, retirado do livro “Dicionário de conceitos históricos”²⁴, dos autores Marciel Henrique Silva e Kalina Vanderlei Silva (2005, p.110). Algumas dicas de vídeos foram trazidas pelos próprios alunos, entre elas uma videoaula

²⁴ O livro de Kalina Vanderlei Silva e Marciel Henrique Silva, lançado em 2005 pela Editora Contexto é de grande importância, pois os autores trazem os principais conceitos históricos através de seus verbetes concisos e textos simples, que conseguem auxiliar professores e estudantes através de sua leitura.

intitulada: “Escravidão antiga e Escravidão moderna”, realizado pela professora de história da UNESP Anelize Vergara, que fala dos conceitos de escravidão antiga e Moderna, além de tratar sobre suas manifestações em diferentes momentos históricos²⁵. Para complementar a pesquisa foi indicado, o site “Escravo, nem pensar”²⁶ realizado pelo programa nacional de prevenção ao trabalho escravo, que traz como principal objetivo suscitar a reflexão sobre as temáticas e abordagens referentes a escravização na contemporaneidade.

As discussões em relação ao material feito pelos estudantes em GTs, foram necessárias para possíveis ajustes e revisão do conteúdo. Constatamos também que esses grupos sociais *on-line*, possibilitados pelos aplicativos de aparelhos *smartphones* podem auxiliar e tornar-se favoráveis nas aulas e no ensino de história, não apenas durante o período de aulas remotas provocadas pelo atual contexto da pandemia da COVID-19, mas em outros momentos, inclusive como uma forma híbrida de ensino²⁷.

Com alguns documentos de referências para o trabalho selecionado pelos alunos, somei a estes, sugestões e orientações de leituras, detalhando os objetivos, conteúdos principais a serem abordados, bem como as competências relacionadas ao tema a ser trabalhado por cada GT. Com base nessas leituras e sugestões de vídeos e áudios, foi também anexado neste material perguntas em que os estudantes pudessem problematizá-las e buscar respostas para direcioná-las nos textos e nos seus episódios de *podcasts*²⁸. A intenção e organização da proposta é direcionar os estudantes para leituras que configurem em abordagens de suas temáticas e criasse um referencial teórico e complementar para elaboração de seus trabalhos, desde o texto até a produção dos *podcasts* a serem realizadas por cada equipe.

Ao longo da semana, e se utilizando dos grupos temáticos durante o decorrer da elaboração dessa etapa do trabalho por parte dos estudantes, fui tentando identificar dúvidas e possíveis soluções, já que havia ainda estudantes que, principalmente, por não terem participado das primeiras aulas através das videoconferências não entenderam as propostas da atividade. A

²⁵ Durante o vídeo são apresentados exemplos de escravização nos diferentes espaços e tempos históricos, trazendo como referências os casos principalmente de Roma e Grécia, para caracterizar a escravidão no mundo antigo e, o caso do Brasil Colonial e Imperial, para caracterizar a escravidão moderna. Além de traçar um panorama entre os tipos de escravidão em seus diferentes momentos históricos, a professora também ressalta a problematização do termo “escravo”, muito importante para o entendimento sobre o tema. Como fica evidente no trabalho desenvolvido pela professora, há muitas diferenças entre o termo escravidão que devem ser considerados e podem ser refletidas nas diferenças lógica, geográfica e principalmente temporal dos conceitos. Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=eDTjaNeYdcg>

²⁶ Ver em: <https://escravonempensar.org.br/>

²⁷ Em uma educação que envolva o ensino híbrido, ocorre uma integração entre experiências do espaço presencial e *on-line*, de modo que apesar de suas especificidades possam ser complementares e ampliar as possibilidades de ensino e aprendizagem.

²⁸ Ver Apêndice 2- “Orientações para as equipes”.

partir dessas indagações que foram surgindo e sendo repassadas pelos GTs, foi possível encontrar alguns caminhos e direcionamentos que gradativamente auxiliou para o processo de escrita dos textos pelos estudantes.

A partir da elaboração e encaminhamento dos materiais produzidos por cada GT, foi feito a leitura de parte desses materiais e encontrado algumas informações que careciam de correções, visto que continham certos anacronismos, estrutura com algumas partes incoerentes, ou até mesmo fuga da temática que deveria ser abordada pela equipe. Para auxiliar os estudantes de modo mais geral, já que não foi possível analisar um por um dos trabalhos realizados pelos GTs, na aula seguinte através de videoconferência, foi apresentado um infográfico elaborado especialmente para trabalhar o tema gerador “Escravidão em perspectiva: contextos históricos diversos”, conforme a Figura 3 “Infográfico” abaixo, e enfatizado com os estudantes a importância da leitura do instrumental “Orientações para a equipe”²⁹.

Figura 3: Infográfico.

²⁹ Ver Apêndice 2- “Orientações para as equipes”.

HISTÓRIA DE PLANTÃO

INFOGRÁFICO

CONCEITO DE ESCRAVIDÃO EM PERSPECTIVA:

contextos históricos diversos

Podemos definir o conceito de **ES CRAVIDÃO** como sendo a relação de trabalho que existe desde os períodos mais remotos das sociedades humanas. A escravidão, no entanto, assumiu formas e objetivos diferentes ao longo do tempo e em diferentes regiões do mundo.

Idade antiga

TRADICIONALMENTE É O PERÍODO DA HISTÓRIA QUE SE DEU A PARTIR DO DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA, MAIS OU MENOS POR VOLTA DE 4000 ANOS A.C. E SE ESTENDE ATÉ A QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO DO OCIDENTE, EM 476 DA ERA CRISTÃ.



Escravidão na Antiguidade

DURANTE A ANTIGUIDADE, OS LAÇOS DE PARENTESCO ERAM MUITO VALORIZADOS E DETERMINAVAM A POSIÇÃO SOCIAL E OS OFÍCIOS DE FAMÍLIA DAS PESSOAS. O TRABALHO INTELECTUAL ERA MAIS VALORIZADO QUE O TRABALHO MANUAL. ASSIM, ERA MUITO COMUM ENCONTRAR NAS SOCIEDADES ANTIGAS UMA NOBREZA "NASCIDA NA TERRA", QUE NÃO EXECUTAVA TRABALHO MANUAL, ALTAMENTE PRIVILEGIADA E QUE DISPUNHA DE INÚMEROS TRABALHADORES LIVRES E ESCRAVOS PARA A EXECUÇÃO DE TAREFAS BRAÇAIS.



GERALMENTE, OS TRABALHADORES LIVRES ERAM DESCENDENTES DE POVOS DOMINADOS PACIFICAMENTE EM UM DETERMINADO TERRITÓRIO, ENQUANTO OS ESCRAVOS ERAM ESTRANGEIROS CAPTURADOS EM GUERRA.

O trabalho escravo foi uma prática estabelecida, com características diferentes, entre os mais distintos povos da Antiguidade, como por exemplo, na Babilônia, na Assíria, no Egito, na Grécia e no Império Romano, etc.

Idade Medieval

TRADICIONALMENTE A IDADE MEDIEVAL É UM LONGO PERÍODO DA HISTÓRIA QUE SE ESTENDEU DO SÉCULO V AO SÉCULO XV.



DE ACORDO COM O DICIONÁRIO MICHAELLIS TEMOS:

2. ESTADO OU CONDIÇÃO DE QUEM ESTÁ SOB O CONTROLE DE ALGUÉM OU DE ALGO; DEPENDÊNCIA, SUBMISSÃO, SUJEIÇÃO.
4. REGIME DE TRABALHO RURAL QUE PREDOMINOU NA IDADE MÉDIA NA EUROPA OCIDENTAL EM QUE O SERVO, MESMO SEM SER PROPRIAMENTE ESCRAVO, VIVIA PRESO À TERRA QUE CULTIVAVA E NA DEPENDÊNCIA DO SEU PROPRIETÁRIO OU SENHOR.



Servidão no Medievo



A SERVIDÃO, ENTÃO, SERIA A SITUAÇÃO DE DEPENDÊNCIA, SUBMISSÃO OU SUJEIÇÃO, SEMELHANTE AO QUE ACONTECE NA ESCRAVIDÃO MODERNA, EXCLUINDO-SE OS CASTIGOS FÍSICOS E A QUESTÃO DO SER HUMANO TRATADO COMO MERCADORIA.

Segundo Castro (1988, p. 38), "O trabalhador servil nessas condições era materialmente compelido a manter-se nas terras que laborava ou sob o poder pessoal do seu senhor, segundo um estatuto que transmitia de geração para geração. Embora numa subordinação já mais ligeira que a do escravo, visto a entidade dominante não poder dispor de sua vida e haver de reconhecer a existência pessoal de alguns bens do servo, esta contrição material física direta em ordem a obter o excedente do auto-consumo histórico mínimo do próprio produtor e de sua família foi-se porém adoçando aos poucos". Portanto, o que marca as principais características da servidão medieval é esta condição, na qual o servo não é considerado propriedade do senhor, mas devendo a ele tributos e não podendo sair de seus domínios".

Idade Moderna

A IDADE MODERNA, DENTRO DA PERIODIZAÇÃO CLÁSSICA, É O PERÍODO QUE SUCEDE A IDADE MÉDIA E ANTECEDE A IDADE CONTEMPORÂNEA. ESTENDENDO-SE DO SÉCULO XV AO SÉCULO XVIII



Escravidão na Idade Moderna

Na período da expansão marítima e comercial, os europeus conheceram e estimularam a chamada escravidão moderna. Os europeus, a partir dessa modalidade escravista, desenvolveram um comércio sem precedentes. Apoiavam-se na mentalidade de que a América, a África e mesmo regiões da Ásia eram um deserto cultural e religioso, e precisavam assim ser "civilizadas" pelos europeus. Na América espanhola e portuguesa, a escravidão indígena foi largamente utilizada, dizimando, em muitas situações, a população originária. Já a escravidão africana foi responsável pelo tráfico de mais de 11 milhões de pessoas para o continente americano. Inicialmente, os escravizados foram explorados nas lavouras e nas minerações. Com o crescimento das cidades durante o período colonial, os ofícios ganharam novos contornos especializados.

Idade Contemporânea

COMPREENDIDA DIDATICAMENTE COMO O PERÍODO ENTRE O INÍCIO DA REVOLUÇÃO FRANCESA, ATÉ OS DIAS ATUAIS.





As formas de trabalho análogo de escravo no mundo contemporâneo

A PARTIR DO SÉCULO XVII, COM A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL, AS RELAÇÕES DE TRABALHO SOFRERAM GRANDES TRANSFORMAÇÕES E ORIGINARAM UMA NOVA CATEGORIA DE TRABALHADORES: OS PROLETÁRIOS OU ASSALARIADOS.





SEM POSSUIREM OS MEIOS DE PRODUÇÃO (TERRAS, FÁBRICAS, MÁQUINAS OU OUTROS INSTRUMENTOS) VENDIAM SUA FORÇA DE TRABALHO E SEU TEMPO EM TROCA DE UM SALÁRIO. APÓS AS LUTAS OPERÁRIAS DOS SÉCULOS XIX E XX, A REMUNERAÇÃO DIGNA E JUSTA É A ÚNICA RELAÇÃO DE TRABALHO ACEITA PELA OIT (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO) E QUALQUER SITUAÇÃO QUE FUJA A ESSES PARÂMETROS É CONSIDERADA ILÉGAL.

Mesmo após muitos movimentos de luta e a proibição da escravidão, persiste uma prática criminosas nos dias atuais, e aquela análoga ao trabalho escravo. Essa forma de trabalho se caracteriza pela exploração degradante de pessoas em condição de vulnerabilidade social, tendo como objetivo imediato, a maximização dos lucros de quem usa e explora essas pessoas.

PARA SABER MAIS SOBRE O TEMA

SITE: ESCRAVO. NEM PENSAR!

[HTTPS://ESCRAVONEMPENSAR.ORG.BR/LIVRO/](https://escravonempensar.org.br/livro/)

SITE: BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL

[HTTPS://BNDIGITAL.BN.GOV.BR/DOISSIES/TRAFICO-DE-ESCRAVOS-NO-BRASIL/GALERIA-DE-IMAGENS/FOLHETOS/](https://bndigital.bn.gov.br/doissies/trafico-de-escravos-no-brasil/galeria-de-imagens/folhetos/)

VÍDEO: A ROTA DO ESCRAVO- A ALMA DA RESISTÊNCIA

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=HBREABZH4Q](https://www.youtube.com/watch?v=HBREABZH4Q)

TEXTO: ESCRAVIDÃO

[HTTPS://WWW.TODAMATERIA.COM.BR/ESCRVIDAO/](https://www.todamateria.com.br/escravidao/)

Fonte: Dados da pesquisa, elaborada pelo autor.

Ao perceber que os alunos em seus GTs já estavam mais familiarizados com a atividade e tinham compreendido seus objetivos, estabelecemos que para as próximas aulas deveriam ser dedicadas para o roteiro e início da produção dos *podcasts*. Antes dos estudantes passarem para

essa próxima etapa do projeto, foi solicitado que as equipes também pensassem em algum nome para o nosso canal de *podcast* e sugerissem através dos grupos de *whatsApp*. Desse modo, todos os GTs poderiam participar dessa criação, que seria posteriormente colocado em votação para escolha, o que foi algo importante, pois dessa forma os alunos se sentiram responsáveis pela tarefa e a realizaram de forma criativa e colaborativa. Para essa ação de sugestões do nome de nosso canal, foi recomendado que os alunos utilizassem títulos que dessem ideia de ensino, aprendizagem histórica, educação profissional, entre outros termos relacionados com a disciplina de história.

Na tabela abaixo, consta os títulos sugeridos pelos GTs para serem usados nos programas de *podcast* da disciplina de história, bem como o percentual de votos que os mesmos receberam durante a escolha pelos estudantes:

Tabela 1: Sugestões do nome do canal para os *podcast* de história

Sugestões dadas pelos GTs	Percentual de votos (128 estudantes participaram da votação)
História de Plantão	17,2%
History & Coffe	16,4%
Hora da História	14,8%
Crono Cast	14,8%
Mundo da História	10,9%
Minutos da História	10,9%
Pensar História	3,9%
Meu Mundo História	3,9%
Dia a Dia História	3,1%
Apaixonados por História	2,3%
Deixa Falar História	1,6%
TOTAL	100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Com o nome de abertura do programa estabelecido, e com seus textos produzidos, foi possível avançar para a etapa seguinte: a gravação e produção das mídias *podcasts* pelos GTs.

Para haver êxito na execução dessa parte do trabalho foi preciso que o professor-pesquisador e os estudantes realizassem um bom planejamento, já que o fato de não estarem na escola, presencialmente, dificultava um pouco as ações a serem tomadas pela equipe.

Assim, foram dadas as seguintes orientações aos estudantes, conforme podemos observar no quadro seguinte:

Quadro 7: Orientações e planejamento para a produção de *podcast*.

- Planejamento do *Podcast* em Grupo;
- Em grupo os estudantes devem produzir um roteiro com base na sua temática, escolhendo a melhor forma de realizar seu *podcast* (bate-papo, estilo mesa-redonda, ou seja, algumas pessoas debatem o assunto; informativo ou educativo; entrevista; dissertativo (o locutor disserta sobre o tema específico, opinando ou não) um único *podcast* pode combinar esses tipos;
- Gravar o material em um computador ou celular;
- Tratamento do áudio, usando algum programa de edição;
- Os *podcasts* deveriam ter em média 10 minutos;
- Publicação dos *podcast* e Avaliação do Trabalho;
- Haverá uma ficha avaliativa para cada estudante sobre o trabalho (através do *GoogleForms*);
- Os *podcast* serão disponibilizados em canais agregadores (*spotify*, *Soundcloud*, etc), para todas as turmas e público geral.

Fonte: elaborado pelo autor.

Como evidenciado no capítulo 2, um dos motivos da popularização da mídia *podcast* é seu baixo custo e a facilidade de produzir esses programas, já que seu formato não exige muito. Portanto, uma das razões que justifica o uso dessa metodologia é justamente sua praticidade, o que se mostrou positivo com o projeto em questão, já que os próprios alunos encontraram meios de editar seus áudios e elaborar seus *podcasts*. Através de troca de informações nos grupos de *WhatsApp*, criados com essa finalidade para a atividade, foram sendo buscadas alternativas para as dificuldades de comunicação encontradas entre os membros de cada GT, e também sobre a melhor forma de produzir essas mídias com os materiais e aparelhos que os estudantes dispunham.

Chegamos então, a apresentar aos alunos o aplicativo *Anchor*³⁰, para poderem gravar seus *podcasts* diretamente de seus aparelhos celulares. Para auxiliar nessa parte da tarefa foi também realizado um tutorial (através de *podcast*), explicando como as equipes poderiam formatar e organizar o conteúdo trabalhado pelo seu GT, como o tratamento do áudio, já que na produção de um *podcast* é preciso que o som seja agradável, consiga alcançar os ouvintes, e nesse caso específico, que os estudantes conseguissem repassar aquilo que foi compreendido através de suas pesquisas e organização do trabalho coletivo, e assim, aprofundassem os seus conhecimentos sobre a temática proposta.

Figura 4: *Layout* do canal de *podcast* “História de Plantão”

³⁰ O *Anchor* é uma plataforma gratuita recente, que possibilita a criação de *podcast* de forma rápida e fácil. O aplicativo está disponível para os sistemas operacionais *Android*, *iOS* e também para a *Web*. Através dessa ferramenta, o usuário poderá de forma muito simples e intuitiva criar, editar, gravar e até publicar seu *podcast* na maior parte das plataformas de *streaming* voltadas para isso, como o *Spotify*, *RadioPublic*, *Braker*, *Google Podcast* e o próprio *Anchor*. O aplicativo também possibilita a interação de várias pessoas ao mesmo tempo, bastando mandar um convite através de *link* possibilitado pelo aplicativo, assim é possível a participação de gravação de *podcast* entre vários convidados, mesmo estes estando distante, algo importante em tempos de pandemia e isolamento social.

The image shows a screenshot of an Anchor podcast page. At the top left is the Anchor logo with 'by Spotify' underneath. To the right, a button says 'Make your own podcast for free'. The main title is 'HISTÓRIA DE PLANTÃO- Conceito de Escravidão em perspectiva: Contextos Históricos Diversos.' Below the title, it says 'By História de Plantão'. There is a central image of an hourglass with the text 'HISTORIA DE PLANTÃO Podcast' overlaid. A paragraph of text describes the podcast's origin: 'Olá, seja bem vind@! O podcast que você vai ouvir, faz parte de um projeto realizado para a disciplina de História na EEEP Deputado José Maria Melo, ministrada pelo professor João Paulo Farias. Nos episódios serão apresentadas as produções realizadas pelos estudantes das turmas de 2º anos, a partir do tema gerador "Conceito de Escravidão em perspectiva: contextos históricos diversos". Na proposta da atividade a ideia é trabalhar os tipos de escravidão existentes ao longo da história, ressaltando seus diferentes momentos, espaços e contextos e enfatizando sobretudo a realidade brasileira em rel...'. At the bottom, there are buttons for 'Listen on Spotify' and 'Message', and a 'WHERE TO LISTEN' section with various platform icons.

Fonte: Dados da pesquisa, elaborada pelo autor.

Segue abaixo, o quadro contendo os links para acesso do *podcast* de orientações para os estudantes e do Canal “História de Plantão”, com as principais produções realizadas pelos estudantes e assim o produto deste trabalho.

Quadro 8: Links dos *podcasts* do Canal “História de Plantão”.

Link do <i>podcast</i> de orientações para os estudantes	Link do Canal História de Plantão
https://anchor.fm/historia-de-planto/episodes/Elaborando-seu-podcast-de-Historia-orientao-para-os-estudantes-desenvolverem-o-trabalho-e14epgl	https://anchor.fm/historia-de-planto

Fonte: elaborado pelo autor.

3.3 Análise dos dados coletados junto aos estudantes.

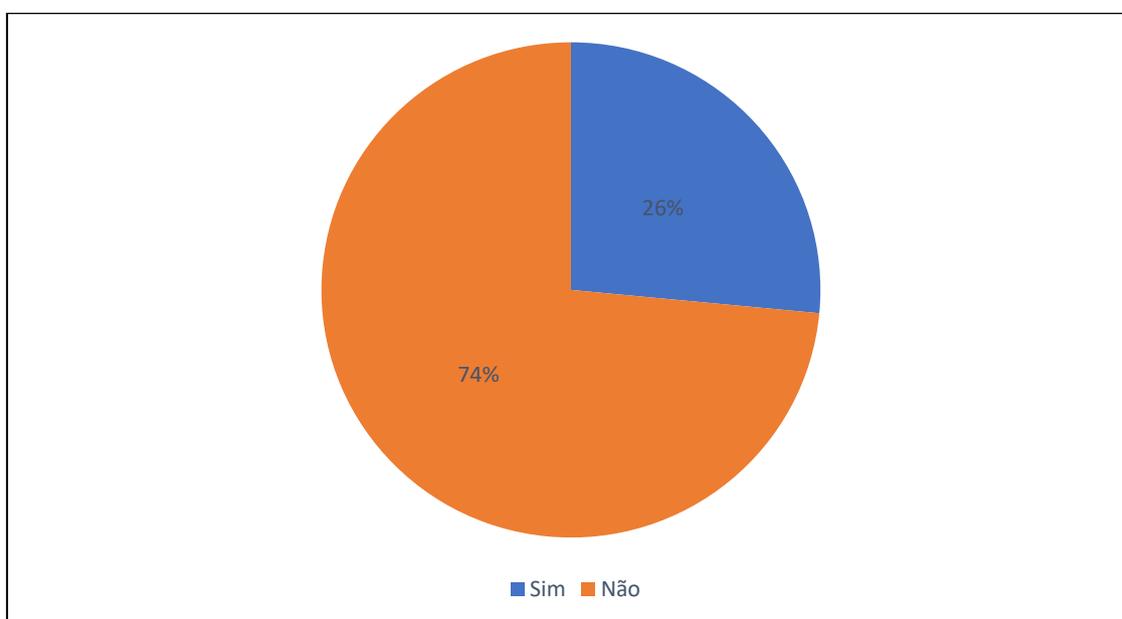
Por meio dos dados coletados através de questionário elaborado no *Google Forms* e outras observações, apresenta-se neste tópico a análise descritiva dos resultados deste trabalho, relacionadas à investigação da aplicabilidade da metodologia ativa de aprendizagem proporcionada pelo uso de *podcast* no ensino de história e sua contribuição para aprendizagem histórica dos alunos.

3.3.1 Percepção dos discentes sobre a Metodologia de produção de *podcast* nas aulas de história

Após o desenvolvimento do projeto com os alunos, buscou-se através de questionário elaborado no *Google Forms*³¹ fazer uma pesquisa, em que os estudantes pudessem mostrar suas impressões sobre a tarefa proposta com o uso da mídia *podcast*. A análise dos resultados, nos ajuda a identificar as possibilidades e dificuldades no uso da metodologia em questão com os estudantes e de sua dinâmica aplicada ao ensino de história.

Quando perguntado se os estudantes tinham dificuldades em usar as ferramentas digitais, obtivemos as seguintes respostas, conforme apresentada nos gráficos abaixo:

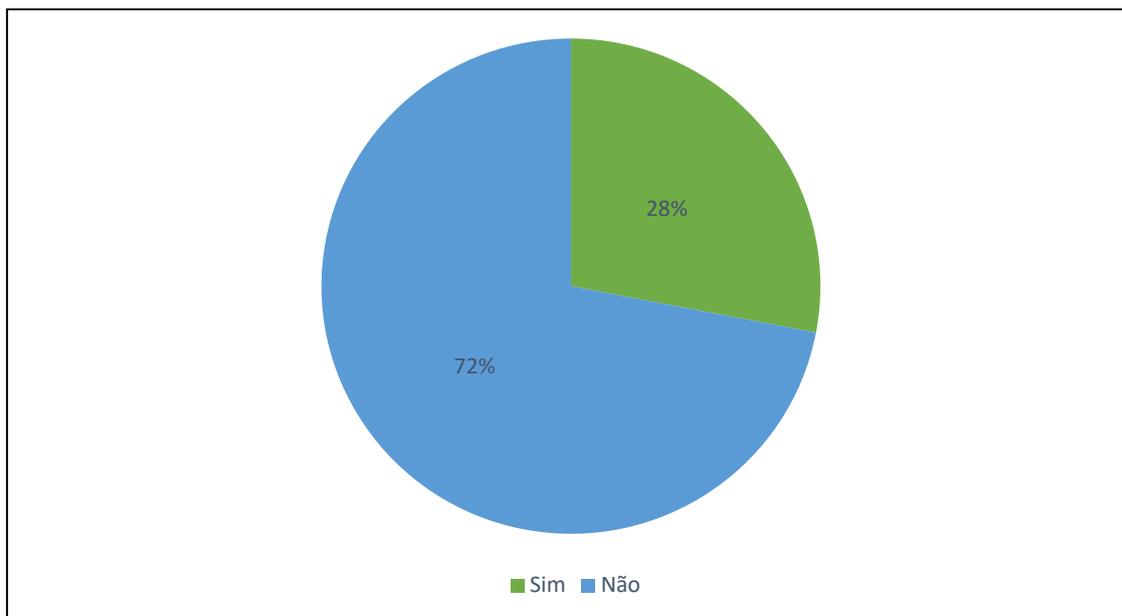
Gráfico 5: Dificuldades no uso de ferramentas digitais pelas turmas pesquisadas (Turma A).



Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 6: Dificuldades no uso de ferramentas digitais pelas turmas pesquisadas (Turma B).

³¹ Ver Apêndice 4- Questionário para os estudantes.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Com base nas respostas dadas pelos estudantes, nota-se que para a maioria, o uso das ferramentas digitais não traz grandes dificuldades, já que estão habituados a utilizar essas novas tecnologias.

A partir da próxima questão, iniciamos então, nossas discussões sobre a metodologia que fez uso da mídia *podcast* durante o projeto. Foi perguntado aos estudantes se já haviam estudado antes da atividade proposta de história, através de uma metodologia que utilizasse a ferramenta *podcast* nas aulas, e obtivemos os seguintes dados com base nas respostas dos estudantes:

Tabela 2: Já havia estudado antes por meio da ferramenta *podcast*.

		TURMA A	TURMA B
Opções de resposta	NÃO	91,2%	85,3%
	SIM	8,8%	14,7%

Fonte: Elaborada pelo autor.

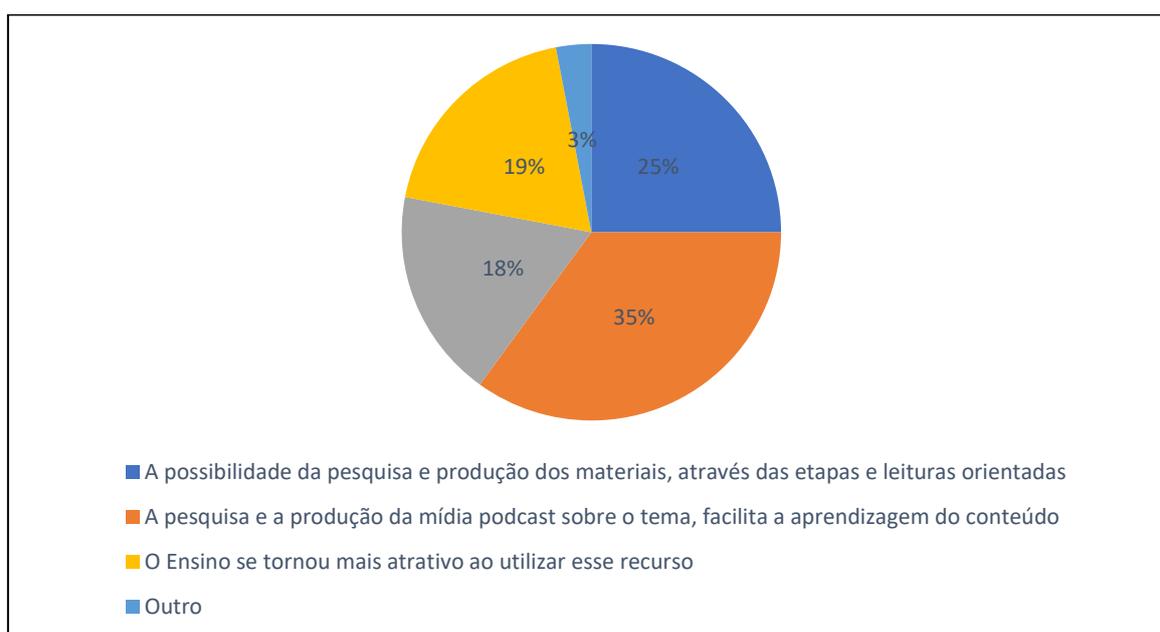
Assim, é possível notar, por meio da tabela 2, que o uso da metodologia proposta na aula de história, para boa parte dos alunos participantes da pesquisa foi algo novo, já que a maioria respondeu que nunca havia estudado através do uso desse recurso. Os dados obtidos evidenciam que ainda é pouco, ou quase inexistente o trabalho com essa ferramenta na escola pesquisada, o que pode ser convergido também para outros contextos escolares.

Percebemos, através dessa questão, que por mais que o recurso da mídia *podcast* tenha se popularizado nos últimos anos, bem como seja orientado seu uso no contexto escolar, conforme algumas diretrizes curriculares atuais, ainda carece a sua efetivação em sala de aula.

Devemos entender, no entanto, que mesmo sendo um recurso tecnológico pouco explorado em seu sentido didático em termos quantitativos, este fator não pode retirar os possíveis benefícios de sua utilização. Indicando que precisamos explorá-lo um pouco mais na hora de realizar nossas ações pedagógicas, principalmente no contexto das aulas acontecendo de forma virtual/remota, buscando assim agregar através dessa ferramenta um aprendizado significativo e também otimizar as aulas de maneira mais dinâmica, como constatamos no decorrer do levantamento de dados sobre esta metodologia nas turmas aqui pesquisadas.

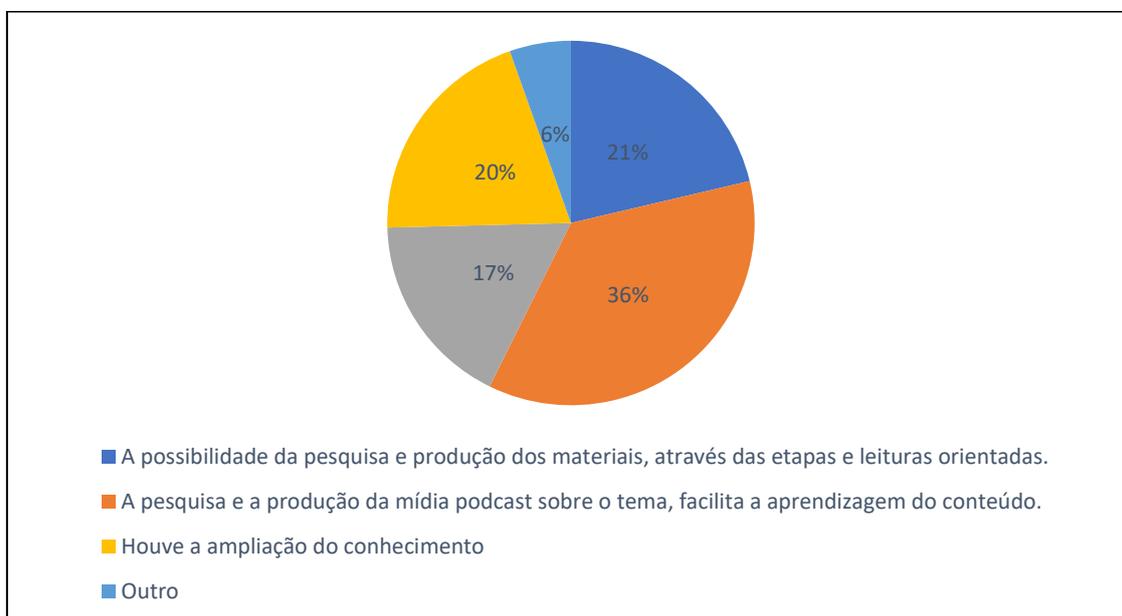
Para compreender melhor o trabalho proposto com a pesquisa e produção de *podcast*, e assim perceber esses benefícios, foi indagado no questionário sobre o que mais eles gostaram em trabalhar com essa ferramenta na disciplina de história, indicamos assim algumas respostas para que os estudantes pudessem marcar aquela alternativa que melhor atendesse sua perspectiva. Nesse quesito, apesar da afirmativa “A pesquisa e a produção da mídia *podcast* sobre o tema facilita a aprendizagem do conteúdo”, ser a mais aceita (35,3% Turma A e 36% Turma B), houve muitas respostas diferentes, o que demonstra que os estudantes veem outros auxílios didáticos proporcionados por essa metodologia. Como podemos constatar no gráfico seguinte:

Gráfico 7: O que mais gostou em trabalhar com a mídia *podcast* na disciplina de história (Turma A).



Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pelo autor.

Gráfico 8: O que mais gostou em trabalhar com a mídia *podcast* na disciplina de história (Turma B).



Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pelo autor.

Sobre a pergunta: “Para você a realização da tarefa que envolveu a metodologia ativa, através da pesquisa e produção da mídia *podcast* facilitou a aprendizagem do conteúdo histórico abordado?”, obtivemos as seguintes informações:

Tabela 3: A metodologia facilitou a aprendizagem do conteúdo.

		TURMA A	TURMA B
Opções de resposta	SIM	97,1%	92%
	NÃO	2,9%	8%

Fonte: Elaborada pelo autor

Portanto, os dados gerados através do questionário, revelam percepções importantes dos discentes sobre o uso dos recursos digitais e em especial da metodologia que empregou a ferramenta de *podcast* nas aulas de história. Essa percepção dos estudantes é significativa e dialoga com alguns estudos realizados, entre eles, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) sobre o uso das tecnologias no ambiente escolar. Em 2015, através de seus relatórios sobre experiências bem sucedidas e expectativas do uso das novas tecnologias em sala de aula, identifica que:

O conceito do ensino como mera transmissão de conteúdos deve dar lugar a novas metodologias que possibilitem o desenvolvimento das competências dos estudantes para operar sobre os conteúdos. A definição mais clara de competência é como conjunto de competências ou desempenhos que integram conhecimentos, habilidades e atitudes que os estudantes colocam em prática em contextos específicos com um propósito determinado. (UNESCO, 2015. p. 13).

O relatório da UNESCO é bem importante e traz informações relevantes sobre a necessidade de políticas públicas concretas que implementem condições de acesso à internet, principalmente em áreas periféricas e rurais das cidades latino-americanas, já que boa parte das escolas nessas regiões não contam com uma boa cobertura de rede. Em tempos de aulas remotas, como a que vivemos com certeza essa situação se agrava. Além de enfatizar a necessidade de ajudar os professores em uma formação mais adequada e atenda as novas demandas e exigências colocadas nas propostas curriculares.

Para compreender melhor sobre a realidade dos estudantes das turmas pesquisadas durante esse trabalho, outras informações foram levantadas e analisadas, mediante a aplicação do questionário. Uma delas diz respeito às dificuldades e problema enfrentados durante a realização da tarefa ao longo e dentro de aspectos relacionados ao período de aulas remotas. Entre elas encontramos a questão da dificuldade de acesso por parte de alguns alunos de forma expressiva, no entanto, esse não foi o principal problema descrito pelos estudantes envolvidos na pesquisa. Vejamos:

Tabela 4: Qual o principal problema encontrado pelos alunos, em relação à realização da atividade que envolveu a pesquisa e a produção de um conteúdo através da mídia <i>podcast</i> na disciplina de história?		
Opções de Respostas	Turma A	Turma B
Tive dificuldade em me organizar em relação ao tempo para a realização da atividade junto à equipe.	23,5%	30,7%
Tive dificuldade em entender como produzir a mídia <i>podcast</i> .	23,5%	21,3%
Conexão lenta da <i>internet</i> e dificuldades de acesso.	23,5%	17,3%
Tive dificuldade para realizar a atividade em grupo, pois os contatos com os demais membros foram poucos.	17,6%	14,7%
Não compreendi as etapas da tarefa proposta.	2,9%	1,3%
Outro (especifique).	8,8%	14,7%
Falta de interesse.	-	-
TOTAL	100%	100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Em relação à experiência com a metodologia que envolveu as etapas de pesquisa e a produção de conteúdo através da mídia *podcast* e realizada pelos GTs, pedimos também aos estudantes que fizessem uma avaliação em relação ao desenvolvimento de atividades educativas que se utilizam de trabalhos em grupo ou de forma individual. Tanto a “turma A” como a “turma

B”, avaliaram que preferem realizar atividades em grupos, 64,7% e 58,7%, respectivamente. Algumas das justificativas em preferirem trabalhar em grupo é que dessa forma “permite a troca de ideias entre os colegas” e “facilita para uma aprendizagem colaborativa”.

Essa visão dos estudantes é importante e vai ao encontro das perspectivas defendidas por Vygotsky (2001), o qual nos mostra que o homem progride intelectualmente através das relações com o meio e principalmente pela interação social entre as pessoas, assim, através dessa comunicação, aprende e se desenvolve, construindo conhecimento e criando formas de agir no mundo.

Com base no trabalho proposto, elaboramos o quadro abaixo sobre a experiência dos estudantes das turmas de 2º ano da escola pesquisada, com a metodologia que envolveu as etapas de pesquisa e a produção de conteúdo por meio da mídia *podcast*, através de algumas respostas descritivas desses estudantes. Vejamos:

Quadro 9 - Percepção dos alunos sobre as vantagens do uso da ferramenta *podcast* e o aprendizado de história através da temática abordada.

PERGUNTA	RESPOSTAS
<p>Você considera que a metodologia que envolveu a pesquisa e a produção de áudios através da mídia <i>podcast</i> em Grupos de Trabalho (GTs) sobre a temática estudada, contribuiu para aprendizagem sobre o conceito de escravidão e o seu contexto histórico?</p>	<p>Sim, contribui bastante por conta que fomos à procura de várias informações sobre o que era a escravidão nos períodos, como aconteceu e em que época.</p>
	<p>Foi uma ótima ideia e contribuiu muito na aprendizagem do conceito da escravidão e contexto histórico.</p>
	<p>Sim, pois estudando mais aprofundado, fazendo algo diferente e não só aula nos ajuda muito mais, e assim ficamos sabendo sobre o que acontecia nas épocas de escravidão, porque só a matéria de história não é suficiente para nos aprofundar no assunto, e assim também buscamos fontes diferentes.</p>
	<p>Sim, por conta que todos estudaram, pesquisaram de diversos lugares para criar um <i>podcast</i> muito educativo e muito interessante. Então cada pessoa estudou e aprendeu bastante.</p>
	<p>Sim. Pois, ao fazer a pesquisa e a produção do áudio eu conversei com os colegas sobre o assunto e depois expliquei o tema, isso me ajudou a aprender. Além da pesquisa em si, em que eu precisei colher materiais para a construção do trabalho (e por causa dessa atividade eu tive acesso a como fazer as referências bibliográficas corretamente).</p>
	<p>Sim. Em minha opinião essa metodologia de estudos através da mídia <i>podcast</i> e textos/slides podem auxiliar mais ainda no conhecimento do aluno sobre o tema proposto, facilitando no estudo e na aprendizagem, além de auxiliar também no manuseio desse tipo de tecnologia, ajudando em problemas futuros.</p>
	<p>Sim, pois esse método de aprendizagem por ser novo nos envolveu muito, contribuindo positivamente para a nossa aprendizagem sobre o conceito de escravidão e os seus contextos históricos.</p>
	<p>Sim, contribui bastante para nosso aprendizado, porque vamos pesquisar ler, fazer um resumo, reler e ainda ter que</p>

	gravar o áudio para o <i>podcast</i> , aí vendo o conteúdo tantas vezes é quase impossível não pegar alguma coisa, é uma forma muito boa e dinâmica de se pegar o conteúdo.
	Sim, acredito que por ser utilizado uma ferramenta "mais atual" e que a maioria dos alunos tem uma intimidade maior, facilita tanto no aprender como também se interessar para saber.
	Sim, foi uma metodologia diferente que nos envolveu no aprendizado.
	Sim. Pois para que pudéssemos repassar o conhecimento em forma de um <i>podcast</i> , primeiro foi necessário fazer pesquisas e aprender sobre o conteúdo.
	Sim, facilitou bastante o entendimento do conteúdo pois quando fazemos a <i>podcast</i> lemos o tema proposto assim contribuindo para o aprendizado.
	Sim, pois cada GT (Grupo de Trabalho) abordou os temas propostos pelo o professor, e a forma como a gente fez o trabalho foi bastante abrangente ao tema, portanto, a forma que cada grupo fez o seu <i>podcast</i> foi bem elaborado, e tendo como resultado uma boa compreensão ao conceito sobre escravidão e o seus contextos históricos.

Fonte: Dados da Pesquisa, elaborado pelo autor.

Com base nas respostas obtidas para o questionário diagnóstico, apresentado no quadro acima, percebe-se que o uso dessa metodologia contribuiu com o processo de aprendizagem dos alunos, sendo notável que estes consideram que o trabalho foi de suma importância e trouxe impactos positivos nas aulas de história.

A maioria dos discentes concorda também, que ao incluir trabalhos que envolvam o uso de novas metodologias, principalmente através de ferramentas digitais, em sua prática, o professor contribui para atraí-los a desenvolverem trabalhos científicos mais coesos, pois precisam fazer pesquisas, elaborar materiais e trabalhar em equipe. Assim adentram em estudo que desenvolve e proporciona um ambiente dinâmico e interativo, capaz de um aprendizado mais significativo.

Nas últimas perguntas do questionário, foi pedido para que os alunos deixassem comentários sobre como foi trabalhar com a mídia *podcast* e também sobre o tema desenvolvido pelos GTs “Escravidão em perspectivas: contextos históricos diversos”, dessa forma os alunos puderam relatar pontos positivos e negativos da atividade. Transcrevemos abaixo algumas das respostas dos estudantes:

Quadro 10– Transcrição de algumas respostas.

Questão: Sobre a mídia *podcast* produzida pela equipe deixe um comentário de como foi trabalhar com esse recurso.

<ul style="list-style-type: none"> Foi muito bom, a gente aprendeu, a gente discutiu várias ideias, a gente se ajudou, foi muito legal, eu aprendi várias coisas que vou levar para o resto da vida, foi muito gratificante.
<ul style="list-style-type: none"> Foi trabalhoso, por ser a primeira vez e por falta de organização nos prazos. Mas em compensação, obtivemos um pouco mais de conhecimento sobre o assunto.
<ul style="list-style-type: none"> Foi algo bem diferente, nunca tinha feito antes, gostei bastante, pois deu para se aprofundar mais no assunto.
<ul style="list-style-type: none"> No início pensei que seria algo ruim, pois o grupo tinha 4 pessoas com ideias distintas, porém foi exatamente o contrário, como basicamente foram duas fases, dividimos o quarteto em duplas, e colocamos a dupla que mais se sobressaía em cada fase, área. Por fim, o resultado foi excelente, conseguimos unir todas as ideias e planos e formamos um trabalho excelente, onde tinha um pouquinho de cada um de nós.
<ul style="list-style-type: none"> Foi bom de grande importância, mas seria melhor que todos os membros da equipe ajudassem e contribuíssem mais na atividade.
<ul style="list-style-type: none"> Foi de suma importância para a minha aprendizagem, e para meu crescimento como pessoa, pois o tema que ficamos é de tamanha importância para o mundo atual em que vivemos.
<ul style="list-style-type: none"> Foi legal, por mais que nem todo mundo tenha colaborado, mas aos que fizeram foi muito bom trabalhar em conjunto e dividir os trabalhos, juntar as ideias.
<ul style="list-style-type: none"> No começo, confesso que fiquei desanimada porque achei que daria muito trabalho produzir um <i>podcast</i>, mas seguindo as orientações dadas pelo professor e contando com a ajuda da equipe, a <i>podcast</i> foi feito facilmente, gostei muito.
<ul style="list-style-type: none"> Foi bom, tivemos alguns problemas em relação um membro da equipe para gravar o <i>podcast</i> mas dividimos e foi bom trabalhar com isso.
<ul style="list-style-type: none"> Foi difícil no começo, para entender sobre o tema, mas estudamos muito e acredito que todos conseguiram entender o tema proposto.
<ul style="list-style-type: none"> Foi uma experiência diferente, pois antes da atividade proposta de história, essa metodologia nunca foi utilizada antes.
<ul style="list-style-type: none"> Foi um pouco complicado, pois a conexão estava ruim, a parte de editar foi um pouco difícil porque não sabia utilizar o aplicativo.
<ul style="list-style-type: none"> Bastante interessante, foi a primeira vez que eu ouvi fala sobre esse recurso e utilizar ele. Fiquei perdida no começo mas depois comecei a entender como utilizava ele, e até ajudei outras turmas a fazer o <i>podcast</i>.
<ul style="list-style-type: none"> Gostei, foi algo bem dinâmico e interessante.
<ul style="list-style-type: none"> Trabalhar com o <i>podcast</i> foi difícil no começo por nunca ter usado essa plataforma, mas o resultado ficou excelente e essencial para a aprendizagem.
<ul style="list-style-type: none"> Excelente, tive um pouco de dificuldade na parte da edição, mas no final deu tudo certo, facilitou bastante para uma aprendizagem colaborativa e foi possível uma maior interação com os colegas.
<ul style="list-style-type: none"> No início, o trabalho andou lentamente, mais de forma que todos contribuíssem para pesquisa e realização do trabalho. Trabalhamos com união, foco, qualidade de pesquisa e dedicação de todos que participaram. Em resumo, houve interação e participação de todos com a atividade.
<ul style="list-style-type: none"> Foi uma excelente ideia, tirando a parte da timidez, mas isso a gente trabalha para não ter, mas a experiência foi muito boa.
<ul style="list-style-type: none"> Muito bom, além de ter tido conhecimento de vários acontecimentos e acesso a outras fontes históricas, ouvi outros <i>podcasts</i>.

<ul style="list-style-type: none"> • Para mim foi um pouco difícil porque eu nunca tinha feito um <i>podcast</i>, mas com a ajuda de alguns colegas eu consegui, mas também foi bom trabalhar assim porque a gente pega mais experiências para próximos trabalhos.
<p>Questão: Sobre o tema trabalhado pelos GTs -Escravidão em perspectivas: contextos históricos diversos - deixe um comentário da importância de trabalhar com essa temática.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer como surgiu a escravidão e saber diferenciá-las entre os períodos.
<ul style="list-style-type: none"> • Porque é um tema que pode ser abrangido em vestibulares, é importante saber sobre esse período da história para compreender fatos históricos do nosso país, para desenvolver o senso crítico.
<ul style="list-style-type: none"> • A Escravidão está presente na nossa história em contextos diferentes - como diz o próprio tema - e conhecê-la melhor possibilita entender melhor o quadro geral de uma sociedade e algumas situações que acontecem.
<ul style="list-style-type: none"> • É de uma importância muito grande, principalmente para entendermos como se dá a desigualdade social, racismo e preconceito, para assim conseguirmos cortar essas raízes horríveis da sociedade de uma vez por todas, através do conhecimento.
<ul style="list-style-type: none"> • A importância de trabalhar nesse tema, é que possamos saber o que as pessoas escravizadas passaram naquele momento e tempo onde eles tanto sofriam. Eu sempre achei esse tema bem interessante e gostava muito das histórias contadas em aulas presenciais sobre essa temática.
<ul style="list-style-type: none"> • É muito importante pois nos faz conhecer mais. E reconhecer o quanto é abominável essa prática, entendendo como ela se deu nos diferentes contextos históricos.
<ul style="list-style-type: none"> • Para mim é importante trabalhar esses temas, porque muitos não sabem sobre nada dos nossos antepassados e do nosso passado, na minha equipe nós trabalhamos sobre a escravidão indígena e escravidão negra no Brasil também serve para saber sobre algumas culturas deles que hoje em dia nós praticamos.
<ul style="list-style-type: none"> • A escravidão foi uma ferida que deixou uma cicatriz enorme no mundo, aprender sobre, não só nos ajuda a conhecer o que aconteceu naquelas épocas, mas também nos deixa por dentro de tal tema que é tão importante.
<ul style="list-style-type: none"> • É importante trabalhar essa temática por vemos nos dias atuais muitas consequências dessas práticas no passado. Principalmente com analogia às relações de trabalho e o tratamento das pessoas umas sobre as outras.
<ul style="list-style-type: none"> • É algo que a sociedade convive até os dias atuais, portanto, deve ser sempre estudado.
<ul style="list-style-type: none"> • Algo muito importante para a sociedade, pois muitos ainda não entendem a gravidade da "escravidão" e como ela ainda perdura nos dias atuais. Foi um assunto amplo e importantíssimo, por conta de um passado escravista, obtemos hoje várias marcas que não podem ser apagadas da história e que mudaram o rumo de muita coisa. Além de ainda existir, a escravidão moderna que se fundou da antiga trazendo sofrimento para inúmeras pessoas pelo mundo, e o mais interessante, isso ocorre em pleno século 21.
<ul style="list-style-type: none"> • Não só o tema do <i>podcast</i> em si, mas estudar a história serve tanto pra entender o que está acontecendo no nosso presente. O tema escravidão... temos a ideia que foi abolida totalmente, mas ainda hoje temos ela presente, porque foi algo enraizado desde o início dos tempos. O ser humano sempre vai ser escravo de algo, pode ser trabalho, vícios e sentimentos.
<ul style="list-style-type: none"> • É importante aprender essa temática pois vemos como o ser humano tem que melhorar, e entender que somos todos iguais independentemente da cor, aprender que a escravidão não é de agora, e que muitas coisas devem mudar ainda.
<ul style="list-style-type: none"> • É de suma importância trabalhar com essa problemática porque hodiernamente vidas ainda são afetadas por ela, em forma de: desigualdade social, qualidade de vida duvidosa e baixo poder aquisitivo aos descendentes daqueles que foram explorados.
<ul style="list-style-type: none"> • É extremamente importante nos dias de hoje trabalhar com essa temática, pois ainda ocorre muito, como a escravidão moderna que foi estudado em meu tema. Acredito que todos nós passamos a

conhecer realmente o conceito de escravidão e onde ocorreu. O tema proporciona vários conhecimentos históricos e de maior relevância, e contribui para a nossa aprendizagem, sem dúvida.
<ul style="list-style-type: none"> • É um assunto muito bom de trabalhar e particularmente é um dos assuntos que mais gosto de falar quando se trata de história. Aprendi muitas coisas novas, foi de grande proveito!
<ul style="list-style-type: none"> • Ele é super importante para os alunos entenderem um pouco do contexto histórico que praticamente sempre existiu na sociedade, desde os tempos antigos era praticado a escravidão, seja na época dos prisioneiros de guerra, ou na época dos navios negreiro, isso foi uma parte da história que se deve ter conhecimento.
<ul style="list-style-type: none"> • é muito importante ter um certo entendimento sobre este assunto pois é um cenário que está presente em boa parte da história do nosso país e em situações ainda atuais.
<ul style="list-style-type: none"> • É de extrema importância que tenhamos conhecimento sobre assuntos que foram tão presentes no passado, para assim termos na consciência que qualquer prática similar à está deve ser abolida e não repetida.
<ul style="list-style-type: none"> • O tema dado, foi interessante e bem abrangente, o tema da Escravidão é um assunto que todos deveriam falar e divulgar mais para todos. Assunto que é possível ser tratado e estudado na nossa atualidade, foi importante todos terem estudado sobre este tema, porque trouxe reflexão e análise de ideias, que nem tudo que foi no passado, fica no passado. Muitos acontecimentos ruins infelizmente acontecem na nossa atualidade como a Escravidão, que vezes é vista como algo na época "idade moderna" ou algo "que ficou no passado, e não existe mais". Com a escolha desse tema, vemos que muitas ideias que foram banidas e retiradas no passado, ainda acontece no mundo contemporâneo. Além disso, o tema escolhido trouxe para os alunos curiosidades, e a volta ao passado, estimulou e apresentou que a matéria de história é fundamental para o estudo e análise do nosso presente, deram importância a uma matéria que muitas vezes chamam de "chata" ou que é algo que "não ajuda ninguém, só atrapalha".
<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a nossa cultura e história.

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pelo autor.

Como vemos, os alunos demonstram nas suas falas muitas vantagens em ter participado de um trabalho que envolveu etapas de pesquisa e produção, proporcionada por essa metodologia que se utilizou da ferramenta *podcast*, e que possibilitou para estes uma aprendizagem do tema trabalhado.

Assim, fica ainda mais evidente que trabalhar com metodologias ativas, principalmente no atual contexto é de grande relevância e mostra que os educandos precisam sempre ser colocados como sujeitos ativos no processo de ensino e aprendizagem. Para isso ocorrer de fato, é preciso que o professor consiga mediar o processo, auxiliando os estudantes para conseguirem alcançar os objetivos propostos.

Ainda de acordo com o documento da UNESCO

O pilar fundamental da qualidade educativa são as competências profissionais docentes: se os estudantes não se encontram em suas classes com docentes capazes de gerar maiores oportunidades de aprendizagem, não se produzirá uma genuína melhora da qualidade educativa [...] O desenvolvimento docente é, portanto, o requisito básico caso se queira conseguir uma verdadeira transformação da escola (UNESCO, 2015. p. 13).

Desse modo, tal metodologia mostra-se apta para ser aplicada na sala de aula com as turmas de 2º anos do ensino médio ou em outras etapas do ensino, e é capaz de garantir aos estudantes aprendizagem de conteúdos históricos de forma dinâmica e colaborativa, mesmo diante das aulas remotas, precisando apenas que o professor faça algumas adaptações para essas diferentes situações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal função do professor e um de seus maiores desafios, é contribuir com a aprendizagem significativa dos estudantes. No entanto, ainda encontramos muitas dificuldades no processo de ensino, já que existem várias situações que afetam o desenvolvimento das aulas, e assim a aprendizagem dos estudantes. No cenário atual, tem ganhado destaque as transformações ocasionadas pelos recursos tecnológicos que promoveram mudanças significativas no cotidiano, influenciando as atividades humanas e as formas de adquirir informações, que de todo modo reverbera também no contexto escolar.

Esta pesquisa, procurou considerar questões relacionadas ao processo de ensinar e aprender, no contexto da chamada “Era Digital”, buscando analisar principalmente como nós, professores e professoras de história, podemos utilizar desses novos recursos como alternativas para melhorar a prática educativa e dessa maneira atender as demandas contemporâneas. Propomos então, estudar e entender as possíveis contribuições das TICs no contexto escolar, utilizando metodologias ativas através de uma ferramenta que tem ganhado destaque nesse meio, a mídia *podcast*.

Como docentes, principalmente no Ensino Básico, precisamos estar atentos para sermos sobretudo mediadores durante o processo educacional. É necessário atender a uma aprendizagem colaborativa, significativa e transformativa. Assim, o uso das Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação, nesse caso especificamente a apropriação sobre a linguagem de *podcasts* no ensino de história, acaba sendo um forte aliado para esse diálogo. Já que tal recurso propicia o desenvolvimento de meios participativos e atrativos, capazes de ir além do espaço físico, podendo ter impactos significativos na aprendizagem e na aquisição de uma cultura que corresponda às atuais necessidades de um mundo cada vez mais interligado com as tecnologias que surgem e mudam diariamente as estruturas cognitivas e práticas, com seus acervos.

A observação, por meio das diferentes leituras, referências bibliográficas e principalmente da coleta e análise dos dados junto a escola e aos estudantes sujeitos da pesquisa, ajudou a perceber os ganhos em se trabalhar no ensino de história com metodologias ativas através de recursos e o apoio das novas tecnologias. Os estudantes envolvidos, apesar da maioria inicialmente não conhecerem a ferramenta que seria explorada no trabalho, se mostraram entusiasmados e receptivos para conhecer a mídia desde o início, e estudar através dos novos métodos propostos pelo professor.

Outro aspecto importante analisado, no tipo de trabalho desenvolvido com a metodologia em questão, diz respeito a aprendizagem colaborativa. A proposta utilizada, mostrou-se ainda mais interessante, pois os estudantes tiveram a oportunidade de desenvolver um trabalho através de muita colaboração e participação efetiva, que se deu desde a organização em grupos, que foram denominados de GTs, até a conclusão de todas as etapas e das tarefas realizadas. É notável o gosto dos estudantes em trabalhar em grupos e com recursos digitais, o que reflete em certa familiaridade, motivação e empenho com esses meios.

O trabalho aponta que o uso das TICs, mas especificamente a produção de mídias *podcasts* pelos estudantes de forma colaborativa, possibilitaram tornar as aulas de história mais interessantes, atrativas e trouxe impactos positivos. Houve um protagonismo estudantil que aproximou ainda mais os estudantes da disciplina e principalmente do tema proposto “Conceitos de Escravidão em Perspectivas: Contexto Histórico Diversos”, já que em grupos empenharam-se em pesquisar, conhecer, e principalmente expressarem o que aprenderam através das narrativas construídas desde a pesquisa até a produção dos *podcasts* por eles elaborados. Foi perceptível a preocupação em explorarem os recursos dessa ferramenta e ampliarem a compreensão histórica sobre o tema estudado.

Compreendemos que para uma aprendizagem mais significativa na disciplina de história, os estudantes precisam desenvolver habilidades, nortear-se no tempo e principalmente entender os contextos e conceitos históricos. Dessa forma, é importante salientar que a partir do estudo realizado com as turmas de 2º anos da EEEP Deputado José Maria Melo, na nossa disciplina, serviu dentre outras, para mostrar que o ensino, em especial o ensino de história, precisa de um dispositivo socializador. Assim a mídia *podcast*, constitui uma importante ferramenta que atende essas questões, pois consegue valorizar a relação entre os processos de linguagem, comunicação e as subjetividades da disciplina.

As observações advindas com esse trabalho, infere também que o uso de metodologias ativas através de recursos propiciados pelas TICs no ensino de história, neste caso específico por meio das mídias de áudios *podcasts*, pode colaborar com a “literacia histórica” e com a “aprendizagem significativa” dos estudantes e como uma alternativa didática desenvolvida pelo professor de história ainda no ensino básico. Dessa forma, pode-se pactuar que a construção de *podcasts* pelos estudantes sobre o tema “Conceito de escravidão em perspectiva: contextos históricos diversos” auxiliou no entendimento sobre essa problemática e oportunizou aulas diferenciadas e até mais agradáveis, principalmente em meio ao atual contexto de atividades escolares realizadas através do ensino remoto, dadas as consequências da crise sanitária provocada pela COVID-19. Instituído-se como aulas em que promovem a autonomia, a

colaboração, e como espaço democrático de reflexão, construção de identidade e comunicação em grupo, favorecendo deste modo, a melhoria na aprendizagem em história e socialização dos conhecimentos.

Entendemos que as TICs não podem e nem devem ser vistas como a solução para todas as lacunas e dificuldades no ensino de história, que é preciso ter certos cuidados com o uso e apropriação dessas ferramentas, já que além das muitas possibilidades, também há alguns limites que devem ser considerados no campo historiográfico. No entanto, como apontada nessa e em outras pesquisas, ela traz algumas possibilidades que não devem ser negligenciadas, podendo ocasionar ganhos para o processo de ensino e aprendizagem. É preciso destacar que para atingir seus objetivos e alcançar resultados satisfatórios há uma necessidade de ser executada através de um bom planejamento que vá ao encontro de sua elaboração.

Acompanhar a apropriação do sentido do ensino de história, apesar de não ser tarefa fácil, deve ser de interesse para todos os envolvidos neste processo pedagógico. A discussão apresentada, permite rastrear os modelos inscritos nas práticas escolares. O conteúdo aqui debatido buscou contribuir para apontamento de novos caminhos e ideias em torno do nosso campo.

A experiência de pesquisar a partir do próprio ambiente escolar nos faz lançar um olhar mais reflexivo, e isso é importante porque conseguimos repensar práticas pedagógicas, também posturas e comportamentos, e as possibilidades de atuação em sala de aula ou fora dela. A realização desta pesquisa, serviu para conhecer melhor a instituição em que atuo como professor de história para elaborar estratégias de ensino e aprendizagem conforme a realidade dos estudantes.

Sabemos que realizar uma pesquisa em que o foco é a prática e as metodologias educativas, apesar das muitas literaturas existentes, ainda é bastante complexo e tampouco se esgotam. O trabalho em questão foi realizado em um período extremamente atípico, inclusive sendo em parte adaptado para o contexto vivenciado ao longo dos dois últimos anos de difícil conciliação entre estudos, trabalho e uma pandemia mundial, que infelizmente ceifou muitas vidas e nos deixou de certa maneira, estagnados com seus dilaceramentos, e principalmente com a forma que a mesma foi tratada em nosso país, atingindo diretamente o contexto educacional.

Acreditamos que diante de todas as limitações, principalmente ocasionadas pelo atual cenário, essa pesquisa possa contribuir para o debate e oportunizar o desenvolvimento de novos trabalhos que se baseia no uso de metodologias ativas, com apoio das TICs e em especial da ferramenta *podcast* no contexto escolar.

Conclui-se então, que a educação histórica deva ser a cada dia repensada, de modo que possa trazer possibilidades de enriquecimento para o ensino aprendizagem em sala de aula e em dimensões mais relevantes na sociedade. Portanto, deve-se ressaltar a valorização da história enquanto disciplina escolar e as mudanças necessárias para uma nova postura metodológica e prática por parte de todos aqueles que lidam com a construção de tal saber. Diante do exposto, esperamos que de todas as limitações e possibilidades dessa pesquisa, possa contribuir para novas discussões e na nossa prática docente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Maicon Roberto Poli. *O Oriente Médio através de outras lentes: uma narrativa audiovisual para refletir as representações sobre a região em sala de aula*. 2017. 126 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Centro de Ciências Humanas e de Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Santa Catarina, 2017. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/173543>. Acesso em: 28 março de 2021.

ALMEIDA, Anita Correia Lima de; GRINBERG, Keila. *As WebQuests e o ensino de História*. GONTIJO, Rebeca; MAGALHÃES, Marcelo de Souza, ROCHA, Helenice Aparecida Bastos. *A escrita da história escolar: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 201-212, 2009.

ALMEIDA, Fabiana Rodrigues de. *Qual História? Para qual Sociedade? As vozes públicas em torno da construção dos PCNs e BNCC*. In: XI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES DO ENSINO DE HISTÓRIA, 2018, Rio de Janeiro. Anais do XI Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História, Rio de Janeiro:Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

ALMEIDA, M. E. B. de; VALENTE, J. A. *Integração currículo e tecnologias e a produção de narrativas digitais*. Currículo sem Fronteiras. v. 12, n. 3, p. 57-82, Set/Dez, 2012. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss3articles/almeida-valente.htm>. Acesso em: 17 abril 2021.

AMORIM, Paula Karini Dias Ferreira; CASTRO, Darlene Teixeira. *Mídias digitais: uma nova ambiência para a comunicação móvel*. In: I Encontro de História da Mídia da Região Norte, 7 e 8 de outubro de 2010, Palmas, TO. Anais (on-line). Porto Alegre: Alcar-UFRS, 2010. Disponível em <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/norte/1o-encontro/artigos>. Acesso em 28 abril de 2021.

AUSUBEL, D. P. *A aprendizagem significativa: A teoria de David Ausubel*. São Paulo, Moraes, 1980, 200p.

BACICH, L; MORAN, J. *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso, 2018.

BASÍLIO, G.; PAULO, A.F.; SILVA, J. *Contribuições de negros, índios e brancos nos 15 anos da lei 10.639/03 na Educação*. In: Adriano Ferreira de Paulo; Jose Melinho de Lima Neto; Karlane Holanda Araújo. (Org.). *História e Memória, Relações Raciais e avaliação na Educação Brasileira*. 1ed.Fortaleza: Gráfica e Editora Imprece, 2019, v. 1, p. 69-87.

BEHRENS, Maria Aparecida. *Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente*. In: MORAN, José Manuel. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 21ª ed.rev. e atual.Campinas –SP: Papirus, 2013.

BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRASIL. MEC. *Base Nacional Comum Curricular*. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2017.

_____. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais. Documento introdutório*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRECHT, Bertolt. *O rádio como aparato de comunicação: Discurso sobre a função do rádio*. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v21n60/a18v2160.pdf>. Acesso em 18 de março 2021.

BITTENCOUT, Circe (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. 11a Ed. – São Paulo: Contexto, 2008.

BONASSOLI, Kell. *Uma mão lava a outra, duas mãos batem palmas*. In: LUIZ, Lúcio (org.). *Reflexões sobre o podcast*. Nova Iguaçu, Marsupial Editora, 2014. p. 15-22.

CABRINI, Conceição (org.). *Ensino de história: revisão urgente*. Ed. rev. e ampl. São Paulo: EDUC, 2000.

CAIMI, Flávia. *O que precisa saber um professor de História?* História & Ensino, Londrina, v. 21, n. 2, jul./dez. 2015, p. 105-124.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. *História Pública: uma breve bibliografia comentada. (Bibliografia Comentada)*. In: *Café História — história feita com cliques*. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/historia-publica-biblio/>. Publicado em 6 nov. 2017. Acesso: 1 de abril de 2021.

CARVALHO, Marlene; MOREIRA, Antonio Flavio. *Construção de identidades no currículo de uma escola de Ensino Fundamental*. In: CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Antonio Flavio. *Currículos, disciplinas escolares e culturas*. Petrópolis: Vozes, 2014, pp.42-76

CASSEMIRO, Renato. *A Importância das Mídias no Ensino de História*. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. 2016. Anais [...] São Carlos, 2016. p. Disponível em: <http://www.siedenped2016.ead.ufscar.br/ojs/index.php/2016/article/view/1746/741>. Acesso em: 12 jan. 2021.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CEARÁ. Governo do Estado do Ceará/Secretaria de Educação do Estado do Ceará. *Matrizes de conhecimento básico: Ensino Médio*. Fortaleza: SEDUC, 2020. Disponível em: < https://drive.google.com/file/d/13c4X9aI4bcv_2BjKhSoT9Eq_Bmoi6MZP/view >. Acesso em: 20 abril de 2021.

CERRI, Luis Fernando. *A Formação de professores de História no Brasil: antecedentes e panorama atual*. história, histórias. Brasília, vol. 1, n. 2, 2013. ISSN 2318-1729.

COLL, Cesar; MAURI, Teresa; ONRUBIA, Javier. *A incorporação das tecnologias de informação e da comunicação na educação: do projeto técnico-pedagógico às práticas de uso*. In: COLL, Cesar; MONEREO, Charles (Org.). *Psicologia da Educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação*. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 66-93.

COSTA, Marcella Albaine Farias da. *Ensino de História e historiografia escolar digital*. Tese. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2019.

CRUZ, Marília Beatriz Azevedo. *O ensino de história no contexto das transformações paradigmáticas da história e da educação*. In: Sonia M. Leite Nikitiuk (org.). *Repensando o ensino de história*. 5 ed., São Paulo, Cortez, 2004, pp.67-76.

DELGADO, A. F.; MAYNARD, D. *O elefante na sala de aula: usos de sites nos livros nos livros didáticos de História do PNLD*. 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X> . Acesso em: 10 de abril de 2021.

DEWEY, John. *Democracia e educação: breve tratado de filosofia de educação*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1952.

Entenda as 10 competências gerais que orientam a Base Nacional Comum. Porvir.org, Brasil, 25 de mai. de 2017. Disponível em: <http://porvir.org/entenda-10-competencias-gerais-orientam-base-nacional-comumcurricular/> . Acesso em 10 de jan. 2021.

FERREIRA, G. K. F. *Formação continuada de professores para o uso das Tecnologias Educativas: um estudo de caso sobre o discurso e a prática*. Tese (Doutorado em Ciências da Educação). Universidade do Minho – Instituto de Educação. Minho (Portugal): Universidade do Minho, 2015. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/40422?mode=full>. Acesso em 25 de nov. de 2019

FERREIRA, Rodrigo de Almeida. *História Pública e Ensino de História: um olhar sobre o filme no livro didático*. Revista Observatório, Palmas, v. 3, n. 2, p.136-171, abr./jun. 2017.

_____. *Luz, Câmera e História: práticas de ensino com o cinema*, Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2018.

FIOLHAIS, C.; TRINDADE, J. *Física no computador: O computador como uma ferramenta no ensino aprendizagem das ciências físicas*. Revista Brasileira de Ensino de Física, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 259–272, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbef/v25n3/a02v25n3.pdf> . Acesso em 28 de nov. de 2019.

FONSECA, Thaís Nivia de Lima e. *História & Ensino de História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FREIBERGER, R. M., & BERBEL, N. A. N. *A importância da pesquisa como princípio educativo na atuação pedagógica de professores de educação infantil e ensino fundamental*. Cadernos de Educação, 37, 207-245.2010.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. *Podcast: breve história de uma nova tecnologia educacional*. EDUCAÇÃO EM REVISTA, Marília, v.18, n.2, p. 55-70, Jul.-Dez., 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GEVAERD, Rosi Terezinha Ferrarini. *Narrativa histórica: uma das formas pelas quais alunos e professores dão sentido ao passado histórico*. X Congresso Nacional de Educação-EDUCERE,PUCPR. Curitiba, nov.2011.

GONÇALVES, M. T. L. *Formação do pedagogo para a gestão escolar na UAB/UECE: a analítica da aprendizagem na educação a distância*. 2018. 255f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho*. Tradução de: Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

JACOBSEN, Alessandra de Linhares et.al. *Perfil metodológico de pesquisas elaboradas no âmbito das instituições de ensino superior brasileiras: uma análise de publicações feitas pela revista Ciências da Administração*. XVII Colóquio Internacional de Gestão Universitária – Mar del Plata, Argentina, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/181164/101_00179.pdf?sequ Acesso em: 20 abril de 2021.

KENSKI, V. M. *Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação*. 2.ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

_____. *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. 4.ed. São Paulo: Papirus. 2006.

KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo-Estudos sobre história*. Rio de Janeiro. Editora PUC Rio, 20014.

LEE, Peter. *Literacia histórica e história transformativa*. Educar em Revista. Curitiba, n.60, abr/jun 2016.

LEITE, Lígia Silva. (Coord.). *Tecnologia educacional: descubra suas possibilidades na sala de aula*. Colaboração de Cláudia Lopes Pocho, Márcia de Medeiros Aguiar, Marisa Narcizo Sampaio. 8. Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LINARDI, Danilo. *Produzindo e Difundindo Conhecimento Histórico no Youtube: O Canal “Nerdologia” e os Conceitos de “Golpe” e “Revolução”*. Aedos, Porto Alegre, v. 12, n. 26, ago. 2020.

LUIZ, Lucio.; ASSIS, Pablo de. *O podcast no Brasil e no mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33, 2010. Caxias do Sul. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0302-1.pdf> Acesso em 4 de abril 2021.

MACHADO, Ana Carolina. *História digital em tempos de crise: as demandas do tempo imediato e suas implicações no trabalho dos historiadores*. Aedos, Porto Alegre, v. 12, n. 26, ago. 2020.

MANIFESTO DOS PIONEIROS. *O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*. (1932). In: Revista HISTEDBR On-line. Campinas, no. Especial, agosto de 2006, p. 188-204.

MARTÍNEZ, J. H. G. *Novas tecnologias e o desafio da educação*. In: TEDESCO, J.C. (Org.). *Educação e novas tecnologias: esperança ou incertezas*. São Paulo: Cortez; Buenos Ayres: Instituto Internacional de Planeamiento de la Educación; Brasília: UNESCO, 2004. p. 95-119.

MENESES, Sônia; MELO, Egberto. *A Babel do Tempo Regimes de Historicidade e a história ensinada no universo virtual*. LINHAS (FLORIANÓPOLIS. ONLINE), v. 18, p. 154-178, 2017.

MENESES, Sônia. *Uma história ensinada para Homer Simpson: Negacionismos e os usos abusivos do passado em tempos de pós-verdade*. REVISTA HISTÓRIA HOJE, v. 8, nº 15, p. 66-88, 2019.

MERCADO, Luis Paulo Leopoldo. (Org.). *Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática*. Maceió. Edufal, 2002.

MORAN, J. M. BEHRENS, M. A. MASETTO, M. T. *Novas tecnologias e mediação pedagógica* - Papirus. 12ª edição, 2006.

MOURA, Antônio Guanacuy Almeida. *A Webquest's: possibilidades no ensino e aprendizagem de história*. 2018.149f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História), Campus Universitário de Araguaína, Universidade Federal do Tocantins, Tocantins, 2018. Disponível em:

<http://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/1702/1/Ant%C3%B4nio%20Guanacuy%20Almeida%20Moura%20-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em 29 de março de 2021.

MOURA, A.; CARVALHO, A. A. A. *Podcast: potencialidades na educação*. Prisma.com (Portugual), n. 3, p. 88-110, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/69641>. Acesso em: 12 de maio 2021.

PEDRÓ, Francesc. [Tradução Maria Alicia Manzoni Rossi] *A tecnologia e as transformações na educação*. Documento básico. UNESCO, Cooperação Representação Brasil; Fundação Santillana. 2016. Disponível em: <https://www.fundacionsantillana.com/PDFs/santillana_LAC150216_Portugues.pdf >. Acesso em 20 de maio 2021.

PENNA, Fernando de Araújo. *Ensino de história: uma operação historiográfica?* In: Anais do XV encontro Regional de História da ANPUH-Rio. 2012. Disponível em http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338502502_ARQUIVO_PENNAANPUH2012.pdf . Acesso em: 12 jan. 2021.

PERIN, D. Z. *Narrativa Histórica Por Meio de Um Podcast: Canções do Palhaço Carequinha*. In: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015, Florianópolis. Anais eletrônicos, 2015. p. 1-12.

PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito. *Pedagogia de projetos: fundamentos e implicações*. In: ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; MORAN, José Manuel (Org.). *Integração das tecnologias na educação*. Brasília: Ministério da Educação/SEED/TV Escola/Salto para o Futuro, 2005. cap. 1, artigo 1.1, p. 12-17. Disponível em: http://www.virtual.ufc.br/cursouca/modulo_4_projetos/conteudo/unidade_1/Eixo1-Texto18.pdf. Acesso em: 14 maio de 2021.

PRANDINI, R. C. *Formação do formador para a atuação docente mediatizada pelas tecnologias da informação e comunicação*. In: HESSEL, A.; PESCE, L.; ALLEGRETTI, S. *Formação online de educadores: identidade em construção*. São Paulo: RG Editores, 2009, p. 63-88.

PRENSKY, Marc. *Digital natives, digital immigrants*. On the Horizon. NBC University Press, v. 9, n. 5, oct. 2001.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. *Para além da emissão sonora: as interações no podcasting*. Intertexto, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/26568>. Acesso em: 14 de março de 2021.

RIBEIRO, Otacílio J. *Educação e novas tecnologias: um olhar para além da técnica*. In: COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). *Letramento digital: aspectos e possibilidades pedagógicas*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica/Ceale, 2011. p. 94. (Coleção Linguagem e Educação).

ROCHA, Eudson; ALVES, Lara Moreira. *Publicidade Online: o poder das mídias e redes sociais*. Fragmentos de Cultura, v. 20, n. 2, p. 221-230, 2010.

RÜSEN, Jörn. *Aprendizado histórico*. SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org.). *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba: Ed.UFPR, 2010, p.41-49.

_____. *Cultura faz sentido: orientações entre o ontem e o amanhã*. Tradução de Nélio Schneider. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. *Razão histórica. Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: UNB, 2001.

SCHMIDT, M. A. *A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula*. In: BITTENCOURT, C. *O saber histórico na sala de aula*. 11 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. *Cultura Histórica e aprendizagem Histórica*. Revista NUPEM, Campo Mourão, v, 6, n. 10, janeiro/junho. 2014.

_____. *“Jörn Rüsen e sua contribuição para a didática da História”*. Intelligere, Revista de História Intelectual, vol. 3, nº2, p. 60-76. 2017. Disponível em <http://revistas.usp.br/revistaintelligere>. Acesso em 22 de abril 2021.

_____. *Literacia histórica: um desafio para a educação histórica no século XXI*. História & Ensino [Universidade Estadual de Londrina], v.15, p. 9-22, ago.2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/11424/10102>. Acesso em: 18 jan. 2021.

SIBILIA, Paula. *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, H. M. G. D.; DAVID, C. M.; MANTOVANI, A. *A tecnologia como aliada no ensino de História e a sua adesão nas escolas de educação básica*. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, São Paulo, Araraquara, v. 10, n.2, abr./jun. 2015.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2005.

SILVA, M. DA C. *Educação histórica: perspectivas para o ensino de história em Goiás*. Sæculum – Revista de História, n. 24, 30 jun. 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOUZA, P.A.L. *Uma Ferramenta Computacional para Internet: Auxílio às Disciplinas Geografia e Meio Ambiente no Ensino Médio*. 2003. Monografia (Especialização em Informática Empresarial) Faculdade de Engenharia, Universidade Estadual Paulista. Guaratinguetá. p. 1-53.

SOUZA, Raone Ferreira de. *Podcast usos e possibilidades no ensino de história*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Instituto de História, da Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: Acesso em: 26 de março de 2021.

VIDAL, E.M.; MAIA, J. E.B. *Introdução a EaD e Informática Básica – 2. ed.* Fortaleza: EdUECE, 2015. 136p.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Psicologia e pedagogia).

APÊNDICES

APÊNDICE 1: PRIMEIRO QUESTIONÁRIO PARA OS ESTUDANTES

Pesquisa de Mestrado

UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI-URCA

MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA-PROFHISTÓRIA

PROJETO: O uso de *podcast* para o ensino e aprendizagem de história: produção e difusão com/para alunos do ensino médio.

PESQUISADOR: João Paulo de Oliveira Farias

ORIENTADORA: Profa. Dra. Sônia Maria de Meneses Silva

*Obrigatório

1. E-mail *

Questionário a ser aplicado junto aos participantes da pesquisa, para verificação de informações pertinentes aos aspectos relacionados com a disciplina de História e sobre o acesso e uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação para o ensino e aprendizagem de História.

2. Nome Completo *

3. Curso *

Administração

Agropecuária

Edificações

Informática

4. Qual sua idade? *

15 anos

16 anos

17 anos

18 anos

Outra idade

5. Sua residência se localiza em: *

Zona Urbana

Zona Rural

6. Como você se considera em relação a sua cor ou raça? *

Branco(a) Preto(a).

Amarelo(a).

Pardo(a).

Indígena.

Não quero declarar.

7. A respeito da disciplina de História, você: *

Gosta da disciplina de História

Não gosta da disciplina de História

Estudo apenas porque é uma obrigação escolar

Outro (especifique no item abaixo):

7.1. Espaço reservado para sua resposta, caso tenha marcado o item () outro na questão anterior.

8. Em relação a disciplina de História para sua vida, como você a considera? *

Muito importante

Importante

Pouca Importância

Nenhuma importância

9. Você tem dificuldades com a disciplina de história *

Sim

Não

9.1. Se a sua resposta anterior foi SIM, descreva quais são as principais dificuldades que você encontra para a aprendizagem de história.

10. Sobre as diferentes formas de aprendizagem histórica (alternativas didáticas), qual a importância que você atribui as seguintes fontes e linguagens para uso e aprendizagem de História?

a) Livro Didático *

- Muito Importante
 Importante
 Pouco importância
 Nenhuma importância

b) Aula Expositiva

- Muito importante
 Importante
 Pouca Importância
 Nenhuma importância

c) Fontes Impressas (Exemplo: revistas e livros paradidáticos de História) *

- Muito importante
 Importante
 Pouca Importância
 Nenhuma importância

d) Uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (Exemplo: uso de artigos e textos da internet, documentários, filmes, videoaula, entre outros materiais audiovisuais e etc.) *

- Muito importante
 Importante
 Pouca Importância
 Nenhuma importância

11. Como você mais gosta de estudar História? *

- Através da leitura do livro didático
- Através de recursos tecnológicos como o auxílio da internet
- Na escola (através da explicação do professor)
- Através de documentários
- Outro (especifique)

11.1. Se a sua resposta anterior foi () OUTRO, descreva sua resposta aqui.

12. Você faz uso da internet/web para estudar e fazer pesquisas escolares? *

- Sim
- Não

13. Antes da Pandemia da COVID-19, você já fazia uso da internet/web para estudar e fazer pesquisas escolares? *

- Sim
- Não

14. Você faz uso da internet/web para realizar as atividades e estudos de História? *

- Sim
- Não

15. Antes da Pandemia da COVID-19, você fazia uso da internet/web para realizar as atividades e estudos de História? *

- Sim
- Não

16. Como você considera o uso de recursos digitais para aprender História? *

- Importante
- Muito importante
- Pouco importância
- Nenhuma importância

17. Você possui celular do tipo smartphone? *

Sim

Não

18. Qual(is) o(s) principal(is) dispositivo(s) que você utiliza para a cesso a internet para estudos? *

Marque todas que se aplicam.

Notebook/computador

Tablet

Smartphone

19. Você costuma ouvir mídias de áudios como mp3 no celular ou no computador? *

Sim

Não

20. Você conhece ou já ouviu falar sobre mídias *podcast*? *

Sim

Não

21. Você conhece ou já ouviu algum programa ou episódio de *podcast*? *

Sim

Não

22. Você considera que a metodologia que use a mídias de áudios, como o *podcast*, pode contribuir para aprendizagem sobre conteúdos históricos? *

Sim

Não

23. Você conhece ou já ouviu algum *podcast* que trabalhe com conteúdo voltados para o conhecimento histórico? *

Sim

Não

24. Se a resposta anterior tiver sido sim, qual(is) programa(s) de *podcasts* você conhece? (especifique)

Obrigado pela participação na pesquisa.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE 2: ORIENTAÇÕES PARA AS EQUIPES



DISCIPLINA: HISTÓRIA

PROFESSOR: JOÃO PAULO FARIAS

DOCUMENTO: ORIENTAÇÕES PARA A EQUIPE

TEMA GERADOR:

CONCEITO DE ESCRAVIDÃO EM PERSPECTIVA: CONTEXTOS HISTÓRICOS DIVERSOS

SUBTEMA 1	Escravidão na Antiguidade e Escravidão Moderna: semelhanças e diferenças
Formato	Vídeo
Descrição	<p>O vídeo “Escravidão antiga e Escravidão moderna” foi realizado pela professora de História da UNESP Anelize Vergara, que fala dos conceitos de escravidão antiga e escravidão Moderna, além de tratar sobre suas manifestações em diferentes momentos históricos</p> <p>Durante o vídeo são apresentados exemplos de escravidão nesses diferentes períodos, trazendo como referências principalmente, os casos da Roma e da Grécia Antiga, para caracterizar a escravidão no mundo antigo e o caso do Brasil Colonial e Imperial, para caracterizar a escravidão moderna. Além de traçar um panorama entre os tipos de escravidão em seus diferentes momentos históricos, a professora também ressalta a problematização do termo “escravo”, muito importante para o entendimento sobre o tema. Como fica evidente no trabalho da professora, há muitas diferenças entre o termo escravidão que deve ser levado em consideração suas diferenças que podem ser refletidas nas diferenças lógica, geográfica e principalmente temporal dos conceitos.</p>
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Definir os conceitos de escravidão ao longo do processo histórico, incluindo principalmente suas diferenças entre períodos distintos. • Entender as relações de trabalho que existe desde os períodos mais remotos, mostrando que a escravidão assumiu formas e objetivos diferentes ao longo do tempo em diferentes regiões mundo.

	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar as diferenças das formas escravidão na Antiguidade (trazendo como exemplo a Antiguidade Clássica) e na Idade Moderna (escravidão na América, em especial o caso brasileiro). • Discutir os possíveis processos de transformação do trabalho compulsório da Antiguidade e da Idade Moderna.
Conteúdos abordados	<ul style="list-style-type: none"> • A escravidão durante a Antiguidade Clássica: a escravidão na Grécia e na Roma Antiga. • A escravidão no Período Moderno: escravidão das populações africanas. • As principais semelhanças e diferenças entre os tipos de trabalho compulsório da Antiguidade e da Idade Moderna.

Competências relacionadas	<p>Competências Gerais da Educação Básica</p> <p>Nº 1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.</p> <p>Nº 6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.</p>
----------------------------------	---

SUGESTÕES DE LEITURAS COMPLEMENTARES

Sugerimos a equipe assistir o vídeo intitulado “**Escravidão Antiga e Escravidão Moderna**”. Os estudantes devem se apropriar dos conceitos estudados através da aula, disponibilizado pelo seguinte link, que também foi disponibilizado no grupo (link: <<https://www.youtube.com/watch?v=eDTjaNeYdcq>>). Outras formas de utilizar o recurso de vídeo, poderá ser como complemento do conteúdo pesquisado ou como ponto de partida para uma discussão na mídia *podcast* a ser produzida pela equipe.

SUGESTÕES DE PÁGINAS DA INTERNET QUE PODEM AUXILIAR A EQUIPE NA ANÁLISE:

TEXTO 1: ESCRAVIDÃO NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA.

SOUSA, Rainer Gonçalves. *Escravidão na Antiguidade Clássica*. Mundo Educação. Disponível em < <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/escravidao-na-antiguidade-classica.htm>>. Acesso em 10 de mar. 2021.

TEXTO 2: ENTENDA A ESCRAVIDÃO MODERNA E SEUS CONCEITOS

ROCHA, Juscenir da Silva. *Entenda a Escravidão Moderna e seus conceitos*. Dicas de Vestibular < <https://dicasdevestibular.blogosfera.uol.com.br/2017/05/02/entenda-o-conceito-de-escravidao-moderna-e-seus-desdobramentos/> > Acesso em 10 de mar. 2021.

TEXTO 3: ESCRAVIDÃO NO BRASIL

SILVA, Daniel Neves. *Escravidão no Brasil*. Mundo Educação < <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/escravidao-no-brasil.htm> > Acesso em 10 de mar. 2021.

Com base nas leituras e no vídeo procure responder as seguintes perguntas para incluir essas respostas no seu **podcast**.

1. Como podemos definir o conceito de escravidão?
2. Qual era a situação das pessoas que foram colocadas em condições de escravizadas?
3. Como foi estabelecida a escravidão nos diferentes momentos da história da humanidade?
4. Como se dava a escravização das pessoas na Idade Antiga? (Utilize como exemplos o caso da Grécia ou de Roma Antiga)
5. Na Escravidão Moderna (escravidão colonial) quais eram os principais fatores para uma pessoa tornar-se escravizada?
6. De onde foram trazidas a maioria das pessoas escravizadas para as Américas?
7. Explique quem eram os principais responsáveis por explorar a mão de obra escrava, e o que tráfico de pessoas escravizadas gerou durante o período Moderno.
8. Como a escravidão ainda se faz presente na realidade brasileira (legados da escravidão da população negra e dos povos tradicionais da América)?



ESCOLA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
DEP. JOSÉ MARIA MELO
 GUARACIABA DO NORTE - CE

DISCIPLINA: HISTÓRIA
PROFESSOR: JOÃO PAULO FARIAS
DOCUMENTO: ORIENTAÇÕES PARA A EQUIPE

TEMA GERADOR:

CONCEITO DE ESCRAVIDÃO EM PERSPECTIVA: CONTEXTOS
 HISTÓRICOS DIVERSOS

SUBTEMA 2	A servidão medieval e a escravidão moderna: aspectos do cotidiano que permitem diferenciá-las
Formato	<i>Podcast</i>
Descrição	<p>O <i>podcast</i> “Servidão e escravidão no mundo antigo e medieval” tem a participação do professor de história Uiran Gebara da Silva, que fala dos conceitos de escravidão e servidão, além de suas manifestações como meios de dominação durante a Antiguidade e a Idade Média.</p> <p>No áudio são apresentados exemplos de escravidão em Roma e na Grécia do mundo antigo, assim como formas de trabalho forçado que se assemelhavam à servidão e também atrelavam uma pessoa ao trabalho rural. Depois de traçar um panorama sobre a servidão medieval na Europa e como ela diferia da escravidão que continuava existindo nesse período, Uiran conclui que, apesar das semelhanças, a escravidão e a servidão na Europa medieval derivaram das relações de trabalho do mundo antigo, mas não de maneira direta. Houve muitas transformações, refletidas na diferença lógica, geográfica e etimológica dos conceitos.</p>
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Definir os conceitos de escravidão e servidão, incluindo suas diferenças entre períodos distintos da história. • Apresentar as diferenças das formas de servidão e escravidão na Antiguidade, na Idade Média e na Idade Moderna.

Conteúdos abordados	<ul style="list-style-type: none"> • A escravidão na Grécia e em Roma durante a Antiguidade. • A servidão na Europa medieval. • As características da servidão na Europa medieval e as características da escravidão moderna. • As principais diferenças entre os tipos de trabalho compulsório da Idade Média e da Idade Moderna.
----------------------------	--

Competências relacionadas	<p>Competências Gerais da Educação Básica</p> <p>Nº 1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.</p> <p>Nº 6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.</p>
----------------------------------	---

SUGESTÕES DE LEITURAS COMPLEMENTARES

Sugerimos a equipe ouvir o áudio intitulado “**Servidão e escravidão no mundo antigo e medieval**”. Os estudantes devem se apropriar dos conceitos estudados através do *podcast* disponibilizado no grupo de WhatsApp e na plataforma do Google Sala de Aula. Outras formas de utilizar o recurso de áudio, poderá ser utilizado como complemento do conteúdo pesquisado ou como ponto de partida para uma discussão na mídia *podcast* a ser produzidos pela equipe.

SUGESTÕES DE PÁGINAS DA INTERNET QUE PODEM AUXILIAR A EQUIPE NA ANÁLISE:

TEXTO 1: SERVIDÃO

SOUSA, Rainer Gonçalves. *Servos*. Mundo Educação Disponível em <
<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/servos.htm> > Acesso em 10 de mar.
 2021.

TEXTO 2: ENTENDA A ESCRAVIDÃO MODERNA E SEUS CONCEITOS

ROCHA, Juscenir da Silva. *Entenda a Escravidão Moderna e seus conceitos*. Dicas de Vestibular. Disponível em: <

<https://dicasdevestibular.blogosfera.uol.com.br/2017/05/02/entenda-o-conceito-de-escravidao-moderna-e-seus-desdobramentos/> > Acesso em 10 de mar. 2021.

TEXTO 3: ESCRAVIDÃO NO BRASIL

SILVA, Daniel Neves. *Escravidão no Brasil*. Mundo Educação. Disponível em: < <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/escravidao-no-brasil.htm> > Acesso em 10 de mar. 2021.

- 1) O *podcast* “Servidão e escravidão no mundo antigo e medieval”, é um recurso didático que complementa o estudo das formas de dominação por meio do trabalho forçado, comparando a escravidão com as formas de servidão e de trabalho livre na Antiguidade e na Idade Média, lembre-se que o seu tema é : Servidão na Idade Média e Escravidão na Idade Moderna , portanto, a equipe deverá usar o áudio para fins de comparação entre o termo **escravidão** e **servidão**. Ao final, organize uma discussão sobre o que há de diferente entre as formas de trabalho na Europa medieval e na sociedade Moderna (em especial, a sociedade da América portuguesa a partir do século XVI).
- 2) Com base nas leituras e no áudio, procure responder as seguintes perguntas para incluir as respostas no seu *podcast*.
 1. Qual a diferenciação conceitual a respeito do termo servidão medieval e a escravidão moderna (escravidão colonial)?
 2. O que definia ser um servo na Idade Medieval e um trabalhador escravizado na Idade Moderna (período colonial)?
 3. Quais situações marcam as principais características da servidão medieval?
 4. Quais situações marcam as principais características da escravidão moderna?
 5. E hoje em dia, vocês acreditam que ainda exista escravidão ou algo semelhante à servidão?



ESCOLA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
DEP. JOSÉ MARIA MELO
 GUARACIABA DO NORTE - CE

DISCIPLINA: HISTÓRIA
PROFESSOR: JOÃO PAULO FARIAS
DOCUMENTO: ORIENTAÇÕES PARA A EQUIPE

TEMA GERADOR:

CONCEITO DE ESCRAVIDÃO EM PERSPECTIVA: CONTEXTOS
 HISTÓRICOS DIVERSOS

TEMA 3	Escravidão indígena e escravidão negra no Brasil: aspectos comparativos
Formato	<i>Podcast</i>
Descrição	<p>Os <i>podcasts</i> usados para analisar o tema “Escravidão indígena e escravidão negra no Brasil: aspectos comparativos” foram realizados pelo projeto Brasil Baobá. No <i>podcast</i>: a escravidão indígena, o autor aborda a relação dos indígenas durante o período Colonial brasileiro, ressaltando as discussões entre os colonos e a igreja e seus interesses em relação a escravidão indígena.</p> <p>No <i>podcast</i> sobre escravidão africana, o autor aborda alguns cenários desde a chegada dos africanos no Brasil e as contribuições no processo de formação identitária, cultural e linguística dos brasileiros.</p> <p>É importante notar que há muitas diferenças entre a escravização dos povos originários das Américas (os indígenas) e as pessoas escravizadas trazidas do continente africano, que devem ser levados em consideração.</p>
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Definir os conceitos de escravidão ao longo do processo histórico, incluindo principalmente suas diferenças entre períodos distintos.

	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar as diferenças e semelhanças entre as formas de escravização das populações nativas da América e da diáspora dos povos africanos. • Discutir os possíveis processos de transformação do trabalho compulsório na Idade Moderna.
Conteúdos abordados	<ul style="list-style-type: none"> • A escravidão Indígena no período Colonial; • A escravidão no Período Moderno: escravidão das populações africanas. • As principais semelhanças e diferenças entre os tipos de trabalho compulsório realizado pelos indígenas e pelos africanos escravizados.
Competências relacionadas	<p>Competências Gerais da Educação Básica</p> <p>Nº 1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.</p> <p>Nº 6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.</p>

SUGESTÕES DE LEITURAS COMPLEMENTARES

Sugerimos a equipe ouvir os *podcasts* intitulados “A chegada dos africanos no Brasil” e “Escravidão Indígena”, através dos respectivos links < <https://anchor.fm/brasilbaoba/episodes/Histria---A-chegada-dos-africanos-ao-Brasil-ese3pr/a-a4ts34g>>, e <<https://anchor.fm/brasilbaoba/episodes/Histria--A-escravido-indgena-esb1j6/a-a4te2bd>>. Logo abaixo se encontram sugestões de leituras para complementar suas análises. Portanto, outras formas de utilizar o recurso de áudio será como complemento do conteúdo pesquisado ou como ponto de partida para uma discussão na mídia *podcast* a ser produzida pela equipe.

SUGESTÕES DE PÁGINAS DA INTERNET QUE PODEM AUXILIAR A EQUIPE NA ANÁLISE:

TEXTO 1: DIFERENÇAS ENTRE ESCRAVIDÃO INDÍGENA E ESCRAVIDÃO AFRICANA

SILVA, Daniel Neves. *Diferenças entre escravidão indígena e escravidão africana*. Mundo Educação < <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/escravidao-indigena-x-escravidao-africana.htm> > Acesso em 10 de mar. 2021.

TEXTO 2: ENTENDA A ESCRAVIDÃO MODERNA E SEUS CONCEITOS

ROCHA, Juscenir da Silva. *Entenda a Escravidão Moderna e seus conceitos*. Dicas de Vestibular < <https://dicasdevestibular.blogosfera.uol.com.br/2017/05/02/entenda-o-conceito-de-escravidao-moderna-e-seus-desdobramentos/> > Acesso em 10 de mar. 2021.

TEXTO 3: ESCRAVIDÃO NO BRASIL

SILVA, Daniel Neves. *Escravidão no Brasil*. Mundo Educação < <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/escravidao-no-brasil.htm> > Acesso em 10 de mar. 2021.

Com base nas leituras e nos áudios procure responder as seguintes perguntas para incluir essas respostas no seu *podcast*.

1. Como podemos definir o conceito de escravidão?
2. Qual era a situação das pessoas que foram colocadas em condições de escravizadas?
3. Como foi estabelecida a escravização dos povos indígenas no Brasil e até quando ela ocorreu dentro do contexto de legalidade?
4. Quais os motivos da oposição à escravização indígena por parte da Igreja católica durante o período colonial?
5. Quais os principais motivos para o predomínio da escravidão africana na América Portuguesa (Brasil Colonial)?
6. De onde foi trazida a maioria das pessoas escravizadas que vieram para as Américas?
7. Explique quem eram os principais responsáveis por explorar a mão de obra escrava, e os interesses por trás do tráfico durante o período Moderno, a partir da colonização da América.
8. Como a escravidão ainda se faz presente na realidade brasileira (Legados da escravidão)?



ESCOLA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
DEP. JOSÉ MARIA MELO
 GUARACIABA DO NORTE - CE

DISCIPLINA: HISTÓRIA

PROFESSOR: JOÃO PAULO FARIAS

DOCUMENTO: ORIENTAÇÕES PARA A EQUIPE

TEMA GERADOR:

**CONCEITO DE ESCRAVIDÃO EM PERSPECTIVA: CONTEXTOS
 HISTÓRICOS DIVERSOS**

SUBTEMA 4	Escravidão moderna e as formas de trabalho análogo de escravizados no mundo contemporâneo.
Formato	Áudio
Descrição	O áudio apresenta uma fala do jornalista Leonardo Sakamoto sobre as mudanças e permanências do trabalho escravo no Brasil. O trabalho escravo até a Lei Áurea, em 1888, caracterizava-se por tornar propriedade o africano escravizado (<i>escravidão moderna</i>). Já as formas de trabalho análogo de escravo (<i>escravidão contemporânea</i>) dizem respeito a trabalhadores forçados a assumir dívidas com seus patrões, que os controlam, entre outras formas, por meio principalmente da retenção de documentos. As duas maneiras de escravizar são mantidas com o recurso à violência física e psicológica, forçando as pessoas a trabalharem exaustivamente. Segundo Leonardo Sakamoto, a escravidão atual é resultado direto de erros cometidos na execução do processo abolicionista no Brasil, que não garantiu terras ou meios para as pessoas que foram escravizadas ou seus descendentes reconstruírem as suas vidas – impedindo assim que os povos pudessem ascender socialmente, e nesse sentido favoreceu para que eles fossem alvos de novas formas abusivas de exploração de trabalho.
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Mostrar as principais características e diferenças da escravidão colonial e/ou imperial e das formas de trabalho análogo da escravidão (escravidão contemporânea).

	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber as origens da escravidão contemporânea e sua relação com as falhas do processo de abolição da escravidão no Brasil no final do século XIX. • Analisar as ações de combate ao trabalho escravo após a Constituição de 1988. • Entender a importância das políticas de inclusão (por exemplo, cotas raciais em universidades) como forma de reparar danos causados pelos legados da escravidão.
Conteúdos abordados	<ul style="list-style-type: none"> • As origens da escravidão contemporânea. • A Lei Áurea e as consequências de sua deficiência na reintegração dos indivíduos antes escravizados. • As semelhanças e diferenças entre a escravidão praticada até o final do século XIX e as formas de trabalho análogo a escravidão. • As políticas públicas do governo brasileiro para enfrentar a escravidão após a Constituição de 1988.
Competências relacionadas	<p>Competências Gerais da Educação Básica</p> <p>Nº 1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.</p> <p>Nº 6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.</p>

SUGESTÕES DE LEITURAS COMPLEMENTARES

Sugerimos a equipe ouvir o áudio intitulado “**Trabalho escravo ontem e hoje**”. Os estudantes devem se apropriar dos conceitos estudados através do *podcast* disponibilizado no grupo. Outras formas de utilizar o recurso de áudio, poderá ser utilizado como complemento do conteúdo pesquisado ou como ponto de partida para uma discussão na mídia *podcast* a ser produzida pela equipe.

SUGESTÕES DE PÁGINAS DA INTERNET QUE PODEM AUXILIAR A EQUIPE NA ANÁLISE:

TEXTO 1: LUTAS DOS ESCRAVOS E O FIM DA ESCRAVIDÃO NO BRASIL.

PINTO, Tales. *Lutas dos escravos e o fim da escravidão no Brasil*. História do Mundo. Disponível em < <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/lutas-dos-escravos-e-o-fim-da-escravidao-no-brasil.htm>>. Acesso em 10 de mar. 2021

TEXTO 2: COMO LEI BRASILEIRA DEFINE O TRABALHO ANÁLOGO AO ESCRAVO

Como lei brasileira define o trabalho análogo ao escravo. Conectas Direitos Humanos. Disponível em: < <https://www.conectas.org/noticias/como-a-lei-brasileira-define-o-trabalho-analogo-ao-escravo>> . Acesso em 10 mar. 2021.

TEXTO 3: TRABALHO ESCRAVO NO BRASIL ATUAL.

PENA, Rodolfo Alves. *Trabalho escravo no Brasil atual.* *Brasil Escola*. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/brasil/trabalho-escravo-no-brasil-atual.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

TEXTO 4: CEARÁ TEVE 7 TRABALHADORES RESGATADOS EM CONDIÇÕES ANÁLOGAS À ESCRAVIDÃO EM 2019

Ceará teve 7 trabalhadores resgatados em condições análogas à escravidão em 2019. *Globo*. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/01/29/ceara-teve-7-trabalhadores-resgatados-em-condicoes-analogas-a-escravidao-em-2019.ghtml> Acesso em: 10 mar. 2021.

- 1) Leia sobre as leis que estabeleceram o fim da escravidão no Brasil (Especialmente a Lei Áurea); observe também o áudio “**Trabalho escravo ontem e hoje**”. O material compara as mudanças e permanências da escravidão colonial e da escravidão atual. É importante prestar atenção em como as falhas na abolição da escravidão em 1888 podem estar relacionadas ao trabalho análogo à escravidão na atualidade, faça anotações sobre o áudio e o texto.

- 2) Com base nas leituras e no áudio procure responder as seguintes perguntas para incluir essas respostas no seu **podcast**.
 1. Qual o conceito de escravidão?
 2. Qual era a situação das pessoas que foram colocadas em condições de escravizadas?
 3. Quais as principais características da escravidão moderna (escravidão colonial)?
 4. Quais as relações da escravidão colonial com o trabalho análogo a escravidão?
 5. Observe as formas que as pessoas eram mantidas presas àquela situação.
 6. É possível perceber algumas empresas grandes que se beneficiavam pelo trabalho análogo a escravidão dessas pessoas?
 7. Qual foi ou deve ser a punição aplicada aos indivíduos ou empresas que exploram o trabalho dessas pessoas, através do trabalho análogo a escravidão?

APÊNDICE 3:INFOGRÁFICO

HISTÓRIA DE PLANTÃO
INFOGRÁFICO

CONCEITO DE ESCRAVIDÃO EM PERSPECTIVA:
contextos históricos diversos

Podemos definir o conceito de **ESCRAVIDÃO** como sendo a relação de trabalho que existe desde os períodos mais remotos das sociedades humanas. A escravidão, no entanto, assumiu formas e objetivos diferentes ao longo do tempo e em diferentes regiões do mundo.

Idade antiga

TRADICIONALMENTE É O PERÍODO DA HISTÓRIA QUE SE DEU A PARTIR DO DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA, MAIS OU MENOS POR VOLTA DE 4000 ANOS A.C., E SE ESTENDE ATÉ A QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO DO OCIDENTE, EM 476 DA ERA CRISTÁ.



Escravidão na Antiguidade

DURANTE A ANTIGUIDADE, OS LAÇOS DE PARENTESCO ERAM MUITO VALORIZADOS E

DETERMINAVAM A POSIÇÃO SOCIAL E OS OFÍCIOS DE FAMÍLIA DAS PESSOAS. O TRABALHO INTELECTUAL ERA MAIS VALORIZADO QUE O TRABALHO MANUAL. ASSIM, ERA MUITO COMUM ENCONTRAR NAS SOCIEDADES ANTIGAS UMA NOBREZA "NASCIDA NA TERRA", QUE NÃO EXECUTAVA TRABALHO MANUAL, ALTAMENTE PRIVILEGIADA E QUE DISPUNHA DE INÚMEROS TRABALHADORES LIVRES E ESCRAVOS PARA A EXECUÇÃO DE TAREFAS BRAÇAS.



GERALMENTE, OS TRABALHADORES LIVRES ERAM DESCENDENTES DE POVOS DOMINADOS PACIFICAMENTE EM UM DETERMINADO TERRITÓRIO, ENQUANTO OS ESCRAVOS ERAM ESTRANGEIROS CAPTURADOS EM GUERRA.

O trabalho escravo foi uma prática estabelecida, com características diferentes, entre os mais distintos povos da Antiguidade, como por exemplo, na Babilônia, na Assíria, no Egito, na Grécia e no Império Romano, etc.

Idade Medieval

TRADICIONALMENTE A IDADE MEDIEVAL É UM LONGO PERÍODO DA HISTÓRIA QUE SE ESTENDEU DO SÉCULO V AO SÉCULO XV.



DE ACORDO COM O DICIONÁRIO MICHAELLIS TEMOS:

2. ESTADO OU CONDIÇÃO DE QUEM ESTÁ SOB O CONTROLE DE ALGUÉM OU DE ALGO; DEPENDÊNCIA, SUBMISSÃO, SUJEIÇÃO.
4. REGIME DE TRABALHO RURAL QUE PREDOMINOU NA IDADE MÉDIA NA EUROPA OCIDENTAL EM QUE O SERVO, MESMO SEM SER PROPRIAMENTE ESCRAVO, VIVIA PRESO À TERRA QUE CULTIVAVA E NA DEPENDÊNCIA DO SEU PROPRIETÁRIO OU SENHOR.



Servidão no Medieval



A SERVIDÃO, ENTÃO, SERIA A SITUAÇÃO DE DEPENDÊNCIA, SUBMISSÃO OU SUJEIÇÃO, SEMELHANTE AO QUE ACONTECE NA ESCRAVIDÃO MODERNA, EXCLUINDO-SE OS CASTIGOS FÍSICOS E A QUESTÃO DO SER HUMANO TRATADO COMO MERCADORIA.

Segundo Castro (1988, p. 38), "O trabalhador servil nessas condições era materialmente compelido a manter-se nas terras que laborava ou sob o poder pessoal do seu senhor, segundo um estatuto que transmitia de geração para geração. Embora numa subordinação já mais ligeira que a do escravo, visto a entidade dominante não poder dispor de sua vida e haver de reconhecer a existência pessoal de alguns bens do servo, esta contrição material física direta em ordem a obter o excedente do auto-consumo histórico mínimo do próprio produtor e de sua família foi-se porém adoçando aos poucos". Portanto, o que marca as principais características da servidão medieval é esta condição, na qual o servo não é considerado propriedade do senhor, mas devendo a ele tributos e não podendo sair de seus domínios".

Idade Moderna

A IDADE MODERNA, DENTRO DA PERIODIZAÇÃO CLÁSSICA, É O PERÍODO QUE SUCEDE A IDADE MÉDIA E ANTECEDE A IDADE CONTEMPORÂNEA. ESTENDENDO-SE DO SÉCULO XV AO SÉCULO XVIII



Escravidão na Idade Moderna

Na período da expansão marítima e comercial, os europeus conheceram e estimularam a chamada escravidão moderna. Os europeus, a partir dessa modalidade escravista, desenvolveram um comércio sem precedentes. Apoiavam-se na mentalidade de que a América, a África e mesmo regiões da Ásia eram um deserto cultural e religioso, e precisavam assim ser "civilizadas" pelos europeus. Na América espanhola e portuguesa, a escravidão indígena foi largamente utilizada, dizimando, em muitas situações, a população originária. Já a escravidão africana foi responsável pelo tráfico de mais de 11 milhões de pessoas para o continente americano. Inicialmente, os escravizados foram explorados nas lavouras e nas minerações. Com o crescimento das cidades durante o período colonial, os ofícios ganharam novos contornos especializados.

Idade Contemporânea

COMPREENDIDA DIDATICAMENTE COMO O PERÍODO ENTRE O INÍCIO DA REVOLUÇÃO FRANCESA, ATÉ OS DIAS ATUAIS.





As formas de trabalho análogo de escravo no mundo contemporâneo

A PARTIR DO SÉCULO XVII, COM A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL, AS RELAÇÕES DE TRABALHO SOFRERAM GRANDES TRANSFORMAÇÕES E ORIGINARAM UMA NOVA CATEGORIA DE TRABALHADORES: OS PROLETÁRIOS OU ASSALARIADOS.



SEM POSSUIREM OS MEIOS DE PRODUÇÃO (TERRAS, FÁBRICAS, MÁQUINAS OU OUTROS INSTRUMENTOS) VENDIAM SUA FORÇA DE TRABALHO E SEU TEMPO EM TROCA DE UM SALÁRIO. APÓS AS LUTAS OPERÁRIAS DOS SÉCULOS XIX E XX, A REMUNERAÇÃO DIGNA E JUSTA É A ÚNICA RELAÇÃO DE TRABALHO ACEITA PELA OIT (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO) E QUALQUER SITUAÇÃO QUE FUJA A ESSES PARÂMETROS É CONSIDERADA ILLEGAL.

Mesmo após muitos movimentos de luta e a proibição da escravidão, persiste uma prática criminosa nos dias atuais, é aquela análoga ao trabalho escravo. Essa forma de trabalho se caracteriza pela exploração degradante de pessoas em condição de vulnerabilidade social, tendo como objetivo imediato, a maximização dos lucros de quem usa e explora essas pessoas.

PARA SABER MAIS SOBRE O TEMA



SITE: ESCRAVO, NEM PENSAR!

[HTTPS://ESCRAVONEMPENSAR.ORG.BR/LIVRO/](https://escravonempensar.org.br/livro/)



SITE: BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL

[HTTPS://BNDIGITAL.BN.GOV.BR/DOSSIES/TRAFICO-DE-ESCRAVOS-NO-BRASIL/GALERIA-DE-IMAGENS/FOLHETOS/](https://bndigital.bn.gov.br/dossies/trafico-de-escravos-no-brasil/galeria-de-imagens/folhetos/)



VÍDEO: A ROTA DO ESCRAVO- A ALMA DA RESISTÊNCIA

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=HBREABZHN4Q](https://www.youtube.com/watch?v=HBREABZHN4Q)



TEXTO: ESCRAVIDÃO

[HTTPS://WWW.TODAMATERIA.COM.BR/ESCRVIDAO/](https://www.todamateria.com.br/escravidao/)

APÊNDICE 4: QUESTIONÁRIO 2

28/05/2021

QUESTIONÁRIO SOBRE O USO DE PODCAST NAS AULAS DE HISTÓRIA

QUESTIONÁRIO SOBRE O USO DE PODCAST NAS AULAS DE HISTÓRIA

Questionário sobre o uso da metodologia Podcast nas aulas de História- Temática:
Escravidão em perspectiva: contextos históricos diversos sobre a escravidão

***Obrigatório**

1. E-mail *

2. NOME COMPLETO DO ESTUDANTE *

3. TURMA *

Marcar apenas uma oval.

- 2º ADMINISTRAÇÃO
- 2º AGROPECUÁRIA
- 2º EDIFICAÇÕES
- 2º INFORMÁTICA

1º BLOCO- SOBRE O USO DA METODOLOGIA PODCAST NAS AULAS DE HISTÓRIA

4. 1) Você tem dificuldades em usar as ferramentas digitais? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

28/05/2021

QUESTIONÁRIO SOBRE O USO DE PODCAST NAS AULAS DE HISTÓRIA

5. 2) Você já havia estudado antes da atividade proposta de história através de uma metodologia que utilizasse a ferramenta podcast nas aulas? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

6. 3) Você considera que a metodologia que envolveu a pesquisa e a produção de áudios através da mídia podcast em Grupos de Trabalho (GTs) sobre a temática estudada, contribuiu para aprendizagem sobre o conceito de escravidão e o seu contexto histórico? Justifique. *

7. 4) O que você mais gostou ao trabalhar com a mídia podcast na disciplina de história? *

Marcar apenas uma oval.

A possibilidade da pesquisa e produção dos materiais, através das etapas e leituras orientadas.

A pesquisa e a produção da mídia podcast sobre o tema facilita a aprendizagem do conteúdo.

O ensino se tornou mais atrativo ao utilizar esse recurso.

Houve a ampliação do conhecimento.

Outro (especifique)

28/05/2021

QUESTIONÁRIO SOBRE O USO DE PODCAST NAS AULAS DE HISTÓRIA

8. Caso a resposta anterior (questão 4) tenha sido OUTRO (especifique sua resposta aqui)

9. 5) Para você a realização da tarefa que envolveu a metodologia ativa, através da pesquisa e produção da mídia podcast facilitou a aprendizagem do conteúdo histórico abordado? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

10. 6) Qual o principal problema você poderia citar, em relação a realização da atividade que envolveu a pesquisa e a produção de um conteúdo através da mídia podcast na disciplina de história? *

Marcar apenas uma oval.

- Conexão lenta da internet e dificuldades de acesso
 Não compreendi as etapas da tarefa proposta.
 Tive dificuldade em me organizar em relação ao tempo para a realização da atividade junto a equipe.
 Tive dificuldade para realizar a atividade em grupo, pois o contato com os demais membros foram poucos.
 Tive dificuldade em entender como produzir a mídia podcast
 Falta de interesse
 Outro (especifique)

28/05/2021

QUESTIONÁRIO SOBRE O USO DE PODCAST NAS AULAS DE HISTÓRIA

11. Caso a resposta anterior (questão 6) tenha sido OUTRO (especifique sua resposta aqui)

7) Em relação a sua experiência com a metodologia que envolveu as etapas de pesquisa e a produção de conteúdo através da mídia podcast, faça uma avaliação dos seguintes pontos:

12. 7.1) Aprender a pesquisar com diferentes fontes, textos, sites, vídeos, etc. *

Marcar apenas uma oval.

- Excelente
- Bom
- Regular
- Ruim
- Péssimo

13. 7.2. Auxilia no processo de pesquisa e na aprendizagem histórica. *

Marcar apenas uma oval.

- Excelente
- Bom
- Regular
- Ruim
- Péssimo

28/05/2021

QUESTIONÁRIO SOBRE O USO DE PODCAST NAS AULAS DE HISTÓRIA

14. 7.3. Desenvolver habilidades de trabalhar em Grupo/Equipe de forma colaborativa e participativa. *

Marcar apenas uma oval.

- Excelente
- Bom
- Regular
- Ruim
- Péssimo

15. 7.4. Conhecer mais sobre o conceito de escravidão em diferentes momentos históricos *

Marcar apenas uma oval.

- Excelente
- Bom
- Regular
- Ruim
- Péssimo

16. 7.5. Analisar, refletir e conhecer mais sobre a escravidão, principalmente aquela que se desenvolveu durante o período Colonial e Imperial da história do Brasil e seus legados. *

Marcar apenas uma oval.

- Excelente
- Bom
- Regular
- Ruim
- Péssimo

28/05/2021

QUESTIONÁRIO SOBRE O USO DE PODCAST NAS AULAS DE HISTÓRIA

17. 8) A utilização da metodologia que utilizou a mídia podcast proporcionou um trabalho que desenvolveu práticas de pesquisas na internet e na produção de conteúdos históricos? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

18. 9) Em sua opinião há vantagens em utilizar a mídia podcast por vezes como uma metodologia ativa nas aulas de História em relação as aulas convencionais (Ex: aula expositiva pelo professor)? Justifique. *

2º BLOCO- PESQUISA SOBRE O SEU GRUPO DE TRABALHO (GT) NA REALIZAÇÃO DA TAREFA ATRAVÉS DA PRODUÇÃO DE PODCAST

1) Sobre o trabalho em grupo na realização da tarefa da produção de podcast de conteúdos históricos:

19. 1.1. As etapas propostas facilitaram o processo de pesquisa e organização do Grupo de Trabalho(GT) *

Marcar apenas uma oval.

Concordo

Concordo totalmente

Discordo

Discordo totalmente

28/05/2021

QUESTIONÁRIO SOBRE O USO DE PODCAST NAS AULAS DE HISTÓRIA

20. 1.2. Através do trabalho proposto aprendemos uns com os outros de forma colaborativa *

Marcar apenas uma oval.

- Concordo
 Concordo totalmente
 Discordo
 Discordo totalmente

21. 1.3. O grupo trabalhou unido para responder as etapas da pesquisa e produção da mídia podcast *

Marcar apenas uma oval.

- Concordo
 Concordo totalmente
 Discordo
 Discordo totalmente

22. 1.4. Acreditamos que a metodologia educacional que envolveu o uso da mídia podcast tenha conseguido contribuir em um envolvimento maior em grupo *

Marcar apenas uma oval.

- Concordo
 Concordo totalmente
 Discordo
 Discordo totalmente

28/05/2021

QUESTIONÁRIO SOBRE O USO DE PODCAST NAS AULAS DE HISTÓRIA

23. 1.5. NÃO acreditamos que essa metodologia educacional que envolve o uso da mídia podcast possa contribuir para o envolvimento de trabalho em grupo *

Marcar apenas uma oval.

- Concordo
 Concordo totalmente
 Discordo
 Discordo totalmente

24. 2) O trabalho em grupo ajudou e facilitou no processo da realização da atividade? Justifique. *

25. 3) O trabalho em grupo desenvolvido possibilitou um processo de aprendizagem histórica sobre o tema estudado? Justifique. *

26. 4) Ao realizar uma atividade de História você prefere trabalhar sozinho ou em grupo? *

Marcar apenas uma oval.

- Em Grupo
 Sozinho (a)

28/05/2021

QUESTIONÁRIO SOBRE O USO DE PODCAST NAS AULAS DE HISTÓRIA

COM BASE NA QUESTÃO 4, SE VOCÊ RESPONDEU EM GRUPO RESPONDA SOMENTE A QUESTÃO 5, SE RESPONDEU SOZINHO(A) RESPONDA SOMENTE A QUESTÃO 6.

27. 5) Você prefere trabalhar em grupo porque:

Marcar apenas uma oval.

- Facilita para uma aprendizagem colaborativa
- Permite a troca de ideias entre os colegas
- Ajuda no desenvolvimento do senso crítico
- É possível uma maior interação entre os colegas
- Outro (especifique abaixo da questão 6)

28. 6) Prefere trabalhar sozinho (a) porque:

Marcar apenas uma oval.

- Não consigo me concentrar fazendo uma atividade em Grupo
- Gosto de estudar e desenvolver minhas atividades sozinho(a)
- Pois fico mais concentrado
- Não há distração quando faço minhas atividades sozinho
- Outro (especifique abaixo da questão 6)

29. Se na questão 5 ou 6 você marcou a alternativa OUTRO (especifique) , explique nesse espaço.

28/05/2021

QUESTIONÁRIO SOBRE O USO DE PODCAST NAS AULAS DE HISTÓRIA

30. 7) Sobre a mídia podcast produzida pela equipe deixe um comentário de como foi trabalhar com esse recurso. *

31. 8) Sobre o tema trabalhado pelos GTs -Escravidão em perspectivas: contextos históricos diversos - deixe um comentário da importância de trabalhar com essa temática. *

Obrigado pelas respostas e colaboração no trabalho. Sucesso Pleno!

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários